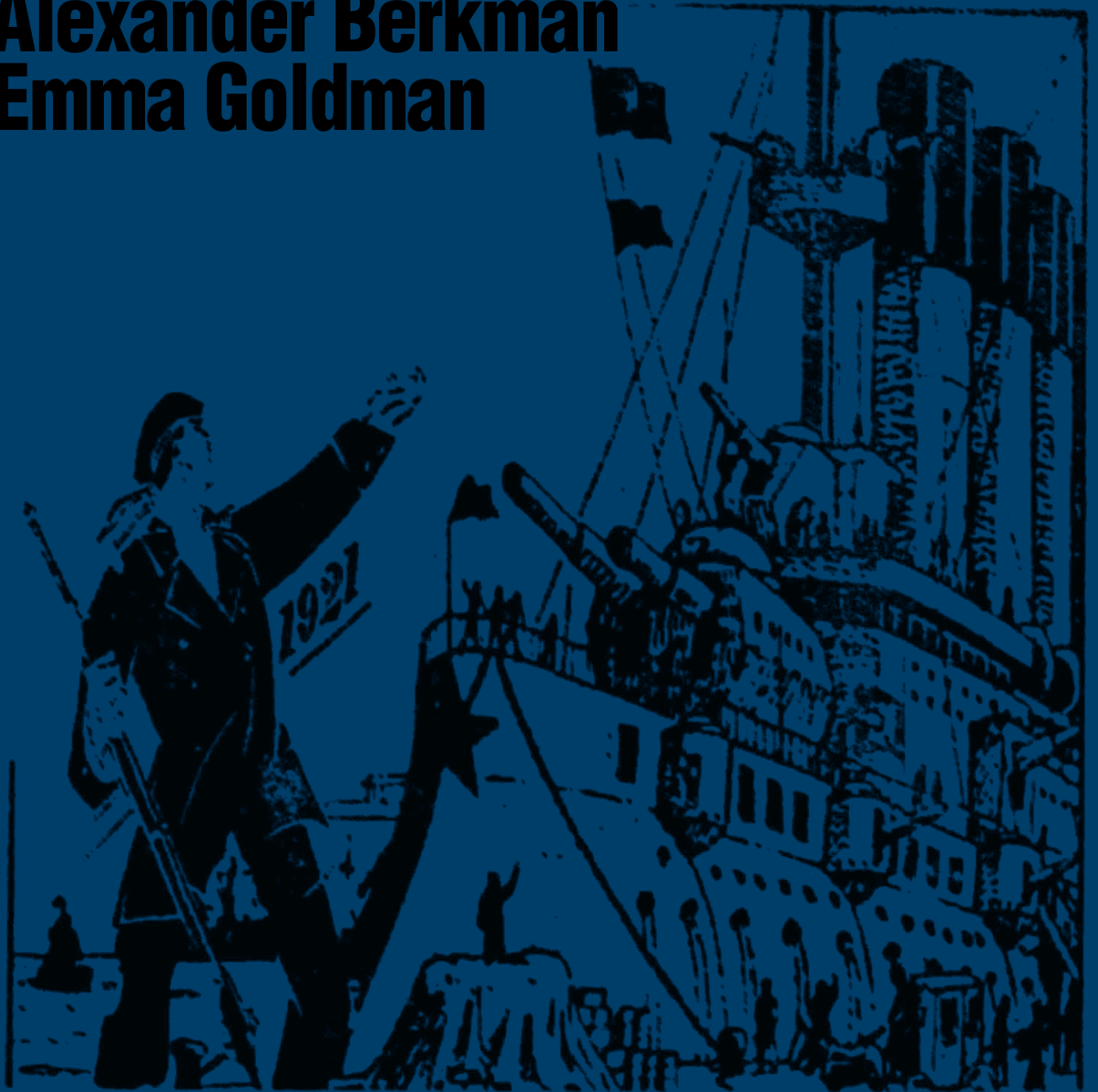


**Alexander Berkman
Emma Goldman**



KRONSTADT

O movimento de Kronstadt foi espontâneo, sem preparativos preliminares e pacífico. A sua transformação em um conflito armado de fim trágico e sangrento foi devido unicamente ao despotismo da ditadura comunista.

A despeito de se dar conta do caráter geral dos bolcheviques, Kronstadt, não obstante, ainda tinha fé na possibilidade de uma solução amistosa. Credo que o governo comunista viria à razão, lhe creditava um certo espírito de justiça e de liberdade.

A experiência de Kronstadt prova uma vez mais que o governo, o Estado – qualquer que seja seu nome e sua forma – é sempre o inimigo mortal da liberdade e da autodeterminação. O Estado não tem nem alma nem princípios. Ele tem um único objetivo: assegurar o poder e conservá-lo, a qualquer preço. Esta é a lição política de Kronstadt.

Porém o “triunfo” dos bolcheviques sobre Kronstadt carregava em suas entranhas a derrota do bolchevismo. Ele expõe o caráter verdadeiro da ditadura comunista.



A T E N E U

Diego Giménez

KRONSTADT

Alexander Berkman
Emma Goldman

Ateneu Diego Giménez
2011



Edições Originais:

Kronstadt. FORA-AIT. Buenos Aires, ano desconhecido.

The Kronstadt Rebellion. Der Sindikalist, Berlim, 1922.

My Disillusionment in Russia. Doubleday, Page & Company. Nova Iorque, 1923.

Living My Life. Alfred A Knopf Inc. Nova Iorque, 1931.

Trotsky Protests Too Much. The Anarchist Communist Federation. Glasgow, 1938.

La Verdad sobre Kronstadt. Barcelona, 2001.

Tradução e Diagramação:

Ateneu Diego Giménez

COB-AIT

Piracicaba, 2011

<http://ateneudiegogimenez.wordpress.com>

<http://cob-ait.net>

<http://www.iwa-ait.org>



ÍNDICE

A rebelião de Kronstadt	1
Alexander Berkman	
Kronstadt	27
Emma Goldman	
Trotsky protesta demais	42
Emma Goldman	
Posfácio: Lições e significância de Kronstadt	54
Alexander Berkman	
Anexo: A verdade sobre Kronstadt	57
Stepan Petritchenko	

A REBELIÃO DE KRONSTADT

Alexander Berkman

I. Desordens operárias em Petrogrado

Era o início de 1921. Os tempos de guerra mundial, de revolução e de guerra civil debilitaram a Rússia até o extremo e puseram o povo à beira do desespero. Porém, no fim, a guerra civil terminou: os numerosos fronts foram liquidados, e Wrangel – a última esperança de intervenção da Entente e da contrarrevolução russa – foi derrotado, concluindo sua atividade militar na Rússia. O povo esperava agora com confiança um alívio do severo regime bolchevique. Se esperava que os comunistas, terminando a guerra civil, aliviassem as pesadas cargas, abolissem as restrições introduzidas durante a guerra, instaurassem certas liberdades fundamentais e comesçassem a organização normal da vida. Longe de ser popular, o governo bolchevique era, pelo contrário, suportado pelos operários devido a seu plano, frequentemente anunciado, de empreender a reconstrução econômica do país logo que cessassem as operações militares. O povo estava ansioso para cooperar, para prestar sua iniciativa e seu esforço criador na obra de reconstrução do país arruinado.

Desgraçadamente, estas esperanças foram logo frustadas. O Estado comunista não evidenciou, de nenhum modo, ter a intenção de debilitar o jugo. Continuava a mesma política. A militarização do trabalho escravizava ainda mais o povo, e isso se exacerbava mais e mais pela opressão crescente e pela tirania. Tal estado de coisas paralisava toda possibilidade de um renascimento industrial.

Desaparecia a última esperança e se reforçava a convicção de que o partido comunista estava mais interessado em conservar o poder político do que em salvar a revolução.

O elemento mais revolucionário da Rússia, o proletariado de Petrogrado, foi o primeiro a protestar. Lançou a acusação de que, entre outras causas, a centralização bolchevique, a burocracia e a atitude totalitária para com os camponeses e os operários eram diretamente responsáveis, em grande parte, pela miséria e pelos sofrimentos do povo. Grande número de oficinas e fábricas de Petrogrado fecharam suas portas: os operários literalmente morriam de fome. Organizaram reuniões para considerar a situação, e foram dispersados pelo governo. O proletariado de Petrogrado, que suportou todo o peso das lutas revolucionárias, e cujos enormes sacrifícios e heroísmos salvaram a cidade contra Yudenitch, se irritaram com a manipulação do governo. A animosidade contra os métodos empregados pelos bolcheviques continuava crescendo. Os comunistas recusavam as menores concessões ao proletariado, oferecendo ao mesmo tempo entenderem-se com os capitalistas da Europa e da América. Os operários se indignaram. Com o fim de forçar o governo a examinar suas exigências, foram declaradas greves na fábrica de munições de Patronny, nas fábricas do Báltico e de Trubotchny, e na fábrica de Laferm. Porém em lugar de discutir a questão com os

operários descontentes, o “Governo dos Operários e Camponeses” criou o *Komitet Oborony* (Comitê de Defesa) como no período da guerra, com Zinoviev – o homem mais odiado de Petrogrado – como Presidente. O fim desse comitê era o de estrangular o movimento grevista.

Em 24 de fevereiro foram declaradas as greves. No mesmo dia os bolcheviques enviaram os *kursanti* – os estudantes comunistas da academia militar que se preparavam para os graus de oficiais do exército e da marinha – para dispersar os trabalhadores que haviam se reunidos em Vassilievsky Ostrov, o bairro operário de Petrogrado. No dia seguinte, 25 de fevereiro, indignados, os grevistas de Vassilievsky Ostrov visitaram os estaleiros do Almirantado e as docas da Galernaya e persuadiram os operários a associarem-se contra a atitude autocrática do governo. A tentativa de manifestação dos grevistas nas ruas da cidade foi dispersada pelos soldados.

Em 26 de fevereiro, na reunião do Soviete de Petrogrado, um conhecido comunista, Laskevitch, membro do Comitê de Defesa e do Conselho Militar Soviético da República, denunciou o movimento grevista nos termos mais amargos. Acusou os operários da fábrica de Trubotchny de terem começado o descontentamento e de serem “homens que não pensavam mais que em sua vantagem pessoal (*shkurniki*) e que eram contrarrevolucionários”, e friamente propôs fechar a fábrica de Trubotchny, proposição aceita pelo Comitê executivo do Soviete de Petrogrado, do qual Zinoviev era Presidente. Os grevistas de Trubotchny foram, então, *bloqueados* e privados automaticamente, por consequência, de sua ração de víveres.

As medidas do governo bolchevique serviram para azedar mais o antagonismo dos operários. Nas ruas de Petrogrado começaram a aparecer proclames de greve. Algumas delas levavam já um caráter francamente político. O mais característico destes manifestos, colocado nos muros da cidade em 27 de fevereiro, dizia:

Se tornou necessário uma mudança completa na política do governo. Em primeiro lugar, os operários e camponeses têm necessidade de liberdade. Não querem viver segundo os decretos dos bolcheviques: querem controlar seus próprios destinos!

Camaradas, mantenham a ordem revolucionária! Exijam de um modo organizado e decidido:

- A libertação de todos os socialistas e dos operários sem partido presos;*
- A abolição do estado de sítio; a liberdade de expressão, de imprensa e de reunião para todos os que trabalham;*
- A eleição livre dos comitês de fábrica e dos representantes aos sindicatos e aos sovietes.*

Organize reuniões, adote resoluções, envie vossos delegados às autoridades e trabalhe na realização de vossas exigências!

O governo respondeu efetuando numerosas detenções e suprimindo várias organizações operárias. Esta medida aumentou mais a efervescência do povo; as exigências reacionárias começaram a aparecer. Assim, um proclame dos “Operários

Socialistas do Distrito de Nevsky” apareceu em 28 de fevereiro, terminando com um chamamento em favor da Assembleia Constituinte:

Sabemos quem tem medo da Assembleia Constituinte. São os que não poderão roubar o povo em seguida. Terão, ao contrário, que responder aos representantes do povo por suas mistificações, seus roubos e seus crimes.

Abaixo os comunistas odiados!

Abaixo o governo soviético!

Viva a Assembleia Constituinte!

Durante esse tempo, os bolcheviques concentraram em Petrogrado consideráveis forças militares levadas da província, e mandavam à capital do norte, a partir da linha de frente, os regimentos comunistas mais fiéis. Petrogrado foi declarada em “lei marcial extraordinária”. Os grevistas foram subjugados pela força e a agitação operária, esmagada com mãos de ferro.

II. O movimento de Kronstadt

Os marinheiros de Kronstadt se alarmaram visivelmente antes dos acontecimentos de Petrogrado. Sua atitude para com as rigorosas medidas tomadas pelo governo contra os grevistas estava longe de ser amistosa. Sabiam o que teve que suportar o proletariado revolucionário da capital durante os primeiros dias da revolução, sua heroica luta contra Yudenitch, a paciência com que toleraram as privatizações e a miséria. Porém Kronstadt estava longe também de favorecer a Assembleia Constituinte, ou a experiência do comércio livre de que se falava em Petrogrado. Os marinheiros eram, tanto espiritualmente como na ação, antes de tudo, revolucionários. Eram os partidários mais decididos do sistema dos Sovietes, porém eram contrários à ditadura de um partido político qualquer.

O movimento de simpatia aos operários grevistas de Petrogrado começou primeiramente entre os marinheiros dos barcos de guerra *Petropavlovsk* e *Sevastopol*, os mesmos navios que em 1917 foram o apoio principal dos bolcheviques. O movimento se estendeu a toda a frota de Kronstadt, e depois aos regimentos do Exército Vermelho estacionados ali. No dia 28 de fevereiro a tripulação do *Petropavlovsk* adotou uma resolução que obteve também o consentimento dos marinheiros do *Sevastopol*. A resolução pedia, entre outras coisas, as reeleições livres do Soviete de Kronstadt, cujo mandato foi logo expirado. Ao mesmo tempo foi enviada a Petrogrado uma comissão de marinheiros para obter informações sobre a situação.

No dia 1º de março se celebrou uma reunião pública na praça do Anda, em Kronstadt; foi convocada oficialmente pelas tripulações da primeira e da segunda esquadra da frota do Báltico. Dezesseis mil marinheiros, soldados do Exército Vermelho e trabalhadores vieram até ela; foi presidida pelo presidente do Comitê executivo do Soviete de Kronstadt, o comunista Vassiliev. O presidente da República socialista federativa dos Sovietes, Kalinin, e o comissário da frota do Báltico, Kuzmin,

estavam presentes, e tomaram a palavra. Deve fazer-se notar aqui, como indicação da atitude amistosa dos marinheiros ao governo bolchevique, que Kalinin, a sua chegada a Kronstadt, foi recebido com as honras militares, com música e com bandeiras hasteadas.

A comissão de marinheiros que havia sido enviada a Petrogrado apresentou seus informes no comício. Estes informes confirmaram as piores apreensões de Kronstadt. A reunião expressou abertamente sua indignação contra os métodos empregados pelos comunistas para sufocar as aspirações dos operários de Petrogrado. A resolução adotada pelo *Petropavlovsk* em 28 de fevereiro foi então apresentada aos reunidos. O presidente da república, Kalinin, e o comissário Kuzmin atacaram ferozmente a resolução, os grevistas de Petrogrado e os marinheiros de Kronstadt. Porém seus argumentos não impressionaram a audiência e a resolução do *Petropavlovsk* foi adotada unanimamente. Eis aqui o documento histórico:

RESOLUÇÃO DA REUNIÃO GERAL DA PRIMEIRA E SEGUNDA ESQUADRADA DA FROTA DO BÁLTICO, CELEBRADA EM 19 DE MARÇO DE 1921.

Tendo ouvido o informe dos representantes enviados a Petrogrado pela reunião geral das tripulações para examinar ali a situação,

Decide:

- 1) dado que os Sovietes atuais não expressam a vontade dos operários e dos camponeses, celebrar imediatamente as novas eleições por voto secreto, tendo completa liberdade de agitação entre os operários e camponeses na campanha eleitoral;
- 2) estabelecer a liberdade de expressão e de imprensa para todos os operários e camponeses, para os anarquistas e para os partidários socialistas da esquerda;
- 3) assegurar a liberdade de reunião para os sindicatos e para as organizações camponesas;
- 4) convocar uma conferência independente dos operários, soldados do Exército Vermelho e marinheiros de Petrogrado, Kronstadt e da província de Kronstadt, antes de 10 de março de 1921;
- 5) libertação de todos os presos políticos socialistas e também de todos os operários, camponeses, soldados e marinheiros encarcerados pelo delito de participação nos movimentos operários e camponeses;
- 6) eleger uma comissão de revisão dos casos daqueles que se encontram nas prisões e nos campos de concentração;
- 7) abolir todos os *politotdeli* (gabinetes políticos), porque nenhum partido deve ter privilégios para a propaganda de seus ideais, nem receber ajuda financeira do governo para tais fins. Em seu lugar será necessário instituir comissões de educação e de cultura social, eleitas localmente e sustentadas materialmente pelo governo;
- 8) abolir imediatamente os *zagryaditelniye otryadi*¹ (destacamentos de pedágio);
- 9) igualar as rações para todos aqueles que trabalham em ofícios perigosos para

saúde;

10) abolição dos destacamentos comunistas de guerra em todas as seções do exército, assim como da guarda comunista colocadas nas oficinas e nas fábricas; em caso de necessidade, estes destacamentos ou pelotões de guarda deverão ser designados pelo exército a partir das fileiras do mesmo, e nas fábricas segundo os desejos dos operários;

11) dar aos camponeses plena liberdade de ação no que diz respeito às suas terras, e também o direito a possuir gado, na condição de que os próprios camponeses administrem com seus próprios meios; isto é, sem contratar trabalho empregado;

12) pedir a todas as seções do exército e a nossos camaradas militares *kursanti* que aceitem nossas resoluções;

13) pedir à imprensa que dê a maior publicidade a nossas resoluções;

14) designar uma Comissão Itinerante de Controle;

15) permitir livre *kustarnoye* (pequena indústria doméstica) que não empregue trabalho contratado.

Resolução aprovada por unanimidade pela reunião da brigada, abstendo-se de votar somente duas pessoas.

PETRITCHENKO

Presidente da Reunião da Brigada

PEREPELKIN

Secretário

Resolução aprovada por maioria esmagadora pela guarnição de Kronstadt.

VASSILIEV

Presidente

Junto com o camarada Kalinin, Vassiliev vota contra a resolução.

Esta resolução que, como já dissemos, foi combatida ardentemente por Kalinin e Kuzmin, foi adotada apesar de seu protesto. Depois da reunião, Kalinin pôde voltar a Petrogrado sem ser incomodado.

Nesta mesma reunião se resolveu enviar a Petrogrado um comitê que explicaria para os trabalhadores e para a guarnição da capital as exigências de Kronstadt e pediria que delegados independentes (não pertencentes a nenhum partido) fossem enviados por eles a esta cidade para informarem-se sobre o estado verídico das coisas e sobre as exigências dos marinheiros. Este comitê, composto de trinta membros, foi detido em Petrogrado pelos bolcheviques; seu destino foi sempre um mistério.

Como a existência legal do Soviete de Kronstadt chegava ao seu término, a reunião da brigada decidiu convocar uma conferência de delegados para 2 de março, a fim de discutir o modo de celebrar as eleições. Na conferência tomavam parte representantes dos navios de guerra, da guarnição, das diferentes instituições

soviéticas, dos sindicatos e das oficinas. Cada organização estava representada pelos delegados.

Celebrou-se a conferência de 2 de março na Casa de Educação (anteriormente Escola de Engenheiros de Kronstadt), assistindo a ela trezentos delegados, entre os quais se encontravam também comunistas. A reunião, aberta pelo marinheiro Petritchenko, elegeu uma presidência de cinco membros. A principal questão a ser resolvida pelos delegados dizia respeito às novas eleições do Soviete de Kronstadt, que deviam cumprir-se logo, e estabelecer os princípios sobre os quais deveriam celebrar-se. A reunião teria também que colocar em prática as resoluções, adotadas na véspera, e acordar os melhores meios para ajudar os país a sair das condições lamentáveis criadas pela fome e pela falta de calefação.

O espírito da conferência era claramente soviético; Kronstadt exigia os Sovietes livres de toda intervenção e de todo partido político, Sovietes independentes que foram o reflexo das aspirações dos operários e camponeses e expressavam sua vontade. A atitude dos delegados era antagônica ao regime arbitrário dos comissários burocráticos, porém simpática para com a orientação do partido comunista como tal. Eram partidários dedicados do sistema dos Sovietes e sinceros em seu desejo de encontrar amistosa e pacificamente uma solução a estes problemas urgentes.

O comissário da frota do Báltico, Kuzmin, foi o primeiro a tomar a palavra. Homem de maior energia do que de juízo, não se deu conta da grande importância do movimento. Não soube se pôr à altura da situação; conquistar os corações e os cérebros desses homens tão simples, marinheiros e trabalhadores, que haviam feito tantos sacrifícios pela revolução e que estavam esgotados e desesperados. Os delegados haviam se reunido para entenderem-se com os representantes do governo. Porém, em lugar desse espírito conciliador, o discurso de Kuzmin foi uma tocha acesa lançada sobre pólvora. Indignou a todos por sua arrogância e sua intolerância. Negou os tumultos operários de Petrogrado, dizendo que a cidade estava tranquila e os operários satisfeitos. Elogiou o trabalho dos comissários, pôs em dúvida os motivos revolucionários de Kronstadt e falou dos perigos que ameaçavam por parte da Polônia.

Chegou até a proferir insinuações indignas e a rugir ameaças. “Se quereis a guerra aberta”, concluiu Kuzmin, “a tereis, porque os comunistas não afrouxarão as rédeas do governo. Lutaremos até o fim”.

O discurso provocativo e desprovido de tato do comissário da frota do Báltico foi um insulto aos delegados. O discurso do presidente do Soviete de Kronstadt, o comunista Vassiliev, que falou depois de Kuzmin, não causou nenhuma impressão; foi impreciso e sem mérito. Quanto mais se desenvolvia o comício, mais francamente antibolchevique se tornava a atitude geral. E, com certeza, os delegados esperavam sempre o entendimento com os representantes do governo. Mas se advertia em seguida, dizia o informe oficial², que “não podíamos ter confiança em nossos camaradas Kuzmin e Vassiliev, e que havia sido necessário nos isolarmos temporariamente, sobretudo porque os comunistas estão de posse das armas e nós não temos acesso aos telefones. Os soldados têm medo dos comissários, do qual temos a prova na carta lida na reunião da guarnição”.

Kuzmin e Vassiliev foram então afastados da reunião e aprisionados. Um traço característico do espírito da conferência está no fato de que uma moção que pedia a

prisão dos demais comunistas presentes foi rejeitada pela imensa maioria.

Os delegados argumentaram que os comunistas deviam ser considerados de maneira igual aos representantes das outras organizações e deveriam gozar dos mesmos direitos e respeitos. Kronstadt estava sempre determinada a encontrar uma base de reconciliação com o partido comunista e com o governo bolchevique.

As resoluções de 19 de março foram lidas e adotadas com entusiasmo. Nesse momento a reunião se animou e se excitou vivamente ao declarar um delegado que quinze caminhões de soldados e de comunistas armados de fuzis e de metralhadoras haviam sido enviados pelos bolcheviques com ordem de atacar os reunidos. “Esta informação”, continua o informe do *Izvestia*, “promoveu um profundo ressentimento entre os delegados. A investigação feita demonstrou que o informe carecia de todo fundamento, porém persistiam os rumores de que um destacamento de *kursanti* com o famoso tchekista Dukiss no comando marchava já em direção ao forte de Krasnaya Gorka”. Em vista desses novos acontecimentos e das ameaças de Kuzmin e de Kalinin, a conferência decidiu imediatamente organizar a defesa de Kronstadt contra o ataque bolchevique. O tempo pressionava e decidiram transformar a presidência da conferência em um Comitê revolucionário provisório, que teria o dever de manter a ordem e a segurança da cidade. O Comitê devia se comprometer também com os preparativos necessários para celebrar as novas eleições do Soviete de Kronstadt.

III. A campanha bolchevique contra Kronstadt

Reinava, em Petrogrado, grande tensão nervosa. Estouravam novas greves e se difundiam persistentes rumores sobre tumultos operários ocorridos em Moscou e rebeliões agrárias surgidas no leste da Sibéria. A falta de imprensa em que se poderia confiar fazia com que a população prestasse atenção aos rumores mais exagerados e mais transparentemente falsos. Todas as olhares tinham se voltado para Kronstadt, na espera de importantes sucessos.

Os bolcheviques não perderam um instante para organizar seu ataque a Kronstadt. Já em 2 de março, o governo havia publicado uma *prikaz* (ordem), assinada por Lenin e Trotsky, denunciando o movimento de Kronstadt como um motim, uma rebelião contra as autoridades comunistas. Nesse documento, os marinheiros foram acusados de serem instrumentos de ex-generais czaristas que, junto com os traidores socialistas revolucionários, haviam preparado uma conspiração contrarrevolucionária contra a República proletária.

O movimento de Kronstadt foi qualificado por Lenin e Trotsky como “obra dos intervencionistas da Entente e de espões franceses”. “Em 28 de fevereiro”, dizia a ordem, “os marinheiros do Petropavlovsk aprovaram resoluções que exaltam o espírito da reação mais negra. Depois apareceu em cena o grupo do antigo general Kozlovzky. Três de seus oficiais, cujos nomes não são todavia desconhecidos, vão assumindo abertamente a direção da revolta. A explicação dos últimos acontecimentos, portanto, se faz coincidente. Atrás dos socialistas revolucionários se encontram de novo um general czarista. Tomando tudo isto em consideração, o Conselho do Trabalho e da Defesa ordena: 1) declarar o antigo general Kozlovzky e seus partidários fora da lei; 2)

decretar o estado de guerra na cidade e na província de Petrogrado; 3) pôr o poder supremo de todo o distrito de Petrogrado nas mãos do Comitê de defesa de Petrogrado”.

Havia de fato um ex-general Kozlovzky em Kronstadt. Foi Trotsky quem o estabeleceu ali como um especialista em artilharia. Ele não desempenhou qualquer papel nos eventos de Kronstadt. Porém, os bolcheviques exploraram com habilidade seu nome para denunciar os marinheiros como inimigos da república soviética, e o movimento, como contrarrevolucionário. A imprensa oficial bolchevique começou então sua campanha de calúnias e difamações contra Kronstadt como “o ninho da conspiração Branca dirigida pelo general Kozlovzky”, e agitadores comunistas foram enviados aos operários das fábricas e das oficinas de Petrogrado e a Moscou com o fim de chamar o proletariado “a associar-se ao suporte e à defesa do Governo dos Operários e Camponeses contra a rebelião contrarrevolucionária de Kronstadt”.

Longe de terem o menor contato com generais e contrarrevolucionários, os marinheiros de Kronstadt recusaram a ajuda do próprio Partido Socialista Revolucionário. O chefe do partido, Victor Tchernov, que estava então em Reval, tentou inclinar os marinheiros a favor de seu partido e de suas reivindicações, porém não recebeu nenhum encorajamento do Comitê revolucionário provisório. Tchernov transmitiu a Kronstadt o seguinte comunicado por rádio³:

O presidente da Assembleia Constituinte, Victor Tchernov, envia suas saudações fraternais aos camaradas marinheiros heroicos, aos soldados do Exército Vermelho e aos operários que, pela terceira vez depois de 1905, rompem o jugo da tirania. Oferecemos ajuda para o envio de reforços e de provisões a Kronstadt por intermédio das cooperativas rusas no estrangeiro. Informem-nos do que lhes faz falta e da quantidade necessária. Estou disposto a ir pessoalmente e pôr minhas energias e minha autoridade ao serviço da revolução do povo. Tenho fé na vitória final das massas trabalhadoras... Honra àqueles que são os primeiros a hastear a bandeira da libertação do povo! Abaixo o despotismo da esquerda e da direita!

O Partido Socialista Revolucionário enviou, ao mesmo tempo, a seguinte mensagem a Kronstadt:

A delegação Socialista Revolucionária no estrangeiro..., agora que a taça de cólera do povo está transbordando, se oferece a ajudá-los por todos os meios à sua disposição na luta pela liberdade e pelo governo popular. Informem-nos sobre a ajuda de que necessitem. Viva a revolução do povo! Vivam os Sovietes livres e a Assembleia Constituinte!

O Comitê Revolucionário de Kronstadt negou a oferta dos socialistas

revolucionários. Enviou a seguinte resposta a Victor Tchernov:

O Comitê Revolucionário de Kronstadt expressa a todos seus irmãos do estrangeiro sua profunda gratidão pela simpatia. O Comitê Revolucionário Provisório agradece ao camarada Tchernov seu oferecimento, porém se abstém de aceitá-lo no momento, quer dizer, até os próximos acontecimentos esclarecerem mais a situação. Enquanto isso, tudo será levado em consideração.

PETRITCHENKO

Presidente do Comitê Revolucionário Provisório

A campanha de insinuações continuou, não obstante, em Moscou, cuja estação T.S.F. enviou em 3 de março a seguinte mensagem ao mundo (algumas passagens são indecifráveis por causa da intervenção de outra estação):

*Que a revolta armada do ex-general Kozlovzky foi organizada pelos espiões da Entente, como aconteceu em inúmeros complôs precedentes, se faz evidente pelo periódico burguês francês *Matin*, que, duas semanas antes da revolta, publicou o seguinte telegrama de Helsingfors: “Como resultado da recente rebelião de Kronstadt, as autoridades militares bolcheviques tomaram medidas a fim de isolar Kronstadt e impedir que os soldados e marinheiros de Kronstadt cheguem em Petrogrado”. É evidente que o motim de Kronstadt foi preparado em Paris e organizado pelo serviço secreto francês. Os socialistas revolucionários, controlados e dirigidos também por Paris, tramaram estas rebeliões contra o governo soviético, e não antes de que seus preparativos fossem completados, apareceu o mestre verdadeiro, o general czarista”.*

O caráter das outras numerosas informações enviadas por Moscou pode ser julgado pelo seguinte informativo por rádio:

Petrogrado está tranquila e calma, e mesmo as fábricas em que ultimamente haviam sido lançadas acusações contra o governo soviético compreendem agora que tudo era obra de provocadores. Compreendem aonde os agentes da Entente e da contrarrevolução os tinham levado.

Justamente no momento em que na América o partido republicano assume de novo as rédeas do governo e se mostra inclinado a retomar as relações comerciais com a Rússia soviética, a difusão de falsos rumores e a organização de desordens em

Kronstadt têm por único objetivo impressionar o novo presidente americano para que ele mude sua tática para com a Rússia. A Conferência de Londres foi celebrada neste mesmo período e a disseminação de semelhantes rumores influenciou a delegação turca e a tornou mais apta a ceder às exigências da Entente. A revolta da tripulação do Petropavlovsk é, sem dúvida alguma, um ponto da grande conspiração para criar dificuldades no interior da Rússia soviética e para descreditar nossa situação internacional.

Este plano é posto em execução na própria Rússia por um general czarista e por ex-oficiais, e suas atividades recebem o apoio dos mencheviques e dos social-revolucionários.

O comitê de defesa de Petrogrado, dirigido pelo seu presidente, Zinoviev, assumiu o controle completo da cidade e da província de Petrogrado. Todo o distrito norte foi declarado em estado de guerra e todas as reuniões estavam proibidas. Tomaram-se preocupações extraordinárias para proteger as instituições governamentais e foram colocadas metralhadoras no hotel Astoria, ocupado por Zinoviev e outros altos funcionários bolcheviques. Decretos colados nos muros ordenavam a volta imediata dos grevistas a suas fábricas, proibindo a suspensão do trabalho e prevenindo a população para que não se reunisse nas ruas. “Em caso semelhante” – se dizia na ordem – “os soldados recorrerão às armas. No caso de resistência, a ordem é fuzilar sumariamente”.

O Comitê de Defesa tomou medidas sistemáticas “para limpar a cidade”. Numerosos operários, soldados e marinheiros suspeitos de simpatizar com Kronstadt foram encarcerados. Todos os marinheiros de Petrogrado e vários regimentos do exército, considerados “politicamente inconfiáveis”, foram enviados a pontos distantes, enquanto as famílias dos marinheiros de Kronstadt que viviam em Petrogrado foram detidas *na qualidade de reféns*. O Comitê de Defesa notificou a Kronstadt sua decisão por meio de uma proclamação difundida na cidade em 4 de março por um avião na qual se dizia: “O Comitê de Defesa declara que os encarcerados são tidos como reféns pelo comissário da frota do Báltico, N. N. Kuzmin, pelo presidente do Soviete de Kronstadt, T. Vassiliev, e outros comunistas. Ao menor dano que sofrerem nossos camaradas presos, os reféns pagarão com suas vidas”. “Não queremos derramamento de sangue. Nem um único comunista foi fuzilado por nós”, foi a resposta de Kronstadt.

IV. As aspirações de Kronstadt

Uma nova vida reanimou Kronstadt. O entusiasmo revolucionário se igualava ao das jornadas de outubro, quando o heroísmo e a decisão dos marinheiros desempenharam um papel decisivo. Pela primeira vez, depois do partido comunista ter tomado em suas mãos o controle exclusivo da revolução e dos destinos da Rússia, Kronstadt se sentia livre. Um novo espírito de solidariedade e fraternidade havia

reunido os marinheiros, os soldados da guarnição, os operários das fábricas e aos elementos destacados que não pertenciam a nenhum partido, em um esforço comum pela causa de todos. Até os próprios comunistas se contagiaram com a fraternidade de toda a cidade e participaram dos preparativos para as eleições do Soviete de Kronstadt.

Entre as primeiras medidas tomadas pelo Comitê Revolucionário Provisório, deve-se mencionar as referentes à conservação da ordem revolucionária de Kronstadt e a publicação do órgão oficial do Comitê, o diário *Izvestia*. Seu primeiro apelo ao povo de Kronstadt (nº 1, 3 de março de 1921), caracterizava completamente a atitude e o espírito dos marinheiros. “O comitê revolucionário”, se dizia ali, “se preocupa sobretudo com que não haja derramamento de sangue. Tem dedicado todos seus esforços para manter a ordem revolucionária na cidade, na fortaleza e nos fortes. Camaradas e cidadãos, não parem o trabalho! Operários, permaneçam em vossos estabelecimentos! Marinheiros e soldados, não abandonem vossos postos! Todos os funcionários, todas as instituições soviéticas devem continuar seu trabalho. O Comitê Revolucionário Provisório os chama, camaradas e cidadãos, para prestarem ajuda. Sua missão é organizar, em cooperação fraternal com vocês, as condições necessárias para as eleições justas e honestas do novo Soviete”.

As páginas do *Izvestia* trazem provas abundantes da profunda fé do Comitê revolucionário no povo de Kronstadt e em suas aspirações aos sovietes livres como verdadeiro caminho da emancipação do jugo opressivo da burocracia comunista. Em seu diário e nos informativos do rádio, o Comitê Revolucionário levava a sério, com indignação, a campanha de calúnias, e se dirigiu novamente ao proletariado da Rússia e do mundo em busca de compreensão, de sua simpatia e de sua ajuda. O informativo de rádio de 6 de março mostrava a ideia fundamental do chamado de Kronstadt:

Nossa causa é justa: defendemos o poder dos Sovietes, e não dos partidos. Nós defendemos representantes das classes laboriosas livremente eleitos. Os Sovietes substitutos, manipulados pelo Partido Comunista, sempre foram surdos às nossas necessidades e às nossas exigências; a única resposta que nós já recebemos foram tiros... Camaradas! Não apenas os enganam; eles deliberadamente pervertem a verdade e recorrem à difamação mais desprezível... Em Kronstadt, todo o poder está exclusivamente nas mãos dos marinheiros, dos soldados e dos trabalhadores revolucionários – não nas de contrarrevolucionários liderados por algum Kozlovsky, como a mentirosa rádio de Moscou tentar fazer vocês acreditarem... Não tardeis, camaradas! Unam-se a nós, entrem em contato conosco; exijam admissão de seus delegados em Kronstadt. Somente eles irão dizer-lhes toda a verdade e irão expor a calúnia cruel sobre o pão finlandês e as ofertas da Entente.

Viva o proletariado e o campesinato revolucionários!

Viva o poder dos Sovietes livremente eleitos!

O Comitê revolucionário provisório tinha a princípio sua sede a bordo do barco insígnia, o *Petropavlovsk*, porém depois de alguns dias foi transferida para a “Casa do Povo”, no centro de Kronstadt, de modo que estivera, como escreve o *Izvestia*, “em contato mais próximo com a população e para tornar mais fácil o acesso ao Comitê do que quando estava bordo do navio”.

Apesar da demência virulenta que continuava na imprensa comunista contra Kronstadt que a qualificava de “a rebelião contrarrevolucionária do general Kozlovsky”, a verdade é que o Comitê Revolucionário era exclusivamente proletário, estando composto, em sua maior parte, de operários de um passado revolucionário. O Comitê estava composto dos quinze membros seguintes:

1. Petritchenco, primeiro escrivão, pavilhão *Petropavlovsk*;
2. Yakovenko, telefonista, distrito de Kronstadt;
3. Ossossov, mecânico do *Sevastopol*;
4. Arkhipov, mecânico;
5. Perepelkin, mecânico do *Sevastopol*;
6. Patrushev, mecânico chefe do *Petropavlovsk*;
7. Kupolov, primeiro ajudante médico;
8. Vershinin, marinheiro do *Sevastopol*;
9. Tugin, eletricista;
10. Romanenko, guarda dos campos de aviação;
11. Oreshin, administrador da Terceira Escola Técnica;
12. Valk, carpinteiro;
13. Pavlov, operário das minas marinhas;
14. Baikov, carreteiro;
15. Kilgast, marinheiro.

Não sem senso de humor, *Izvestia*, de Kronstadt, comentou esta lista como se segue: “Eis aqui nossos generais, senhores Trotsky e Zinoviev, enquanto os Brussilovs, os Kamenevs, os Tukhachevskis e as outras celebridades do regime czarista estão em suas fileiras”.

O Comitê Revolucionário Provisório gozava da confiança de toda a população de Kronstadt. Conquistou o respeito geral estabelecendo o princípio de “direitos iguais para todos, privilégios para ninguém”, e o mantendo rigorosamente. A *pahyok* (ração de alimentos) foi igualada. Os marinheiros, que, sob o regime bolchevique, recebiam rações muito mais elevadas do que as estabelecidas aos operários, decidiram não aceitarem mais do que se dava ao cidadão e ao operário. Rações especiais e melhores eram distribuídas somente nos hospitais e entre as crianças.

A atitude generosa e justa do Comitê Revolucionário para com os membros do Partido Comunista em Kronstadt – dos quais poucos foram presos, apesar das repressões bolchevistas e da detenção das famílias dos marinheiros como reféns – ganhou o respeito até mesmo dos comunistas. As páginas do *Izvestia* contém comunicações numerosas de agrupações e organizações comunistas de Kronstadt, que condenam a atitude do Governo Central e apoiam a linha de conduta e as medidas

tomadas pelo Comitê Revolucionário Provisório. Grande número de comunistas de Kronstadt havia anunciado publicamente sua saída do partido em sinal de protesto contra seu despotismo e contra sua corrupção burocrática. Em diversos números do *Izvestia* foram publicados centenas de nomes de comunistas cujas consciências tornavam impossível “a permanência no partido do executor Trotsky”, como alguns se expressavam. As demissões do partido comunista foram em breve tão numerosas, que davam a impressão de um êxodo geral⁴. As cartas seguintes, tomadas aleatoriamente dentre um grande monte, caracterizam suficientemente o sentimento dos comunistas de Kronstadt:

Compreendi afinal que a política do partido comunista levou o país a um abismo. O partido se tornou burocrático, não aprendeu nada e nada quer aprender. Recusou-se escutar a voz de 115 milhões de camponeses, e não quer compreender que unicamente a liberdade de expressão e a possibilidade de participar na reconstrução do país por meios de métodos de eleição diferentes podem despertar a nação de seu sono.

Recuso-se de hoje em diante a me considerar membro do Partido Comunista Russo. Aprovo completamente a resolução adotada na reunião de toda a população em 19 de março e ponho de agora em diante minhas energias e minhas atitudes à disposição do Comitê Revolucionário Provisório.

HERMAN KARNEV
KRASNY KOMANDIR (Oficial do Exército Vermelho)
Filho de um exilado do Processo dos 193⁵

Izvestia, nº 3, 5 de março de 1921

CAMARADAS, MEUS PUPILOS DAS ESCOLAS INDUSTRIAIS, NAVAIS E DO EXÉRCITO VERMELHO!

Por quase trinta anos eu vivi um amor profundo pelo povo, e levei a luz e o conhecimento, o máximo que estava em meu poder, para todos que tinham sede dos mesmos, até o momento atual.

A Revolução de 1917 deu maior âmbito ao meu trabalho, aumentou minhas atividades, e eu me dediquei com maior energia ao serviço do meu ideal.

O lema comunista, “Tudo para o Povo”, me inspirou com sua nobreza e sua beleza, e em fevereiro de 1920, eu entrei no Partido Comunista Russo como candidato. Mas o “primeiro tiro” disparado contra a população pacífica, contra minhas queridas crianças, das quais há aproximadamente sete mil em Kronstadt, me preenche com horror de que possa ser considerado que eu compartilho a responsabilidade pelo sangue dos inocentes derramado de tal maneira.

Eu sinto que não posso mais acreditar e propagar aquilo que se desgraçou por este ato vil. Portanto, com o primeiro tiro eu deixei de me considerar um membro do

Partido Comunista.

MARIA NIKOLAYEVNA SHATEL
(Professora)

Izvestia, nº 6, 8 de março de 1921

Declarações semelhantes apareceram quase em cada número do *Izvestia*. A declaração mais interessante foi a do Gabinete Provisório da Seção de Kronstadt do Partido Comunista; seu manifesto aos membros da seção foi publicado no *Izvestia* (nº 2, 4 de março):

Que cada camarada de nosso partido esteja à altura da importância do momento. Não dê nenhum crédito aos falsos rumores de que foram fuzilados comunistas e de que os comunistas de Kronstadt têm a intenção de rebelarem-se com armas em mãos. Esses rumores são difundidos com o propósito de provocar o derramamento de sangue.

Declaramos que nosso Partido tem defendido sempre as conquistas da classe operária contra todos os inimigos conhecidos e desconhecidos do poder dos Sovietes operários e camponeses e continuará os defendendo.

O Gabinete Provisório do Partido Comunista de Kronstadt reconhece a necessidade das novas eleições do Soviete e pede aos membros do partido comunista que participem nelas.

O gabinete provisório ordena aos membros do partido que permaneçam em seus postos e não os impeçam e nem criem obstáculos às medidas do Comitê Revolucionário Provisório.

Viva o poder dos Sovietes!

Viva a união internacional dos trabalhadores!

GABINETE PROVISÓRIO DA SEÇÃO DE KRONSTADT DO PARTIDO
COMUNISTA RUSSO:

F. PERVUSHIN

Y. YLYIN

A. KABANOV

Diversas outras seções civis e militares expressaram em termos análogos sua oposição ao regime de Moscou e sua concordância com as exigências dos marinheiros de Kronstadt. Um grande número de resoluções nesse sentido foram também adotadas pelos regimentos do Exército Vermelho da guarnição de Kronstadt. A seguinte resolução expressa o espírito e a tendência geral:

Nós, soldados do Exército Vermelho do Forte *Krasnoarmeetz*, estamos em corpo e alma com o Comitê Revolucionário Provisório e defenderemos até o ultimo momento o Comitê Revolucionário, os operários e os camponeses.

Que ninguém acredite nas mentiras das publicações comunistas disseminadas pelos aviões. Não temos aqui generais nem oficiais czaristas. Kronstadt foi sempre a cidade dos operários e dos camponeses, e seguirá sendo. Os generais estão a serviço dos comunistas.

No momento atual, quando a sorte do país está na balança, nós que tomamos o poder em nossas mãos e que confiamos ao Comitê Revolucionário a liderança na luta, declaramos para a guarnição inteira e para todos os trabalhadores que estamos dispostos a morrer pela liberdade das classes laboriosas. Libertados do jugo e do terror comunista de três anos de idade, preferimos morrer ao invés retroceder um único passo. Viva a Rússia Livre do Povo Operário!

O DESTACAMENTO DO FORTE *KRASNOARMEETZ*

Izvestia, nº 5, 7 de março de 1921

Kronstadt foi inspirada pelo amor apaixonado pela Rússia livre pela fé ilimitada em Sovietes verdadeiros. Estava certa de ganhar a ajuda de toda a Rússia, de Petrogrado sobretudo, realizando assim a libertação completa do país. O *Izvestia* de Kronstadt reitera essa esperança e essa atitude, e em numerosos artigos e manifestos trata de esclarecer sua posição frente aos bolcheviques e sua aspiração à fundação de uma nova vida livre para Kronstadt e para o resto da Rússia. Este grande ideal, a pureza de seus motivos e a fervente esperança de libertação se destacam de modo notável nas páginas do órgão oficial do Comitê Revolucionário Provisório de Kronstadt, e expressam integralmente o espírito dos soldados, dos marinheiros e dos operários. Aos ataques ferozes da imprensa bolchevique, às mentiras infames semeadas pela rádio de Moscou que acusava Kronstadt de contrarrevolução e de conspiração Branca, o Comitê Revolucionário respondia com dignidade. Reproduzia muitas vezes em seu órgão as proclamações de Moscou, de modo que a população de Kronstadt se desse conta de quão baixo os bolcheviques eram capazes de ir. Ocasionalmente, os métodos comunistas eram expostos e caracterizados pelo *Izvestia* com uma indignação legítima. Assim, lemos no número 6, de 8 de março, sob o título “Nós e eles”:

Não sabendo como reter o poder que têm nas mãos, os comunistas empregam as mais vis provocações. Sua imprensa desprezível tem mobilizado todas as forças para incitar as massas e para fazer o movimento de Kronstadt parecer uma conspiração da Guarda Branca. Neste momento, um bando de canalhas sem vergonha enviou ao mundo a infame notícia de que Kronstadt havia se vendido à Finlândia. Seus periódicos vomitaram fogo e veneno; tendo fracassado na tarefa de persuadir o proletariado de que Kronstadt está nas mãos dos contrarrevolucionários, tratam agora de apelar aos sentimentos nacionalistas.

Todos os países já sabem, por nossos informativos de rádio, por que lutam a guarnição de Kronstadt e os operários. Porém, os comunistas tratam de desnaturalizar a importância dos acontecimentos, esperando deste modo induzir ao erro nossos irmãos de Petrogrado.

Petrogrado está cercada pelas baionetas dos *kursanti* e dos “guardas” do Partido, e Maliuta Skuratov – Trotsky – não permite que os delegados dos operários e dos soldados independentes venham a Kronstadt. Teme que averiguem toda a verdade aqui, e que a verdade pare imediatamente os comunistas, dando para as massas operárias instruídas a possibilidade de tomar o poder em suas próprias mãos calosas.

Essa é a razão pela qual o Petro-Soviete (Soviete de Petrogrado) não respondeu a nosso telegrama de rádio em que pedíamos que fossem enviados a Kronstadt camaradas verdadeiramente imparciais.

Temendo por suas próprias peles, os chefes comunistas estrangulam a verdade e disseminam a mentira de que Guardas Brancos trabalham em Kronstadt, de que o proletariado de Kronstadt tem se vendido à Finlândia e aos espões franceses, de que os finlandeses já têm seu exército organizado para atacar Petrogrado com a ajuda dos amotinados *myatezhniki* de Kronstadt, e assim sucessivamente.

A tudo isso temos só uma coisa a responder: Todo o poder aos Sovietes! Retirem suas mãos deles, essas mãos que estão vermelhas com o sangue dos mártires da liberdade que morreram lutando contra os Guardas Brancos, contra os proprietários e contra a burguesia!

Em uma linguagem simples e franca, Kronstadt tratava de expressar a vontade do povo, que aspirava à liberdade e à possibilidade de determinar seu próprio destino. Sentia que era a vanguarda, por assim dizer, do proletariado da Rússia, disposto a se levantar para defender o grande ideal pelo qual o povo havia lutado e sofrido na Revolução do Outubro. A fé de Kronstadt no sistema dos Sovietes era profunda e persistente; seu lema universal, *Todo o poder aos Sovietes e não aos partidos!*, era seu programa; não havia tempo de desenvolvê-lo e nem de ocupar-se com teorias. Os esforços convergiam em direção à emancipação do povo do jugo comunista. Este jugo, já insuportável, fez necessária uma nova revolução, a *Terceira Revolução*. A rota para a liberdade e para a paz passava pelos Sovietes livremente eleitos; esta era a pedra fundamental da nova revolução. As páginas do *Izvestia* testemunharam amplamente a retidão incorruptível e a abnegação sem limites dos operários e dos marinheiros de Kronstadt, ea fé comovedora que teriam em sua missão de iniciadores da Terceira Revolução. Estas aspirações e estas esperanças estão claramente expostas no número 6 do *Izvestia* de 9 março, no artigo principal intitulado “Por Que Finalidade Combatemos”:

Com a Revolução de Outubro, a classe trabalhadora havia esperado alcançar sua emancipação. Porém dela resultou uma escravidão ainda maior da individualidade humana.

O poder da monarquia policial e gendarme caiu nas mãos dos usurpadores – os comunistas – que, em lugar de dar liberdade ao povo, inspirou neles somente um medo terrível da Tcheka, a qual, por seus horrores, supera o regime policial do Czarismo... Porém o pior e mais criminoso de tudo é a maquinaria espiritual dos comunistas: colocaram suas mãos também sobre o mundo interior das massas laboriosas, obrigando cada um a pensar segundo sua fórmula comunista.

A Rússia dos trabalhadores, a primeira a hastear a bandeira vermelha da emancipação do trabalho, está inundada em sangue dos martirizados para a maior glória da dominação comunista. Os comunistas afogam nesse mar de sangue todas as belas promessas e possibilidades da revolução proletária. É evidente, na atualidade, que o partido comunista russo não é o defensor das massas operárias, como finge ser. Os interesses da classe operária lhe são estranhos. Uma vez obtido o poder, agora só tem o medo de perdê-lo, e considera, portanto, todos os meios permissíveis: difamação, enganação, violência, assassinato e vingança sobre as famílias dos rebeldes.

Há um fim para a longa e sofrível paciência. Aqui e ali o país está iluminado pelo incêndio da rebelião na luta contra a opressão e a violência. As greves dos operários se multiplicaram, porém o regime policialesco dos bolcheviques tomou todas as precauções contra a conflagração da inevitável Terceira Revolução.

Porém, apesar de tudo isso, ela veio e é realizada pelas mãos das massas operárias. Os generais do comunismo veem claramente que foi o povo que se levantou, o povo que se convenceu de que os comunistas traíram as ideias do socialismo. Temendo por sua pele e sabendo que não poderão esconder-se em nenhuma parte para escapar da cólera dos trabalhadores, os comunistas ainda tentam aterrorizar os rebeldes com a prisão, com a execução e com outras barbaridades. Porém a vida sob a ditadura comunista é pior que a morte...

Não existe um caminho intermediário. Triunfar ou morrer! O exemplo está sendo dado por Kronstadt, o terror da contrarrevolução da direita e da esquerda. É aqui onde o grande ato revolucionário foi realizado. É aqui onde foi hasteada a bandeira da rebelião contra a tirania desses três anos e contra a opressão da autocracia comunista que fizeram empalidecer o despotismo monárquico dos últimos trezentos anos. É aqui, em Kronstadt, onde foi colocada a pedra fundamental da Terceira Revolução que romperá as últimas correntes do trabalhador e abrirá a nova e ampla rota para a criatividade socialista.

Esta nova revolução sublevará as grandes massas do Oriente e Ocidente e servirá de exemplo ao novo socialismo construtor, em oposição à “construção” comunista mecânica e governamental. As massas operárias vão saber que tudo o que tem sido feito até aqui em nome dos operários e camponeses não era o socialismo.

O primeiro passo foi dado sem um único disparo de fuzil, sem o derramamento de uma só gota de sangue. Aqueles que trabalham não precisam de sangue. Eles só o derramarão em caso de autodefesa. Os operários e camponeses avançam: deixam para trás a *utchedilka* (Assembleia Constituinte) com seu regime burguês e a Ditadura do Partido comunista com sua Tcheka e seu Capitalismo de Estado, que tem estreitado o nó em torno do pescoço dos trabalhadores e ameaça estrangulá-los.

A mudança que acaba de ter lugar oferece às massas laboriosas a possibilidade de assegurar, por fim, os Sovietes livremente eleitos que poderão funcionar sem temor ao chicote do partido; eles podem agora reorganizar os sindicatos governamentalizados em associações voluntárias de operários, de camponeses e de trabalhadores intelectuais. A máquina policialesca da autocracia, por fim, foi quebrada.

Assim estava concebido o programa; estas foram as exigências imediatas, em resposta às quais o governo bolchevique começou o ataque a Kronstadt em 7 de março de 1921, às 6:45 da tarde.

V. Ultimato bolchevique a Kronstadt

Kronstadt era generosa. Nem uma gota de sangue comunista foi derramada, apesar de todas as provocações, do bloqueio da cidade e das medidas repressivas do governo bolchevique. Desprezava imitar o exemplo comunista de vingança, e chegou até a avisar a população de Kronstadt de que não fosse culpada de excessos contra membros do partido comunista. O Comitê Revolucionário Provisório publicou um manifesto para a população de Kronstadt nesse sentido, mesmo depois que o governo bolchevique rejeitou a exigência dos marinheiros para a libertação dos reféns detidos em Petrogrado. A exigência de Kronstadt, enviada por comunicado de rádio ao Soviete de Petrogrado, e o manifesto do Comitê Revolucionário foram publicados no mesmo dia, 7 de março. Os reproduzimos aqui:

Em nome da guarnição de Kronstadt, o Comitê Revolucionário Provisório de Kronstadt exige que as famílias dos marinheiros, operários e soldados do Exército Vermelho detidos como reféns pelo Petro-Soviete sejam postas em liberdade no prazo de vinte e quatro horas.

A guarnição de Kronstadt declara que os comunistas gozam de plena liberdade em Kronstadt e que seus familiares estão absolutamente fora de todo perigo. O exemplo do Petro-Soviete não será seguido aqui, porque consideramos esses métodos [de fazer reféns] como os mais vergonhosos e bárbaros, mesmo que sejam provocados pelo desespero. A história não conhece tal infâmia.

MARINHEIRO PETRITCHENKO

Presidente do Comitê Revolucionário Provisório

KILGAST

Secretário

No manifesto para a população de Kronstadt era dito, entre outras coisas:

A opressão constante das massas laboriosas pela ditadura comunista tem produzido uma indignação e um ressentimento completamente natural na população. Como consequência desse estado de coisas, algumas pessoas, parentes de comunistas, foram dispensadas de suas posições e boicotadas em algumas instâncias. Isto não deve acontecer. Nós não buscamos a vingança – estamos defendendo nossos interesses operários.

Kronstadt vivia no espírito de sua santa cruzada. Tinha completa fé na justiça de sua causa e se considerava a verdadeira defensora da revolução. Neste estado mental, os marinheiros não queriam crer que o governo os atacaria com armas em

punho. Nesses filhos do sol e do mar, persistia subconscientemente a ideia que a *vitória não pode ser ganhada apenas com violência*. A psicologia eslava parecia acreditar que a justiça de sua causa e a força do espírito revolucionário devem vencer. Em todo caso, Kronstadt recusou-se a tomar a iniciativa.

O Comitê Revolucionário não quis escutar a opinião persuasiva dos peritos militares em favor de um ataque imediato contra Oranienbaum, fortaleza de grande valor estratégico. Os soldados e os marinheiros de Kronstadt tinham por fim o estabelecimento dos Sovietes livres, e estavam dispostos a defenderem seus direitos contra qualquer ataque, porém se negavam a converterem-se em agressores. Em Petrogrado circulavam rumores persistentes de que o governo se preparava para agir militarmente contra Kronstadt. Porém a população não acreditava nesses rumores; a coisa parecia de tal modo repugnante, que já era considerada ridícula. Como foi dito anteriormente, o Comitê de Defesa (chamado oficialmente de Conselho de Trabalho e de Defesa) declarou a capital em “estado extraordinário de sítio”. Nenhuma assembleia era permitida, nenhuma reunião nas ruas. Os operários de Petrogrado não sabiam nada do que se passava em Kronstadt; as únicas informações eram procedentes da imprensa comunista e os frequentes boletins que falavam que “O general czarista Kozlovsky organizou uma rebelião contrarrevolucionária em Kronstadt”. A população esperava com ansiedade a sessão convocada pelo Soviete de Petrogrado que deveria decidir sobre a atitude frente a Kronstadt.

O Soviete de Petrogrado se reuniu em 4 de março; só podiam assistir a essa reunião os convidados, e estes, geralmente, eram os comunistas. O autor do presente trabalho – então em boas relações com os bolcheviques e sobretudo com Zinoviev – esteve presente nessa reunião. Como presidente do Soviete de Petrogrado, Zinoviev declarou aberta a seção e pronunciou um longo discurso sobre a situação de Kronstadt. Confesso que havia ido para reunião bem mais disposto a favor do ponto de vista de Zinoviev; estava alerta contra o menor indício de uma tentativa contrarrevolucionária em Kronstadt. Porém o discurso de Zinoviev bastou para convencer-me de que as acusações comunistas contra os marinheiros eram uma pura invenção sem a menor sombra de veracidade. Tinha ouvido Zinoviev em várias ocasiões anteriores. Considerava ele um palestrante convincente, uma vez que suas premissas fossem admitidas, porém nessa reunião todo o seu aspecto, a sua argumentação, o seu tom, as suas maneiras – tudo refletia a falsidade de suas palavras. Eu podia sentir o protesto de sua própria consciência. A única “evidência” apresentada contra Kronstadt era a famosa resolução do 1º de março, cujas exigências eram justas e até moderadas. Foi somente com base nesse documento, apoiada pela denúncia veemente e quase histérica de Kalinin contra os marinheiros, que o passo fatal foi dado. Preparada de antemão e apresentada por Yevdokimov, o braço direito de Zinoviev, dotado de uma voz retumbante, a resolução contra Kronstadt foi aceita pelos delegados envoltos por um alto grau de intolerância e sede de sangue – aceita em meio de um tumulto de protestos de vários delegados das fábricas de Petrogrado e do representante dos marinheiros. A resolução declarou Kronstadt culpada de um motim contrarrevolucionário contra o poder soviético e exigia sua rendição imediata.

Isso era uma declaração de guerra. Mesmo grande número dos comunistas se negavam a crer que a resolução seria posta em execução; era monstruoso atacar com

força armada o orgulho e a glória da revolução russa, como Trotsky havia batizado os marinheiros de Kronstadt. No círculo de seus amigos, muitos comunistas sensatos ameaçavam se separarem do Partido caso se consumasse um ato tão sangüinário.

Trotsky devia se dirigir ao Soviete de Petrogrado, e sua ausência era interpretada por alguns como sinal de que a gravidade da situação era exagerada. Não obstante, chegou a Petrogrado durante a noite, e no dia seguinte, 5 de março, publicou seu ultimato a Kronstadt:

O governo dos operários e camponeses decretou que Kronstadt e os navios em rebelião devem se submeter imediatamente à autoridade da república soviética. Ordeno, por consequência, a todos aqueles que levantaram sua mão contra a pátria socialista que rendam imediatamente suas armas. Aqueles que resistirem devem ser desarmados e entregues às autoridades soviéticas. Os comissários e outros representantes do governo que se encontram presos devem ser postos em liberdade imediatamente. Só aqueles que se renderem incondicionalmente podem contar com o perdão da república soviética.

Publico simultaneamente as ordens de preparar a repressão da revolta e a submissão dos amotinados pela força armada. Toda a responsabilidade dos danos que a população pacífica tiver que sofrer recairá inteiramente sobre a cabeça dos insurrectos contrarrevolucionários. Esta advertência é final.

TROTSKY

Presidente do Soviete Militar Revolucionário da República

KAMENEV

Comandante Chefe

A situação piorava. Forças militares consideráveis afluíam a Petrogrado e às suas redondezas. O ultimato de Trotsky foi seguido de uma ordem que continha a ameaça histórica: “Os abaterei como perdizes”. Vários anarquistas, então em Petrogrado, fizeram um último esforço para induzir os bolcheviques a desistirem de atacar Kronstadt. Consideravam ser seu dever, perante a revolução, a tentativa desse esforço, mesmo sem esperança, para impedir o massacre eminente da flor revolucionária da Rússia, os marinheiros e os operários de Kronstadt. Enviaram em 5 de março uma proposta ao Comitê de Defesa, indicando as intenções pacíficas e as justas exigências de Kronstadt, recordando os comunistas da história revolucionária heroica dos marinheiros e propondo um meio de resolver o conflito próprio de camaradas e revolucionários. Eis aqui o documento:

Ao Conselho de Trabalho e Defesa de Petrogrado

Presidente Zinoviev:

Permanecer em silêncio agora é impossível, e até criminoso. Os acontecimentos

recentes nos compelem, como anarquistas, a falar francamente e a declarar nossa atitude na situação atual. O espírito de descontentamento e de inquietude presente entre os operários e marinheiros é o resultado de causas que exigem nossa mais séria atenção. O frio e a fome geraram o descontentamento, e a ausência da menor possibilidade de discussão e de crítica está obrigando os marinheiros e os operários a declararem abertamente suas queixas.

Os bandos de Guardas Brancos querem e podem tentar explorar essa insatisfação em benefício de seus próprios interesses de classe. Ocultando-se atrás dos marinheiros e dos operários, eles despejam lemas da Assembleia Constituinte, do mercado livre e de outras exigências do mesmo gênero.

Nós, anarquistas, expusemos há muito tempo a ficção desses lemas, e declaramos ao mundo inteiro que lutaremos com armas em mãos contra qualquer tentativa contrarrevolucionária, em cooperação com todos os amigos da Revolução Soviética e lado a lado com os bolcheviques.

A respeito do conflito entre o Governo Soviético e os operários e marinheiros, somos de opinião de que ele deveria ser liquidado não pelas armas, mas por meio de acordo revolucionário fraternal. Recorrer para o derramamento de sangue de parte do Governo Soviético não irá – na situação atual – intimidar nem apaziguar os operários. Pelo contrário, serviria apenas para agravar o assunto e para reforçar a manipulação da Entente e da contrarrevolução interior. Ainda mais importante, o emprego da força pelo Governo dos Operários e dos Camponeses contra operários e camponeses terá um efeito reacionário no movimento revolucionário internacional e resultará em todas as partes em um mal incalculável para a Revolução Social

Camaradas bolcheviques, reflitam antes que seja tarde demais! Não brinquem com fogo: vocês estão prestes a dar um passo bastante sério e decisivo. Nós daqui em diante submetemos a vocês a seguinte proposta: deixem uma Comissão ser eleita consistindo de cinco pessoas, inclusive de dois anarquistas. A Comissão deve ir a Kronstadt para resolver a disputa por meios pacíficos. Na situação atual, esse é o método mais radical. Terá uma significância revolucionária internacional.

Petrogrado
5 de março de 1921

ALEXANDER BERKMAN
EMMA GOLDMAN
PERKUS
PETROVSKY

Zinoviev, que havia sido informado de que um documento sobre o problema de Kronstadt devia ser apresentado ao Soviete de Defesa, enviou seu representante pessoal para buscá-lo. Se a carta foi ou não discutida por esse Conselho o escritor não sabe. De qualquer modo, nenhuma ação sobre a questão foi tomada.

VI. O primeiro tiro

Kronstadt, heroica e generosa, sonhava com a libertação da Rússia pela Terceira Revolução, que estava orgulhosa de ter iniciado. Ela não formulou nenhum programa definitivo. Liberdade e fraternidade universal era seu lema. Considerava a Terceira Revolução como um processo gradual da emancipação, cujo primeiro passo era a ação livre dos Sovietes independentes, sem o controle de um partido político qualquer, e que expressassem a vontade e os interesses do povo. Estes marinheiros sinceros e ingênuos proclamavam aos operários do mundo seu grande ideal, e chamavam o proletariado para que unissem forças na luta, com plena confiança de que sua causa encontraria um apoio entusiástico e de que, sobretudo e antes de tudo, os operários de Petrogrado se apressariam para ajudar.

No intervalo, Trotszky reuniu suas forças. As divisões mais fieis de todas as frentes, os regimentos *kursanti*, os destacamentos da Tcheka e unidades militares compostas exclusivamente de comunistas, haviam se reunido nos fortes de Sestroretsk, Lissy Nosss, Krasnaya Gorka e das posições vizinhas fortificadas. Os melhores técnicos militares russos foram enviados ao centro de operações para traçar os planos de bloqueio e de ataque a Kronstadt, enquanto o famoso Tukhachevski foi designado comandante chefe durante o cerco de Kronstadt.

Em 7 de março, às 6:45 da tarde, as baterias de Sestroretsk e de Lissy Nosss descarregaram seus primeiros tiros sobre Kronstadt. Era o aniversário do Dia da Mulher Trabalhadora. Kronstadt, cercada e atacada, não esqueceu esse grande feriado. Debaixo de fogo de numerosas baterias, os bravos marinheiros enviaram uma saudação por rádio às mulheres trabalhadoras do mundo, ato característico do estado de espírito da Cidade Rebelde. Eis aqui a mensagem:

Hoje é um feriado universal – o Dia da Mulher Trabalhadora. Nós de Kronstadt enviamos, em meio ao estrondo dos canhões, nossas saudações fraternais às mulheres trabalhadoras do mundo. Que realizem em breve vossa libertação de toda forma de violência e de opressão. Viva as trabalhadoras livres revolucionárias! Viva a Revolução Social ao redor do mundo!

Não menos característico foi o grito de angústia de Kronstadt, “Que Todo o Mundo Saiba”, publicado depois do primeiro disparo de canhão, no número 6 do *Izvestia* de 8 de março:

Soou o primeiro disparo... O marechal Trotsky, manchado até os joelhos do sangue dos trabalhadores, foi o primeiro a disparar contra a Kronstadt revolucionária que se levantou contra a autocracia dos comunistas para estabelecer o verdadeiro poder dos Sovietes.

Sem termos derramado uma só gota de sangue, nós, soldados do Exército Vermelho, marinheiros e operários de Kronstadt, nos libertamos do jugo dos

comunistas e até mesmo conservamos suas vidas. Com a ameaça dos canhões querem agora nos submeter, outra vez, à sua tirania.

Não querendo derramamento de sangue, pedimos que fossem enviados para nós delegados independentes do proletariado de Petrogrado, para verem que Kronstadt combate pelo Poder dos Sovietes. Porém os comunistas ocultaram nosso pedido dos operários de Petrogrado, e agora abriram fogo – a resposta ordinária do pseudo Governo dos Operários e Camponeses às demandas das massas laboriosas.

Que os operários do mundo inteiro saibam que nós, os defensores do Poder Soviético, estamos guardando as conquistas da Revolução Social. Venceremos ou pereceremos sobre as ruínas de Kronstadt, lutando pela justa causa das massas trabalhadoras. Os operários do mundo serão nossos juízes. O sangue dos inocentes cairá sobre a cabeça dos fanáticos comunistas embriagados pelo poder.

Viva o poder dos Sovietes!

VII. A queda de Kronstadt

O bombardeio de Kronstadt pela artilharia, começado na tarde de 7 de março, foi seguido de uma tentativa de tomar por assalto a fortaleza. O ataque foi feito do norte e do sul pela nata das tropas comunistas vestidas com lenços brancos, cuja cor se confundia com a neve que cobria o golfo gelado da Finlândia. Estas primeiras tentativas terríveis de tomar a fortaleza por assalto, mediante um sacrifício inconsequente de seres humanos, foram profundamente lastimadas pelos marinheiros com condolências comovedoras por seus irmãos de armas, enganados para que considerassem Kronstadt contrarrevolucionária. Em 8 de março o *Izvestia* de Kronstadt dizia:

Não queríamos derramar o sangue de nossos irmãos, e nos recusamos ao fogo até que nos obrigassem a ele. Devíamos defender a justa causa do povo operário e nos vimos forçados a disparar – disparar sobre nossos próprios irmãos enviados para a morte certa pelos comunistas, que engordaram às custas do povo.

Desgraçadamente para vocês, rompeu um terrível turbilhão de neve e uma noite negra embrulhou tudo em trevas. Não obstante, os executores comunistas os empurraram a todo preço sobre o gelo, ameaçando vocês a partir da retaguarda com suas metralhadoras manuseadas por destacamentos comunistas.

Muitos de vocês pereceram esta noite na vasta extensão gelada do golfo da Finlândia. E quando a madrugada chegou e a tempestade se apaziguou, somente os restos miseráveis dos seus destacamentos, esgotados e famintos, quase incapazes de marchar, vieram a nós com seus mortalhas brancas.

Se contava um milhar de vocês até a madrugada, e no curso do dia já não se podia contar. Haveis pago o preço de vosso sangue nessa aventura, e, depois de vossa derrota, Trotsky foi a Petrogrado para trazer mais vítimas para o massacre, por que o sangue de nossos operários e de nossos camponeses lhe custa pouco!

Kronstadt viveu na fé profunda de que o proletariado de Petrogrado acudiria em

sua ajuda. Porém os operários da capital estavam aterrorizados e Kronstadt foi efetivamente bloqueada e isolada, de modo que na realidade não era possível socorro de nenhuma parte.

A guarnição de Kronstadt estava composta de menos de 14.000 homens, dos quais 10.000 eram marinheiros. Esta guarnição teria que defender uma frente extensa e grande número de fortes e baterias disseminadas pela extensão do golfo. Os ataques contínuos dos bolcheviques, que recebiam sem cessar reforços do governo central; a falta de abastecimento da cidade assediada; as longas noites de frio, tudo isto abrandava a vitalidade de Kronstadt. E, apesar de tudo, os marinheiros foram de uma perseverança heroica, confiando até o ultimo momento que seu nobre exemplo de libertação seria seguido por todo o país e lhes levariam assim, assim, ajuda e reforços.

Em seu “Manifesto aos Camaradas Operários e Camponeses”, o Comitê Revolucionário provisório declarou (*Izvestia* nº 9, 11 de março):

Camaradas operários: Kronstadt luta por vocês, pelos famintos, pelos que sofrem do frio, pelos sem casa. Kronstadt hasteou a bandeira da revolta, confiando que dezenas de milhões de operários e camponeses responderão à sua chamada. É preciso que a madrugada que acaba de sair em Kronstadt se converta no sol brilhante de toda a Rússia. É preciso que a explosão de Kronstadt reanime a Rússia inteira, e, em primeiro lugar, Petrogrado.

Porém a ajuda não acudia, e cada dia que passava deixava Kronstadt mais esgotada. Os bolcheviques continuavam reunindo tropas frescas contra a fortaleza assediada e a debilitavam com ataques constantes. Os comunistas iam conseguindo vantagem atrás de vantagem. Kronstadt não tem sido construída para sustentar um assalto por trás. Os bolcheviques difundiram o rumor de que os marinheiros queriam bombardear Petrogrado, e isso é de uma falsidade transparente. A famosa fortaleza tinha sido construída com o único fim de servir de defesa a Petrogrado contra os inimigos do exterior que a cercassem pelo mar. Aliás, caso caísse em poder do inimigo exterior, as baterias das costas e os fortes de Krasnaya Gorka foram calculados para uma batalha *contra* Kronstadt. Prevendo esta possibilidade, os construtores propositalmente não reforçaram a retaguarda de Kronstadt.

Os bolcheviques continuaram seus ataques quase todas as noites. Em toda a jornada de 10 de março, a artilharia dos comunistas bombardeou sem cessar partindo do litoral do sul e do norte. Na noite de 12-13, os comunistas atacaram pelo sul, recorrendo novamente às mortalhas brancas e sacrificando várias centenas de *kursanti*. Kronstadt contra-atacava desesperadamente, apesar das numerosas noites sem dormir e da falta de homens e de alimentos. Lutava com um heroísmo extraordinário contra os assaltos simultâneos do norte, do leste e do sul, mesmo com as baterias de Kronstadt sendo capazes de defender apenas seu lado ocidental. Os marinheiros não tinham nem mesmo um navio quebra-gelo para impossibilitar a aproximação das forças comunistas.

Em 16 de março, os bolcheviques dirigiram um ataque concentrado por três setores de uma vez: norte, sul e leste. “O plano de ataque”, descreveu mais tarde Dibenko, ex-comissário bolchevique da frota, e mais tarde ditador de Kronstadt, “foi elaborado em seus detalhes mais minuciosos segundo as diretrizes do comandante chefe, Tukhachevsky e do estado-maior das Forças do Sul. Ao chegar a noite, foi iniciado o ataque aos fortes. As mortalhas brancas e o valor dos *kursanti* nos deram a possibilidade de avançar em colunas”.

Na manhã de 17 de março, já haviam sido tomados vários fortes. Pelos portões de Petrogrado, o ponto mais débil de Kronstadt, os bolcheviques forçaram sua entrada na cidade, e então começou o massacre brutal. Os comunistas, cujas vidas haviam sido salvas pelos marinheiros, agora os traíam, atacando-os por trás. O comissário da frota do Báltico, Kuzmin, e o presidente do Soviete de Kronstadt, Vassiliev, libertados da prisão pelos comunistas, se lançaram ao combate fratricida. A luta desesperada dos marinheiros e soldados de Kronstadt contra forças de uma superioridade esmagadora continuou até chegar a noite. A cidade, que durante quinze dias não havia feito mal algum a nem um único comunista, estava agora inundada pelo sangue dos homens, das mulheres e das crianças de Kronstadt.

Nomeado comissário de Kronstadt, Dibenko foi investido com plenos poderes para “limpar a cidade rebelde”. Seguiu-se uma orgia de vingança, e a Tcheka contava numerosas vítimas de suas noturnas execuções *razstrel* em massa.

Em 18 de março, o governo bolchevique e o Partido Comunista da Rússia festejavam publicamente a Comuna de Paris de 1871, afogada no sangue dos operários franceses por Gallifet e Thiers. Celebraram ao mesmo tempo a “vitória” sobre Kronstadt.

Durante as semanas que se seguiram, as prisões de Petrogrado estiveram repletas de centenas de prisioneiros de Kronstadt. A cada noite, pequenos grupos destes prisioneiros eram removidos por ordem da Tcheka e desapareciam – para não mais serem vistos entre os vivos. Entre os últimos fuzilados estava Perepelkin, membro do Comitê Revolucionário Provisório de Kronstadt.

Nas prisões e nos campos de concentração da região glacial de Arkangelsk e nos desertos do distante Turquistão, morrem lentamente homens de Kronstadt que se levantaram contra a burocracia bolchevique e proclamaram, em março de 1921, a propaganda da Revolução de Outubro de 1917: “Todo o Poder aos Sovietes!”.

Notas

¹Destacamentos armados organizados pelos bolcheviques para suprimir o tráfico e para confiscar rações e outros produtos. A irresponsabilidade e a arbitrariedade desses métodos eram proverbiais por toda a extensão do país. O governo aboliu estes destacamentos na província de Petrogrado na véspera de seus ataques a Kronstadt – uma propina ao proletariado de Petrogrado.

²Izvestia, do Comitê Revolucionário Provisório de Kronstadt, nº 9, 11 de março de 1921.

³Publicado em *Revolutsionnaya Rossiya* (Diário Socialista Revolucionário) nº 8, maio de 1921. Veja também *Izvestia* (comunista) de Moscou nº 154, 13 de julho de 1922.

⁴O Comitê Executivo do Partido Comunista considerou sua seção de Kronstadt de tal modo “desmoralizada” que, depois da derrota de Kronstadt, ordenou um novo registro completo de todos os comunistas de Kronstadt.

⁵O processo célebre dos 193 no primeiro período do movimento revolucionário russo começou no final de 1877 e acabou nos primeiros meses de 1878.

⁶Um pud equivale a 16.4 quilos.

⁷A negativa de Kronstadt a se apoderar de Oranienbaum deu ao governo a possibilidade de reforçar a fortaleza com seu regimento fiel, de eliminar as partes “infectadas” da guarnição e de fuzilar os chefes da esquadra aérea que estavam prestes a se unirem aos rebeldes de Kronstadt. Mais tarde, os bolcheviques fizeram uso da fortaleza como um ponto de vantagem contra Kronstadt. Entre os fuzilados em Oranienbaum se encontravam: Kolossov, chefe da divisão de aviadores da Marinha Vermelha e presidente do Comitê Revolucionário Provisório que acabara de organiza-se em Oranienbaum; Balachanov, secretário do Comitê, e os membros do Comitê Romanov, Vladimirov etc.

No começo do meu período russo, a questão das greves havia me intrigado bastante. As pessoas tinham me dito que a última tentativa do tipo foi esmagada e os participantes enviados à prisão. Eu não tinha acreditado nisso, e, como em todas as coisas similares, eu fui atrás de Zorin por informações. “Greves sob a ditadura do proletariado?”, ele exclamou, “Não existe isso”. Ele até me repreendeu por dar crédito a contos tão loucos e impossíveis. Contra quem, de fato, os trabalhadores entrariam em greve na Rússia soviética?, ele argumentou. Contra eles mesmos? Eles eram os mestres do país, tanto política como industrialmente. Certamente, havia alguns entre os operários que não tinham completa consciência de classe e não estavam cientes de seus próprios verdadeiros interesses. Estes às vezes ficavam frustrados, mas eram elementos incitados pelos *shkurniky*, por egoístas e inimigos da Revolução. Eles eram parasitas que estavam propositalmente enganando o pobre povo. Eram o pior tipo de *sabotazhniky*, não melhores do que contrarrevolucionários completos, e, é claro, as autoridades soviéticas tinham que proteger o país contra o seu tipo. A maioria deles estava na prisão.

Desde então eu aprendi por observação e experiência pessoal que os verdadeiros *sabotazhniky*, contrarrevolucionários e bandidos nas instituições penais soviéticas eram uma minoria insignificante. A maior parte da população prisional consistia de hereges sociais que eram culpados de pecado capital contra a Igreja Comunista. Pois nenhuma ofensa era considerada mais hedionda do que considerar visões políticas em oposição ao partido, e a expressar qualquer protesto contra os males e crimes do bolchevismo. Eu descobri que de longe o maior número era de prisioneiros políticos, assim como camponeses e operários culpados de exigir melhor tratamento e condições. Estes fatos, apesar de rigidamente guardados do público, eram não obstante conhecimento comum, como de fato era a maioria das coisas que estavam acontecendo secretamente por baixo da superfície soviética. Como a informação proibida vazava era um mistério, mas ela de fato vazou e se espalharia com a rapidez e a intensidade de um incêndio florestal.

Dentro de menos de vinte e quatro horas depois de nosso retorno a Petrogrado, nós descobrimos que a cidade estava fervilhando com descontentamento e conversas sobre greve. A causa disso era o sofrimento crescente devido ao incomum inverno severo assim como parcialmente à habitual estreiteza de visão soviética. Pesadas tempestades de neve haviam atrasado os magros suprimentos de comida e combustível para a cidade. Além disso, o Petro-Soviete tinha cometido a estupidez de fechar várias fábricas e cortar as rações de seus empregados quase pela metade. Ao mesmo tempo, se tornou conhecido que os membros do partido nas oficinas tinham recebido um suprimento novo de calçados e roupas, enquanto o resto dos trabalhadores estava coberto e calçado miseravelmente. Para tapar o clímax, as autoridades vetaram a

reunião convocada pelos operários para discutir maneiras de melhorar a situação.

Em Petrogrado, a sensação comum entre os elementos não comunistas era que a situação era muito grave. A atmosfera estava carregada até o ponto de explosão. Nós decidimos, é claro, permanecer na cidade. Não que esperávamos impedir a confusão iminente, mas queríamos estar presentes caso pudéssemos servir de ajuda ao povo.

A tempestade irrompeu antes mesmo que qualquer pessoa esperasse. Em fevereiro de 1921, os trabalhadores de várias fábricas de Petrogrado entraram em greve. O inverno foi excepcionalmente frio, e as pessoas da capital sofriam intensamente com o frio, a fome e a exaustão. Eles pediam por um aumento de suas rações de alimentos, por um pouco de combustível e por roupas. As reclamações dos trabalhadores, ignoradas pelas autoridades, rapidamente assumiram um caráter político.

Começou com a greve dos operários nas fábricas de Troubetskoy. Suas exigências eram modestas o suficiente: um aumento em suas rações de alimento, como haviam lhes prometido há tempos atrás, e também a distribuição dos calçados à mão. O Petro-Soviete se recusou a negociar com os grevistas até que eles retornassem ao trabalho. A tentativa de manifestação dos grevistas na rua foi suprimida: companhias de *kursanti* armados, consistindo de jovens comunistas treinados militarmente, foram enviadas para dispersar os trabalhadores reunidos ao redor das fábricas. Os cadetes buscavam incitar a multidão atirando no ar, mas infelizmente os operários estavam desarmados e não houve derramamento de sangue. Os grevistas recorreram a uma arma mais poderosa, a solidariedade de seus companheiros, resultando em empregados de outras cinco fábricas baixando suas ferramentas e se juntando ao movimento grevista. Vieram quase todos os operários das docas da Galernaya, das oficinas do Almirantado, das moendas de Patronny e das fábricas de Baltiysky e Laferm.

Por todos os relatos, eu levantei que o manejo dos grevistas não foi camarada de maneira alguma. Liza Zorin, que de todos os comunistas que eu conheci havia permanecido como a mais próxima do povo, estava presente na dispersão da manifestação. Mesmo uma comunista fervorosa como Liza Zorin tinha sido incitada a protestar contra os métodos utilizados. Liza e eu tínhamos nos afastado há muito tempo atrás, portanto eu portanto muito surpresa dela sentir a necessidade de abrir seu coração para mim. Ela nunca acreditaria que homens do Exército Vermelho fossem avançar sobre operários, ela protestou. Algumas mulheres desmaiaram com a visão, e outras ficaram histéricas. Uma mulher que estava de pé perto dela tinha evidentemente reconhecido ela como membro ativo do partido e sem dúvida a considerou responsável pela cena brutal. Ela ficou tão enraivecida com a brutalidade dos militares que avançou sobre Liza violentamente e a acertou no rosto em cheio, levando-a a sangrar profusamente. Apesar de cambalear pelo golpe, a velha Liza, que sempre me provocou por minha sentimentalidade, disse à sua agressora que aquilo não importava de maneira alguma. A última, fiel aos seus instintos proletários, salvou a mulher da prisão e a acompanhou até sua casa. “Para reassegurar à mulher distraída, eu implorei a ela que me deixasse acompanhá-lha até sua casa”, Liza relatou. Lá ela encontrou as condições mais chocantes. Em um quarto escuro e úmido, vivia uma família operária com seus seis filhos, seminus no amargo frio. “Sua casa – era um

buraco pavoroso que eu pensava que não mais existia em nosso país. Um quarto escuro, frio e úmido, ocupado pela mulher, seu marido e seus seis filhos. E pensar que eu tinha vivido no Hotel Astoria todo este tempo!”, ela lamentou. Mais tarde, ela se mudou. Ela sabia que não era culpa do seu partido que tais condições chocantes ainda prevaleciam na Rússia soviética, ela continuou. Nem era a teimosia comunista a responsável pela greve. O bloqueio e a conspiração imperialista mundial contra a República Operária eram os culpados pela pobreza e pelo sofrimento. De qualquer maneira, ela não podia mais permanecer em seu cômodo confortável. O quarto da mulher desesperada e seus filhos com queimaduras de frio assombrariam os seus dias. Pobre Liza! Ela era leal e fiel, e de caráter altíssimo. Mas oh, tão cega politicamente!

O apelo dos operários por mais pão e um pouco de combustível logo estourou em decididas exigências políticas, graças à arbitrariedade e crueldade das autoridades. Um manifesto, que foi colado nas paredes ninguém sabia por quem, convocava “uma mudança completa na política do governo”. Ele declarava que, “antes de tudo, os operários e os camponeses precisam de liberdade. Eles não querem viver sob os decretos dos bolcheviques; eles querem controlar seus próprios destinos”. A cada dia a situação crescia em tensão e novas exigências estavam sendo expressas por meio de proclamações nas paredes e nos prédios. Por fim, apareceu um chamado pela *Uchredilka*, a Assembleia Constituinte tão odiada e denunciada pelo partido dominante.

Lei marcial foi declarada e os operários receberam a ordem de voltar para as oficinas sob pena de serem privados de suas rações. Isso não teve qualquer efeito, e como consequência alguns sindicatos foram liquidados, seus oficiais e os grevistas mais insistentes colocados na prisão.

Com impotência angustiante, nós vimos grupos de homens cercados por tchekistas e soldados armados conduzidos por nossas janelas. Na esperança de fazer os líderes soviéticos perceberem a loucura e o perigo de suas táticas, Sasha tentou falar com Zinoviev, enquanto eu procurei Madame Ravich, Zorin e Zipperovich, líder do Sindicato do Soviete de Petrogrado. Mas todos eles nos negaram com a desculpa de que estavam muito ocupados defendendo a cidade de complôs contrarrevolucionários tramados por mencheviques e socialistas revolucionários. Esta fórmula já tinha ficado conhecida após ser repetida por três anos, mas ainda ajudava a jogar areia nos olhos da militância de base comunista.

A greve continuava a se espalhar, a despeito de todas as medidas extremas. Eram feitas prisões atrás de prisões, mas a própria estupidez com que as autoridades lidaram com a situação serviram para encorajar os elementos sombrios. Proclamações antirrevolucionárias e antisemitas começaram a aparecer, e rumores furiosos de supressão militar e de brutalidade da Tcheka contra os grevistas encheram a cidade.

Os operários estavam determinados, mas era aparente que em breve eles se submeteriam por causa da fome. Não havia nenhuma maneira do público ajudar os grevistas mesmo se tivesse qualquer coisa para dar. Todas as avenidas que levavam aos distritos industriais da cidade foram cortadas por tropas concentradas. Ademais, a própria população estava em uma carência pavorosa. O pouco que podíamos reunir em alimentos e roupa era uma mera gota no oceano. Nós todos percebemos que as chances entre a ditadura e os operários eram muito desiguais para permitir que os grevistas

resistissem por muito mais tempo.

Nesta situação tensa e desesperada, logo foi introduzido um novo fator que manteve a esperança de solução. Eram os marinheiros de Kronstadt. Quando os marinheiros de Kronstadt souberam do que estava acontecendo em Petrogrado, eles expressaram sua solidariedade com os grevistas em suas exigências econômicas e revolucionárias, mas se recusaram a apoiar qualquer convocação para a Assembleia Constituinte. Fiéis às suas tradições revolucionárias e à sua solidariedade com os trabalhadores, tão lealmente demonstradas na revolução de 1905, e mais tarde nas sublevações de março e outubro de 1917, agora eles novamente se levantaram em favor dos proletários atacados em Petrogrado. De maneira nenhuma às cegas. Silenciosamente e sem forasteiros saberem a respeito, eles haviam enviado um comitê para investigar as alegações dos grevistas. Seu relato incitou os marinheiros dos navios de guerra *Petropavlovsk* e *Sevastopol* a adotarem uma resolução a favor das exigências de seus irmãos operários em greve. Eles se declararam devotados à Revolução e aos Sovietes, assim como leais ao Partido Comunista. Eles protestavam, todavia, contra a atitude arbitrária de certos comissários e enfatizavam a necessidade de maior autodeterminação para os corpos organizados dos trabalhadores. Eles também exigiram liberdade de reunião para sindicatos e organizações camponesas e a libertação de todos os operários e prisioneiros políticos das prisões soviéticas e dos campos de concentração.

O exemplo dessas brigadas foi seguido pelos Primeiro e Segundo Esquadrões da Frota do Báltico estacionados em Kronstadt. Em uma reunião a céu aberto em 1º de março, realizada com o conhecimento do Comitê Executivo do Soviete de Kronstadt, à qual compareceram 16.000 marinheiros, homens do Exército Vermelho e trabalhadores de Kronstadt, resoluções similares foram adotadas por unanimidade com a exceção de apenas três votos. Os dissidentes incluíam Vassiliev, Presidente do Soviete de Kronstadt, que presidia a reunião; Kuzmin, o Comissário da Frota do Báltico; e Kalinin, Presidente das Repúblicas Socialistas Soviéticas Federadas. Kalinin, Kuzmin e Vassiliev falaram contra a resolução, a qual mais tarde se tornou a base do conflito entre Kronstadt e o governo. Ela expressava a exigência popular por Sovietes eleitos pela livre escolha do povo.

Dois anarquistas que tinham comparecido à reunião retornaram para nos contar da ordem, do entusiasmo e do belo espírito que havia prevalecido ali. Desde os primeiros dias de Outubro eles não viam tal manifestação espontânea de solidariedade e camaradagem fervente. Se nós estivéssemos lá..., eles lamentaram. A presença de Sasha, a quem os marinheiros de Kronstadt tinham defendido valentemente quando esteve em perigo de deportação à Califórnia em 1917, e de mim, a quem os marinheiros conheciam por reputação, teria dado mais peso à resolução, eles declararam. Nós concordamos que teria sido uma experiência maravilhosa participar da primeira grande reunião de massa no solo soviético que não foi feita à máquina. Gorki tinha me assegurado há muito tempo atrás que os homens da Frota do Báltico tinham nascido anarquistas e que meu lugar era com eles. Eu frequentemente quis ir a Kronstadt conhecer as tripulações e conversar com elas, mas eu senti que no meu estado mental confuso e perturbado eu não podia lhes dar nada de construtivo. Mas agora eu sabia que se fosse até eles, os bolcheviques iriam bradar que eu estava incitando os

marinheiros contra o regime. Sasha disse que ele não se importava com o que os comunistas diriam. Ele se juntaria aos trabalhadores em seu protesto a favor dos operários grevistas de Petrogrado.

Nosso companheiros enfatizaram que as expressões de simpatia por parte de Kronstadt com os grevistas não poderia de forma alguma ser interpretada como ação antissoviética. Na verdade, todo o espírito dos marinheiros e das resoluções aprovadas em suas assembleias era completamente soviético. Eles se opunham fortemente à atitude autocrática das autoridades de Petrogrado aos grevistas esfomeados, mas em nenhum momento a reunião mostrou a menor oposição aos comunistas. Na verdade, a grande reunião tinha sido realizada sob os auspícios do Soviete de Kronstadt. Para mostrar sua lealdade, os marinheiros receberam Kalinin em sua cidade com música, e sua palestra foi escutada com respeito e atenção. Mesmo depois que ele e seus camaradas atacaram os marinheiros e condenaram sua resolução, Kalinin foi escoltado de volta à estação da forma mais amigável, nossos informantes afirmaram.

Nós ouvimos o rumor de que, em uma reunião de trezentos delegados da frota, da guarnição e do Sindicato do Soviete, Kuzmin e Vassiliev foram presos pelos marinheiros. Nós perguntamos a nossos dois companheiros o que eles sabiam sobre o assunto. Eles admitiram que os dois homens tinham sido detidos. A razão para isso foi porque na reunião Kuzmin havia denunciado os marinheiros como traidores, e os grevistas de Petrogrado como *shkurniky*, e havia declarado que dali em diante o Partido Comunista “iria combatê-los até o fim como contrarrevolucionários”. Os delegados também tinham descoberto que Kuzmin tinha dado ordens para a remoção de toda a comida e munição de Kronstadt, condenando desse modo a cidade à fome. Portanto, foi decidido pelos marinheiros e pela guarnição de Kronstadt deter Kuzmin e Vassiliev e tomar precauções para que nenhum suprimento fosse removido do município. Mas não houve nenhuma indicação de quaisquer intenções rebeldes ou de que eles tinham deixado de acreditar na integridade revolucionária dos comunistas. Pelo contrário, aos delegados comunistas na reunião foi permitido igualdade de voz. Outra prova de sua confiança no regime foi dada pelos delegados ao enviar um comitê de trinta homens para conferenciar com o Petro-Soviete com vistas a um ajuste amigável da greve.

Nos sentimos cheios de orgulho com a esplêndida solidariedade dos marinheiros e soldados de Kronstadt com seus irmãos grevistas em Petrogrado e esperávamos que um rápido fim da confusão viesse em breve, graças à mediação dos marinheiros.

Nossas esperanças foram frustradas uma hora depois que recebemos a notícia da ação de Kronstadt. Uma ordem assinada por Lenin e Trotsky se espalhou como um incêndio por Petrogrado. Ela declarava que Kronstadt havia se amotinado contra o governo soviético, e denunciava os marinheiros como “instrumentos de ex-generais czaristas que, junto com traidores socialistas revolucionários, planejaram uma conspiração contrarrevolucionária contra a República proletária”.

“Absurdo! Isso não é nada menos que loucura!”, Sasha gritou quando leu a cópia da ordem. “Lenin e Trotsky devem ter sido mal informados por alguém. Eles não poderiam acreditar de forma alguma que os marinheiros eram culpados de contrarrevolução. Por quê? As tripulações do *Petropavlovsk* e do *Sevastopol* particularmente tinham sido os apoiadores mais fiéis dos bolcheviques em Outubro e

desde então. E o próprio Trotsky não os saudou como ‘o orgulho e a glória da Revolução?’”

Nós devemos ir a Moscou de uma vez, Sasha declarou. Era imperativo ver Lenin e Trotsky e explicar a eles que foi tudo um terrível mal entendido, uma trapalhada que pode mostrar-se fatal à própria Revolução. Foi muito difícil para Sasha desistir de sua fé na integridade revolucionária dos homens que tinham aparecido como apóstolos proletários para milhões ao redor do mundo. Eu concordei com ele que Lenin e Trotsky tinham sido enganados por Zinoviev, que esteve telefonando à noite para o Kremlin com relatórios detalhados sobre Kronstadt. Zinoviev não era conhecido nem mesmo entre seus próprios camaradas por ter coragem pessoal. Ele entrou em pânico com os primeiros sintomas de descontentamento mostrado pelos trabalhadores de Petrogrado. Quando ele soube que a guarnição local tinha expressado simpatia com os grevistas, ele perdeu a cabeça completamente e ordenou que uma metralhadora fosse colocada no Astoria para sua proteção. O levante de Kronstadt tinha colocado terror em seu coração e isso o levou a bombardear Moscou com histórias malucas. Eu sabia tudo isso, assim como Sasha, mas eu não pude acreditar que Lenin e Trotsky realmente achavam que os homens de Kronstadt eram culpados de contrarrevolução ou eram capazes de cooperar com Generais Brancos, como alegou-se na ordem de Lenin.

Lei marcial extraordinária foi declarado sobre toda a Província de Petrogrado, e ninguém além de oficiais especialmente autorizados poderia deixar a cidade. A imprensa bolchevique iniciou uma campanha de calúnia e difamação contra Kronstadt, proclamando que os marinheiros e soldados tinham ficado do lado do “General Czarista Kozlovsky”, e declarando o povo de Kronstadt fora da lei. Sasha começou a perceber que a situação envolvia muito mais que mera mal informação por parte de Lenin e Trotsky. Este iria comparecer à sessão especial do Petro-Soviete onde o destino de Kronstadt seria decidido. Nós decidimos estar presentes.

Em 4 de março, o Soviete de Petrogrado deveria se reunir e se sentia geralmente que o destino de Kronstadt seria então decidido. Trotsky iria falar na reunião, e como eu ainda não havia tido a oportunidade de escutá-lo na Rússia, eu estava ansiosa por comparecer. Minha atitude sobre a questão de Kronstadt ainda não estava decidida. Eu não podia acreditar que os bolcheviques iriam deliberadamente fabricar a estória sobre o General Kozlovsky como o líder dos marinheiros. A reunião do Soviete, eu esperava, iria esclarecer o assunto.

Era minha primeira oportunidade na Rússia de ouvir Trotsky. Nós poderíamos lembrá-lo de suas palavras de despedida em Nova Iorque, eu pensei: a esperança que ele tinha expressado de que em breve fôssemos para a Rússia ajudar no grande trabalho que se tornou possível pela queda do czarismo. Nós iríamos implorar a ele que nos deixasse resolver a dificuldade de Kronstadt em um espírito amigável, dispor de nosso tempo e de nossas energias, até mesmo de nossas vidas, no teste supremo que a Revolução estava colocando diante do Partido Comunista.

Infelizmente, o trem de Trotsky se atrasou e ele não apareceu na sessão. Os homens que falaram à reunião estavam além da razão e do apelo. Fanatismo desvairado estava em suas palavras, e medo cego, em seus corações.

O Palácio Tauride estava lotado. A atmosfera estava muito tensa. A plataforma estava fortemente protegida por *kursanti*, e soldados tchekistas munidos de baionetas

ficavam de pé entre ela e a plateia. Zinoviev, que presidia, parecia à beira de um colapso nervoso. Por várias vezes ele se levantava para falar e então se sentava novamente. Todos esperavam por Trotsky. Mas quando deu 10 horas e ele não havia chegado, Zinoviev abriu a reunião.

Quando ele finalmente começou a falar, ele manteve sua cabeça virando para a esquerda e para a direita como se temesse um ataque súbito, e sua voz, sempre fina como a de um adolescente, subiu para um tom estridente, extremamente dissonante e de maneira alguma convincente. Antes que ele tivesse falado por quinze minutos, eu estava convencida de que ele mesmo não acreditava na história de Kozlovsky. “É claro que Kozlovsky está velho e não pode fazer nada”, ele disse, “mas os Oficiais Brancos estão atrás dele e estão enganando os marinheiros”. No entanto, por dias os jornais soviéticos haviam anunciado o General Kozlovsky como o espírito motor da “sublevação”. Ele denunciava o “General Kozlovsky” como o espírito maligno dos homens de Kronstadt, apesar da maioria da plateia saber que aquele oficial militar tinha sido colocado em Kronstadt pelo próprio Trotsky como especialista em artilharia. Isso não evitou que Zinoviev, como presidente do especialmente criado Comitê de Defesa, proclamasse que Kronstadt tinha se levantado contra a Revolução e buscava realizar os planos de Kozlovsky e seus comparsas czaristas.

Kalinin se desvencilhou de suas maneiras comumente bondosas e atacou os marinheiros em termos cruéis, esquecendo as honras prestadas a ele em Kronstadt há apenas alguns dias. Ele, a quem os marinheiros tinham permitido deixar Kronstadt ileso, delirou como um peixeiro. Ele denunciou os marinheiros como contrarrevolucionários e clamou por sua subjugação imediata. Vários outros comunistas o seguiram. “Nenhuma medida pode ser severa demais para os contrarrevolucionários que ousam levantar sua mão contra nossa gloriosa Revolução”, ele declarou. As luzes menos brilhantes entre os palestrantes falaram com o mesmo esforço, incitando seus zelotes comunistas, ignorantes dos fatos reais, a um frenesi vingativo contra os homens que ontem haviam sido aclamados como heróis e irmãos.

Quando a reunião foi aberta para discussão, um operário do arsenal de Petrogrado exigiu ser escutado. Sobre a gritaria da multidão que berrava e batia o pé, uma única voz lutava para ser ouvida – a voz tensa e grave de um homem nas fileiras da frente. Ele era delegado dos empregados grevistas nas fábricas do arsenal. Ele foi levado a protestar, ele declarou, contra as deturpações proferidas da plataforma contra os bravos e leais homens de Kronstadt. Ele falou com profunda emoção e, ignorando as constantes interrupções, ele destemidamente declarou que os operários haviam sido levados à greve por causa da indiferença do governo às suas reclamações; os marinheiros de Kronstadt, longe de serem contrarrevolucionários, estavam devotados à revolução. Encarando Zinoviev e apontando seu dedo diretamente para ele, o homem esbravejou: “Foi a indiferença cruel por parte de você e de seu partido que nos levaram a entrar em greve e que incitaram a simpatia de nossos irmãos marinheiros, que lutaram lado a lado conosco na Revolução. Eles não são culpados de nenhum outro crime, e vocês sabem disso. Conscientemente, vocês os difamam e convocam sua destruição”. Gritos de “Contrarrevolucionário! Traidor! *Shkurnik!* Bandido menchevique!” transformaram a assembleia em um hospício.

O velho operário continuou de pé, com sua voz se elevando sobre o tumulto.

Encarando Zinoviev, ele o lembrou de que as autoridades bolcheviques estavam agora agindo para com os operários e marinheiros como o governo Kerensky havia agido para com os bolcheviques. “Há mais ou menos três anos atrás, Lenin, Trotsky, Zinoviev e todos vocês” ele gritou, “foram denunciados como traidores e espiões alemães. Nós, os operários e marinheiros, viemos ao seu resgate e salvamos vocês do governo de Kerensky. Fomos nós que colocamos vocês no poder. Vocês se esqueceram disso? Agora vocês nos ameaçam com a espada. Lembrem-se, vocês estão brincando com fogo. Vocês estão repetindo as trapalhadas e os crimes do governo Kerensky. Cuidado para que um destino semelhante não pegue vocês!”.

O desafio fez Zinoviev estremecer. Os outros na plataforma se moviam inquietamente em seus assentos. A plateia comunista parecia temeroso por um instante pelo aviso portento, e naquele momento outra voz ressoou. Um homem alto vestindo um uniforme de marinheiro se levantou no fundo. Nada havia mudado no espírito revolucionário de seus irmãos no mar, ele declarou. Até o último homem, eles estavam prontos para defender a Revolução com cada gota de sangue. Ele se referiu ao glorioso passado revolucionário de Kronstadt, apelou aos comunistas para que não cometessem fratricídio. E então ele prosseguiu à leitura da resolução de Kronstadt adotada na reunião de 1º de março. O tumulto que a sua ousadia provocou tornou impossível para qualquer um que não estivesse perto dele o escutasse. Mas ele se manteve firme e continuou a ler até o final.

Mas a voz destes filhos do povo caiu sobre ouvidos surdos. A única resposta a estes dois resolutos filhos da Revolução foi a resolução de Zinoviev exigindo a rendição completa e imediata de Kronstadt sob a pena de extermínio. O Petro-Soviete, suas paixões inflamadas pela demagogia bolchevique, aprovou a resolução. Ela passou pela sessão em meio a um pandemônio de confusão, com todas as vozes opositoras amordaçadas.

Os marinheiros de Kronstadt foram os primeiros a servirem à Revolução. Eles haviam desempenhado um importante papel na revolução de 1905; estiveram nas fileiras da frente em 1917. Sob o regime de Kerensky, proclamaram a Comuna de Kronstadt e se opuseram à Assembleia Constituinte. Eles foram a guarda pioneira na Revolução de Outubro. Na grande luta contra Yudenitch, os marinheiros ofereceram a defesa mais forte de Petrogrado, e Trotsky os elogiou como “o orgulho e a glória da Revolução”. Agora, todavia, eles tinham ousado levantar sua voz em protesto contra os novos soberanos da Rússia. Isso foi alta traição do ponto de vista bolchevique. Os marinheiros de Kronstadt estavam condenados.

Petrogrado estava inflamada sobre a decisão do Soviete; mesmo alguns dos comunistas, especialmente aqueles da seção francesa, estavam repletos de indignação. Mas nenhum deles teve a coragem de protestar, mesmo nos círculos do partido, contra o massacre proposto. Assim que a resolução do Petro-Soviete se tornou conhecida, um grupo de conhecidos homens letrados de Petrogrado se reuniram para conferenciar quanto a se algo não poderia ser feito para evitar o crime planejado. Alguém sugeriu que Gorki fosse abordado para encabeçar um comitê de protesto às autoridades soviéticas. Esperava-se que ele emulasse o exemplo de seu ilustre compatriota Tolstoi, que em sua famosa carta ao czar havia levantado sua voz contra o terrível massacre de operários. Agora também tal voz era necessária, e Gorki era considerado o homem

certo a chamar os czares atuais a refletirem. Mas a maioria dos presentes na reunião rejeitou a ideia. Gorki era dos bolcheviques, eles disseram; ele não faria nada. Em várias ocasiões anteriores haviam apelado a ele, mas ele se recusou a interceder. A conferência não trouxe resultados.

A atmosfera, sobrecarregada com a histeria da paixão e do ódio, arrastou-se para dentro de meu ser e me agarrou pela garganta. Por toda a noite eu quis esbravejar contra o escárnio de homens que se rebaixavam às mais baixas trapações políticas em nome de um grande ideal. Minha voz parecia ter me deixado, pois eu não podia pronunciar nenhum som. Meus pensamentos voltaram para uma outra ocasião onde o espírito da vingança e do ódio havia entrado em frenesi – a véspera do registro, 4 de junho de 1917, em Hunts Point Palace, Nova Iorque. Eu então fui capaz de falar, completamente desatenta ao perigo dos patriotas ébrios com a guerra. O que eu poderia fazer agora? Por que eu não marquei o fratricídio que estava prestes a ser realizado pelos bolcheviques, como eu marquei o crime de Woodrow Wilson que dedicou os jovens homens da América ao Moloque da guerra? Eu tinha perdido a coragem que tinha me sustentado ao longo dos anos lutando contra toda injustiça e todo erro? Ou foi o desamparo que paralisou minha vontade, o desespero que se instalou em meu coração com a percepção crescente de que eu tinha confundido um fantasma com uma força vital? Nada poderia alterar aquela consciência esmagadora ou tornar qualquer protesto válido.

No entanto, o silêncio frente ao massacre iminente também era intolerável. Eu tinha que me fazer ouvida. Mas não pelos obcecados, que sufocariam minha voz como haviam feito com os outros. Eu tornaria minha posição conhecida em uma declaração ao poder supremo da Defesa Soviética naquela mesma noite.

Quando estávamos a sós e eu conversei com Sasha sobre o assunto, eu fiquei feliz em saber que meu velho amigo tinha concebido o mesmo plano. Ele sugeriu que nossa carta fosse um protesto conjunto e lidasse exclusivamente com a resolução assassina aprovada pelo Petro-Soviete. Dois companheiros que estavam conosco na sessão compartilhavam sua visão e se ofereceram a assinar seus nomes ao nosso apelo conjunto às autoridades.

Eu não tinha esperança de que nossa mensagem exercesse qualquer moderação ou controle sobre os eventos decretados contra os marinheiros. Mas eu estava determinada a ter minha atitude registrada de maneira a servir de testemunha futura de que eu não permaneci calada à maior traição da Revolução pelo Partido Comunista.

Às duas da manhã, Sasha entrou em contato por telefone com Zinoviev, para informá-lo de que tinha algo importante a comunicar a ele em relação a Kronstadt. Talvez Zinoviev tivesse presumido que era algo que poderia ajudar a conspiração contra Kronstadt. De outra forma, ele dificilmente teria se incomodado a enviar rapidamente Madame Ravich até ele àquela hora da noite, dez minutos depois que Sasha havia falado com ele. Ele poderia confiar nela absolutamente, dizia a nota de Zinoviev, e ela deveria receber a mensagem. Nós entregamos nossa comunicação, que dizia:

Ao Conselho de Trabalho e Defesa de Petrogrado

Presidente Zinoviev:

Permanecer em silêncio agora é impossível, e até criminoso. Os acontecimentos recentes nos compelem, como anarquistas, a falar francamente e a declarar nossa atitude na situação atual. O espírito de descontentamento e de inquietude presente entre os operários e marinheiros é o resultado de causas que exigem nossa mais séria atenção. O frio e a fome geraram o descontentamento, e a ausência da menor possibilidade de discussão e de crítica está obrigando os marinheiros e os operários a declararem abertamente suas queixas.

Os bandos de Guardas Brancos querem e podem tentar explorar essa insatisfação em benefício de seus próprios interesses de classe. Ocultando-se atrás dos marinheiros e dos operários, eles despejam lemas da Assembleia Constituinte, do mercado livre e de outras exigências do mesmo gênero.

Nós, anarquistas, expusemos há muito tempo a ficção desses lemas, e declaramos ao mundo inteiro que lutaremos com armas em mãos contra qualquer tentativa contrarrevolucionária, em cooperação com todos os amigos da Revolução Soviética e lado a lado com os bolcheviques.

A respeito do conflito entre o Governo Soviético e os operários e marinheiros, somos de opinião de que ele deveria ser liquidado não pelas armas, mas por meio de acordo revolucionário fraternal. Recorrer para o derramamento de sangue de parte do Governo Soviético não irá – na situação atual – intimidar nem apaziguar os operários. Pelo contrário, serviria apenas para agravar o assunto e para reforçar a manipulação da Entente e da contrarrevolução interior. Ainda mais importante, o emprego da força pelo Governo dos Operários e dos Camponeses contra operários e camponeses terá um efeito reacionário no movimento revolucionário internacional e resultará em todas as partes em um mal incalculável para a Revolução Social

Camaradas bolcheviques, reflitam antes que seja tarde demais! Não brinquem com fogo: vocês estão prestes a dar um passo bastante sério e decisivo. Nós daqui em diante submetemos a vocês a seguinte proposta: deixem uma Comissão ser eleita consistindo de cinco pessoas, inclusive de dois anarquistas. A Comissão deve ir a Kronstadt para resolver a disputa por meios pacíficos. Na situação atual, esse é o método mais radical. Terá uma significância revolucionária internacional.

Petrogrado
5 de março de 1921

ALEXANDER BERKMAN
EMMA GOLDMAN
PERKUS
PETROVSKY

A prova de que nosso apelo caiu em ouvidos surdos nos veio no mesmo dia da chegada de Trotsky e de seu ultimato a Kronstadt. Por ordem do Governo dos

Operários e dos Camponeses, ele declarou aos marinheiros e soldados de Kronstadt que ele iria “abater como perdizes” todos aqueles que haviam ousado “levantar sua mão contra a pátria socialista”. Os navios e as tripulações rebeldes receberam o comando de se submeterem imediatamente às ordens do governo soviético ou serem subjugados pela força das armas. Somente aqueles que se rendessem incondicionalmente poderiam contar com a misericórdia da República Soviética.

O aviso final foi assinado por Trotsky, como Presidente do Soviete Militar Revolucionário, e por Kamenev, o Comandante Chefe do Exército Vermelho. Ousar questionar o direito divino dos soberanos era novamente punível com a morte.

Trotsky manteve sua palavra. Tendo sido ajudado a alcançar a autoridade pelos homens de Kronstadt, ele estava agora em posição de pagar completamente seu débito com “o orgulho e a glória da Revolução Russa”. Os melhores especialistas militares e estrategistas do regime de Romanov estavam a seu serviço, entre eles o notório Tukhachevsky, a quem Trotsky apontou comandante chefe do ataque a Kronstadt. Além disso, havia hordas de tchekistas, com três anos de treinamento na arte do assassinato; *kursanti* e comunistas especialmente selecionados por sua obediência cega às ordens; e as tropas mais confiáveis de várias frentes. Entre os dias 1º e 17 de março, vários regimentos da guarnição de Petrogrado e todos os marinheiros do porto foram desarmados e enviados à Ucrânia e ao Cáucaso. Os bolcheviques tinham medo de confiar neles na situação de Kronstadt: no primeiro momento psicológico, eles teriam ajudado Kronstadt. De fato, muitos soldados vermelhos do Krasnaya Gorka e das guarnições adjacentes também tinham simpatia por Kronstadt e foram forçados sob mira de armas a atacarem os marinheiros. Com tal força amontoadada contra a cidade condenada, esperava-se que o motim fosse facilmente reprimido, especialmente depois que os soldados e marinheiros da guarnição de Petrogrado tinham sido desarmados e aqueles que expressaram solidariedade com seus camaradas sitiados tinham sido removidos da zona de perigo.

Da janela do meu quarto no Hotel Internacional eu os vi sendo conduzidos em pequenos grupos, cercados por fortes destacamentos de tropas da Tcheka. Seu passo tinha perdido seu vigor, suas mãos pendiam aos seus lados e suas cabeças estavam curvadas em pesar.

Os grevistas de Petrogrado não eram temidos pelas autoridades. Eles estavam enfraquecidos por lento esfomeamento e sua energia se debilitou. Eles foram desmoralizados pelas mentiras espalhadas contra eles e seus irmãos de Kronstadt, e seu espírito foi quebrado pelo veneno de dúvida instilado pela propaganda bolchevique. Eles não tinham mais força ou confiança restantes para ajudar seus camaradas de Kronstadt que tão altruisticamente apoiaram sua causa e estavam prestes a desistir de suas vidas por eles.

Kronstadt foi abandonada por Petrogrado e cortada do resto da Rússia. Ela ficou sozinha. Não poderia oferecer quase nenhuma resistência. “Ela irá cair com o primeiro tiro”, a imprensa soviética proclamava. Eles estavam enganados. Kronstadt não havia pensado em motim ou resistência ao governo soviético. Até o último momento, estava determinada a não derramar sangue. Ela apelou o tempo inteiro por compreensão e solução amigável. Mas, forçada a se defender contra o ataque militar não provocado, lutou como um leão. Durante dez dias e noites angustiantes, os marinheiros e os

operários da cidade sitiada resistiram contra fogo de artilharia contínuo vindo de três lados e bombas despejadas por aviões sobre a comunidade não combatente. Heroicamente, eles repeliram as repetidas tentativas dos bolcheviques de invadir a fortaleza por tropas especiais de Moscou. Trotsky e Tukhachevsky tinham toda a vantagem sobre os homens de Kronstadt. Toda a maquinaria do Estado comunista os apoiava, e a imprensa centralizada continuava a espalhar veneno contra os supostos “amotinados e contrarrevolucionários”. Eles tinham suprimentos ilimitados e homens que vestiam mortalhas brancas para se misturarem com a neve do golfo finlandês congelado para camuflar o ataque noturno contra os homens de Kronstadt, que não suspeitavam de nada. Estes não tinham nada além de sua coragem resoluta e sua fé persistente na justiça de sua causa e nos Sovietes livres que eles defenderam como a salvação da Rússia da ditadura. Eles não tinham nem mesmo um quebra-gelo para cessar a investida do inimigo comunista. Eles estavam exaustos pela fome e pelo frio e por noites de vigília em claro. No entanto, eles se mantiveram, lutando desesperadamente contra a probabilidade esmagadora.

Durante o suspense assustador, os dias e as noites que eram preenchidos com o estrondo de artilha pesada, não ressoou uma única voz entre o rugido das armas para gritar contra ou convocar uma parada do terrível banho de sangue. Gorki, Maxim Gorki, onde estava ele? Sua voz seria ouvida. “Deixem-nos ir com ele”, eu implorei com alguns da inteligência. Ele nunca fez o menor protesto em graves casos individuais, nem naqueles concernentes a membros de sua própria profissão, nem quando ele sabia da inocência dos homens condenados. Ele não protestaria agora. Era inútil.

A inteligência, os homens e as mulheres que já tinham carregado a tocha revolucionária, líderes do pensamento, escritores e poetas, estavam tão impotentes quanto eu e paralisados pela futilidade do esforço individual. A maioria dos seus camaradas e amigos já estava na prisão ou no exílio; alguns haviam sido executados. Eles se sentiam arrasados demais pelo colapso de todos os valores humanos.

Eu me virei para os comunistas que conhecíamos, implorando para que fizessem alguma coisa. Alguns deles perceberam o crime monstruoso que o seu partido estava cometendo contra Kronstadt. Eles admitiram que a acusação de contrarrevolução era uma fabricação absoluta. O suposto líder, Kozlovsky, era uma pessoa sem valor assustada demais com o seu próprio destino para ter qualquer coisa a ver com qualquer protesto dos marinheiros. Estes eram de altíssima qualidade, seu único objetivo era o bem-estar da Rússia. Longe de ficarem do lado dos generais czaristas, eles tinham até mesmo recusado a ajuda oferecida a eles por Tchernov, o líder dos socialistas revolucionários. Eles não queriam ajuda externa. Eles exigiram o direito de escolher seus próprios delegados nas próximas eleições ao Soviete de Kronstadt e justiça para os grevistas em Petrogrado.

Estes amigos comunistas passaram noites conosco – falando, falando – mas nenhum deles ousou levantar sua voz em protesto aberto. Nós não percebíamos, eles disseram, as consequências que isso traria. Eles seriam excluídos do partido, eles e suas famílias seriam privados do trabalho e das rações e estariam literalmente condenados à morte por fome. Ou eles simplesmente desapareceriam e ninguém jamais saberia o que havia acontecido com eles. No entanto, não era o medo que entorpecia sua vontade, eles nos asseguravam. Foi a completa inutilidade do protesto

ou do apelo. Nada, nada poderia parar a biga do Estado comunista. Ela passou por cima deles e não deixou nenhuma vitalidade restante, nem mesmo para gritar contra ela.

Eu estava envolvida pela terrível apreensão de que nós também – Sasha e eu – pudéssemos chegar ao mesmo estado e consentíssemos covardemente como essas pessoas. Qualquer outra coisa seria preferível a isso. Prisão, exílio, mesmo a morte. Ou escapar! Escapar do horrível fingimento e presença revolucionários.

A ideia de que eu poderia querer deixar a Rússia nunca havia passado antes pela minha mente. Eu ficava espantada e chocada só de pensar. Eu, deixar a Rússia ao seu Calvário! No entanto, eu senti que até mesmo daria esse passo ao invés de me tornar uma engrenagem na máquina, uma coisa inanimada para ser manipulada à vontade.

O bombardeio de Kronstadt continuou sem cessar por dez dias e noites e então veio a uma parada súbita na manhã de 17 de março. A tranquilidade que caiu sobre Kronstadt era ainda mais assustadora que os tiros incessantes da noite anterior. Ela deixou todo mundo em um suspense agonizante, e era impossível saber o que tinha acontecido e por que o bombardeio havia cessado. No final da tarde, a tensão deu lugar ao horror mudo. Kronstadt tinha sido subjugada – dezenas de milhares assassinados – a cidade encharcada de sangue. O rio Neva era uma cova para as massas de homens, *kursanti* e jovens comunistas cuja artilharia pesada havia ultrapassado o gelo. Os heroicos marinheiros e soldados tinham defendido sua posição até o último suspiro. Aqueles que não tiveram a sorte de morrer lutando tinham caído nas mãos do inimigo para serem executados ou enviados para a lenta tortura nas regiões congeladas do norte da Rússia.

Em 7 de março, Trotsky iniciou o bombardeamento de Kronstadt, e no dia 17 a fortaleza e a cidade foram tomadas, após numerosos ataques envolvendo um enorme sacrifício humano. Então, Kronstadt foi “liquidada” e o “complô contrarrevolucionário” se extinguiu em sangue. A “conquista” da cidade foi caracterizada por selvageria brutal, apesar de nem um único comunista preso pelos marinheiros de Kronstadt ter sido ferido ou morto por eles. Mesmo antes do assalto à fortaleza, os bolcheviques sumariamente executaram numerosos soldados do Exército Vermelho cujo espírito revolucionário e solidariedade lhes causaram a recusa a participarem no banho de sangue.

Nós estávamos atordoados. Sasha, com o último fio de sua esperança nos bolcheviques rompido, desesperadamente vagou pelas ruas. Chumbo estava em meus membros, uma fadiga indescritível em cada nervo. Eu me sentei frouxa, olhando para a noite. Petrogrado estava envolta por um manto negro, um corpo cadavérico. As lâmpadas da rua brilhavam em amarelo, como velas em sua cabeça e seus pés.

Na manhã seguinte, 18 de março, ainda cansada de sono depois da falta deste durante dezessete dias ansiosos, eu fui despertada pelos passos pesados de muitos pés. Os comunistas marchavam, bandas tocavam canções militares e cantavam a *Internacional*. Sua melodia, que já foi exultante ao meu ouvido, agora soava como uma marcha fúnebre para a esperança flamejante da humanidade. 18 de março – o aniversário da Comuna de Paris de 1871, esmagada dois meses mais tarde por Thiers e Gallifet, os açougueiros de trinta mil comunardos. Igualada em Kronstadt em 18 de

março de 1921. Em 17 de março, o governo comunista completou sua “vitória” sobre o proletariado de Kronstadt e em 18 de março comemorou os mártires da Comuna de Paris. Foi aparente para todos os que foram testemunhas mudas do ultraje cometido pelos bolcheviques que o crime contra Kronstadt foi muito maior que o massacre dos comunardos em 1871, pois foi feito em nome da Revolução Social, em nome da República Socialista. A história não irá ser enganada. Nos anais da Revolução Russa os nomes de Trotsky, Zinoviev e Dibenko serão adicionados aos de Thiers e Gallifet.

Dezessete dias apavorantes, mais apavorantes do que qualquer coisa que eu conheci na Rússia. Dias agoniantes, por causa da minha impotência total frente às coisas terríveis que aconteciam perante meus olhos. Foi justamente naquela época em que aconteceu de eu visitar um amigo que era paciente em um hospital por meses. Eu o encontrei bastante aflito. Muitos daqueles feridos no ataque a Kronstadt foram trazidos ao mesmo hospital, a maioria *kursanti*. Eu tive a oportunidade de falar com um deles. Seu sofrimento físico, ele disse, não era nada comparado com sua agonia mental. Ele percebeu tarde demais que foi enganado pelo grito de “contrarrevolução”. Nenhum general czarista, nenhum Guarda Branco em Kronstadt havia liderado os marinheiros – ele encontrou somente seus camaradas, marinheiros, soldados e operários, que tinham lutado heroicamente pela Revolução.

As razões dos pacientes comuns nos hospitais eram longe de satisfatórias, mas os *kursanti* feridos recebiam o melhor de tudo, e um comitê seletivo de membros comunistas foi designado para cuidar de seu conforto. Alguns dos *kursanti*, entre eles o homem com quem eu falei, se recusaram a aceitar os privilégios especiais. “Eles querem nos pagar por assassinato”, eles disseram. Temendo que toda a instituição fosse influenciada por estas vítimas acordadas, a gerência ordenou que fossem removidos para uma ala separada, a “ala comunista”, como os pacientes a chamavam.

A significância completa da “liquidação” de Kronstadt foi revelada pelo próprio Lenin três dias após o horror. No Décimo Congresso do Partido Comunista, realizado em Moscou enquanto o cerco a Kronstadt estava em progresso, Lenin inesperadamente mudou sua inspirada canção comunista para um igualmente inspirado canto de louvor à Nova Política Econômica. Livre comércio, concessões aos capitalistas, contratação privada do trabalho em fazendas e fábricas, tudo condenado por mais de três anos como uma rançosa contrarrevolução e punida por prisão e até mesmo a morte, estava agora escrito por Lenin na gloriosa bandeira da ditadura. Descaradamente como sempre, ele admitiu o que as pessoas sinceras e pensantes dentro e fora do partido já sabiam há dezessete dias: que “os homens de Kronstadt realmente não queriam os contrarrevolucionários. Mas eles também não nos queriam”. Os ingênuos marinheiros tinham levado a sério o lema da Revolução: “Todo o Poder aos Sovietes”, o qual Lenin e seu partido tinham solenemente prometido cumprir. Essa tinha sido sua ofensa imperdoável. Por isso eles tiveram que morrer. Eles tiveram que ser martirizados para fertilizar o solo para a nova colheita de lemas de Lenin, que invertiam completamente o anterior. Sua obra-prima, a Nova Política Econômica, o NEP. Ironia do bolchevismo! Lenin defendeu o livre comércio – um passo mais reacionário que qualquer um de que os marinheiros de Kronstadt foram acusados.

A confissão pública de Lenin em relação a Kronstadt não parou a caça pelos marinheiros, soldados e operários da cidade derrotada. Eles foram presos às centenas,

e a Tcheka de novo se ocupou com “tiro ao alvo”.

Estranhamente, os anarquistas não tinham sido mencionados em conexão com o “motim” de Kronstadt. Mas no Décimo Congresso, Lenin tinha declarado que a guerra mais sem misericórdia deveria ser travada contra a “pequena burguesia”, incluindo os elementos anarquistas. As inclinações anarcossindicalistas da oposição operária provaram que estas tendências tinham se desenvolvido dentro do próprio Partido Comunista, ele disse. O chamado às armas de Lenin contra os anarquistas foi recebido com uma resposta imediata. Os grupos de Petrogrado foram atacados e vários de seus membros foram presos. Além disso, a Tcheka fechou os escritórios de impressão e publicação do *Golos Trouda*, pertencente ao ramo anarcossindicalista de nossas fileiras. Nós compramos nosso bilhete para Moscou antes que isso acontecesse. Quando soubemos sobre as prisões em massa, decidimos ficar um pouco mais caso também fôssemos procurados. Nós não fomos incomodados, entretanto, talvez porque era necessário ter algumas celebridades anarquistas à solta para mostrar que somente “bandidos” estavam nas prisões soviéticas.

Kronstadt quebrou o último fio que me prendia aos bolcheviques. O massacre bruto que eles instigaram falou mais eloquentemente contra eles do que qualquer outra coisa. Quaisquer que fossem seus pretextos no passado, os bolcheviques agora provaram ser eles mesmos os inimigos mais perniciosos da Revolução. Eu não podia ter mais nada a ver com eles.

TROTSKY PROTESTA DEMAIS

Emma Goldman

Este texto cresceu a partir de um artigo para “Vanguard”, o periódico anarquista mensal publicado na cidade de Nova Iorque. Ele apareceu na edição de julho de 1938, mas como o espaço da revista é limitado, somente parte do manuscrito pôde ser usado. Aqui ele é apresentado de uma maneira revista e expandida.

Leon Trotsky irá dizer que a crítica do seu papel na tragédia de Kronstadt é somente para ajudar e incitar seu inimigo mortal, Stalin. Não ocorre a ele que pode-se detestar o selvagem no Kremlin e seu regime cruel e no entanto não exonerar Leon Trotsky do crime contra os marinheiros de Kronstadt.

Na verdade, eu não vejo diferença marcante entre os dois protagonistas do sistema benevolente da ditadura exceto que Leon Trotsky não está mais no poder para aplicar suas bençãos, e Josef Stalin está. Não, eu não defendo o atual soberano da Rússia. Eu devo apontar, contudo, que Stalin não caiu como um presente dos céus ao desafortunado povo russo. Ele está meramente continuando as tradições bolcheviques, mesmo que de uma maneira mais implacável.

O processo que alienou as massas russas da Revolução começou quase imediatamente após Lenin e seu partido ascenderam ao poder. Discriminação grosseira em rações e moradia, supressão de todo direito político, perseguição e prisões contínuas, cedo se tornaram a ordem do dia. É verdade, as purgas empreendidas naquele momento não incluíam membros do partido, apesar de comunistas também terem ajudado a preencher as prisões e os campos de concentração. Um caso em questão é a primeira Oposição Operária cuja militância de base foi rapidamente eliminada e seus líderes Shlapnikov foi enviado ao Cáucaso para “um descanso” e Alexandra Kollontay colocada sob prisão domiciliar. Mas todos os outros oponentes políticos, entre eles mencheviques, socialistas revolucionários, anarquistas, muitos da inteligência liberal e trabalhadores assim como camponeses, receberam pouca consideração nos porões da Tcheka, ou foram exilados para a morte lenta em partes distantes da Rússia e da Sibéria. Em outras palavras, Stalin não originou a teoria ou os métodos que esmagaram a Revolução Russa e forjaram novas correntes para o povo russo.

Eu admito, a ditadura sob o domínio de Stalin se tornou monstruosa. Todavia, isso não diminui a culpa de Leon Trotsky como um dos atores no drama revolucionário do qual Kronstadt foi uma das cenas mais sangrentas.

Eu tenho na minha frente dois números, fevereiro e abril de 1938, de *Nova Internacional*, a revista oficial de Trotsky. Ela contém artigos por John G. Wright, cem por cento trotskista, e do próprio Grande Magnata, que pretendem ser uma refutação

das alegações feitas contra ele em relação a Kronstadt. O Sr. Wright está simplesmente ecoando a voz de seu mestre, e seu material não é de maneira alguma em primeira mão ou proveniente de contato pessoal com os eventos de 1921. Eu prefiro prestar meus respeitos a Leon Trotsky. Ele ao menos tem o mérito duvidoso de ter sido parte da “liquidação” de Kronstadt.

Há, todavia, várias ríspidas declarações errôneas no artigo de Wright que precisam ser criticadas. Eu irei, portanto, proceder a isso de uma vez e lidar com seu mestre depois.

John G. Wright alega que *A Rebelião de Kronstadt*, por Alexander Berkman, “é meramente uma reafirmação dos supostos fatos e das interpretações dos socialistas revolucionários de direita com algumas alterações insignificantes” (selecionado de “A Verdade sobre a Rússia em Volya, Rússia, Praga, 1921”).

O escritor vai mais a fundo e acusa Alexander Berkman de “descaramento, plágio” e de “apresentar, como é de seu costume, algumas alterações insignificantes, e esconder a verdadeira fonte do que parece ser sua própria avaliação”. A vida e o trabalho de Alexander Berkman o colocaram entre os maiores pensadores e lutadores revolucionários, completamente dedicado ao seu ideal. Aqueles que o conheceram irão testemunhar sua altíssima qualidade em todas as suas ações, assim como sua integridade como um escritor sério. Eles certamente irão achar graça em saber do Sr. Wright que Alexander Berkman era “plagiador” e “descarado” e que “seu costume era fazer algumas alterações insignificantes...”.

O comunista comum, seja da linha de Trotsky ou de Stalin, sabe aproximadamente tanto sobre a literatura anarquista e seus autores quanto, digamos, o católico comum sabe sobre Voltaire ou Thomas Paine. A própria sugestão de que deve-se saber o que o oponente defende antes de xingá-lo seria rejeitada como heresia pela hierarquia comunista. Eu não acho, portanto, que John G. Wright mente deliberadamente sobre Alexander Berkman. Ao invés disso, eu acho que ele é densamente ignorante.

Manter diários foi um hábito vitalício de Alexander Berkman. Mesmo durante o purgatório de catorze anos que ele enfrentou na Penitenciária Ocidental nos Estados Unidos, Alexander Berkman foi capaz de manter seu diário atualizado, o qual conseguiu enviar secretamente para mim. No S.S. “Buford”, que nos levou em nosso longo e perigoso cruzeiro de 28 dias, meu companheiro continuou seu diário e ele manteve este antigo hábito ao longo dos 23 meses de nossa estadia na Rússia.

Memórias de um Anarquista na Prisão, admitido por críticos conservadores como sendo até mesmo comparável com *Recordações da Casa dos Mortos*, de Fyodor Dostoyevsky, foi preparada a partir de seu diário. *A Rebelião de Kronstadt* e *O Mito Bolchevique* são também descendentes de seu arquivo cotidiano na Rússia. É estúpida, portanto, a acusação de que a brochura de Berkman sobre Kronstadt “é apenas uma reafirmação de supostos fatos...” do trabalho do S.R. que apareceu em Praga.

No mesmo nível de exatidão deste ataque contra Alexander Berkman por Wright está sua acusação de que meu velho amigo havia negado a existência do General Kozlovsky em Kronstadt.

A Rebelião de Kronstadt, na página 15, afirma: “Havia de fato um ex-general

Kozlovsky em Kronstadt. Foi Trotsky quem o estabeleceu ali como um especialista em artilharia. Ele não desempenhou qualquer papel nos eventos de Kronstadt”. Isso não veio de ninguém além de Zinoviev, que ainda estava então no zênite de sua glória. Na Sessão Extraordinária do Soviete de Petrogrado, em 4 de março de 1921, convocado para decidir o destino de Kronstadt, Zinoviev disse: “É claro que Kozlovsky está velho e não pode fazer nada, mas os Oficiais Brancos estão atrás dele e estão enganando os marinheiros”. Alexander Berkman, entretanto, enfatizou o fato de que os marinheiros não queriam nada do ex-general de estimação de Trotsky, nem aceitariam a oferta de provisões e outro auxílio de Victor Tchernov, líder dos S.R.'s direitistas em Paris (Socialistas Revolucionários).

Os trotskistas sem dúvida consideram sentimentalismo burguês permitir aos malignos marinheiros o direito de falarem por si mesmos. Eu insisto que esta abordagem aos oponentes é um jesuitismo condenável e fez mais para desintegrar todo o movimento operário que qualquer outra das táticas “sagradas” do bolchevismo.

Como o leitor pode estar na posição de decidir entre a acusação criminosa contra Kronstadt e o que os marinheiros tinham a dizer por si mesmos, eu reproduzo aqui a mensagem de rádio aos trabalhadores do mundo de 6 de março de 1921:

Nossa causa é justa: defendemos o poder dos Sovietes, e não dos partidos. Nós defendemos representantes das classes laboriosas livremente eleitos. Os Sovietes substitutos, manipulados pelo Partido Comunista, sempre foram surdos às nossas necessidades e às nossas exigências; a única resposta que nós já recebemos foram tiros... Camaradas! Não apenas os enganam; eles deliberadamente pervertem a verdade e recorrem à difamação mais desprezível... Em Kronstadt, todo o poder está exclusivamente nas mãos dos marinheiros, dos soldados e dos trabalhadores revolucionários – não nas de contrarrevolucionários liderados por algum Kozlovsky, como a mentirosa rádio de Moscou tentar fazer vocês acreditarem... Não tardeis, camaradas! Unam-se a nós, entrem em contato conosco; exijam admissão de seus delegados em Kronstadt. Somente eles irão dizer-lhes toda a verdade e irão expor a calúnia cruel sobre o pão finlandês e as ofertas da Entente.

Viva o proletariado e o campesinato revolucionários!

Viva o poder dos Sovietes livremente eleitos!

Os marinheiros eram “liderados” por Kozlovsky, no entanto pediam que os trabalhadores do mundo enviassem delegados para que eles pudessem ver se havia alguma verdade na calúnia sombria espalhada contra eles pela imprensa soviética!

Leon Trotsky está surpreso e indignado de que se atrevam a levantar tal clamor sobre Kronstadt. Afinal, aconteceu há tanto tempo atrás, de fato dezessete anos se passaram, e foi um mero “episódio na história da relação entre a cidade proletária e a vila pequeno burguesa”. Por que alguém iria querer fazer tanto alvoroço tanto tempo depois a menos que seja para “comprometer a única corrente revolucionária genuína

que nunca repudiou sua bandeira, nem se comprometeu com seus inimigos, e que sozinha representa o futuro”. O egotismo de Leon Trotsky, conhecido em todos os lugares por seus amigos e seus inimigos, nunca foi seu ponto mais fraco. Desde que o seu inimigo mortal o dotou de nada menos que uma varinha mágica, sua presunção alcançou proporções alarmantes.

Leon Trotsky está ultrajado pelas pessoas terem revivido o “episódio” de Kronstadt e terem feito perguntas sobre o seu papel. Não ocorre a ele que aqueles que vieram em sua defesa contra seu detrator têm o direito de perguntar que métodos ele empregou quando estava no poder, e como ele lidou com aqueles que não endossavam o seu ditado como uma verdade evangélica. É claro que era ridículo esperar que ele batesse em seu peito e dissesse “Eu também, fui desumano e cometi erros. Eu também pequei e matei meus irmãos ou mandei que os matassem”. Somente profetas e videntes sublimes se elevaram a níveis de coragem tão altos. Leon Trotsky certamente não é um deles. Pelo contrário, ele continua a alegar onipotência em todos os seus atos e julgamentos e a excomungar qualquer um que tolamente sugerir que o grande deus Trotsky também possui pés de barro.

Ele zomba da evidência documental deixada pelos marinheiros de Kronstadt e da evidência daqueles que estiveram ao alcance da visão e da audição do medonho cerco de Kronstadt. Ele as chama de “falsos rótulos”. Todavia, isso não o impede de assegurar aos seus leitores de que sua explicação da rebelião de Kronstadt poderia ser “substanciada e ilustrada por muitos fatos e documentos”. Pessoas inteligentes bem podem perguntar por que Leon Trotsky não teve a decência de apresentar estes “falsos rótulos” para que as pessoas estivessem em posição de formar uma opinião correta delas.

Agora, é fato que mesmo as cortes capitalistas garantem ao réu o direito a apresentar evidência a seu próprio favor. Mas não Leon Trotsky, o porta-voz da única verdade, aquele que “nunca repudiou sua bandeira e nunca se comprometeu com seus inimigos”.

Pode-se entender tal falta de decência comum em John G. Wright. Ele está, como eu já afirmei, meramente citando a escritura sagrada bolchevique. Mas para uma figura mundial como Leon Trotsky silenciar a evidência dos marinheiros parece para mim indicativo de um caráter bastante pequeno. O velho ditado do leopardo que muda suas pintas mas não sua natureza forçosamente se aplica a Leon Trotsky. O calvário que ele aguentou durante seus anos de exílio, a perda trágica daqueles próximos e queridos a ele, e, ainda mais comoventemente, a traição por seus ex-companheiros de armas, não ensinaram nada a ele. Nem um lampejo de bondade ou suavidade humana afetou o espírito rancoroso de Trotsky.

Que pena que o silêncio dos mortos às vezes fala mais alto que a voz viva. Em questão de verdade, as vozes estranguladas em Kronstadt cresceram em volume nestes dezessete anos. É por esta razão, imagino, que Leon Trotsky ressentia este som?

Leon Trotsky cita Marx dizendo “que é impossível julgar tanto partidos quanto pessoas pelo que elas dizem sobre elas mesmas”. Quão patético que ele não percebe o quanto isso se aplica a ele! Nenhum homem entre os hábeis escritores bolcheviques conseguiu se manter tanto no primeiro plano ou gabou-se tão incessantemente sobre sua parte na Revolução Russa e depois quanto Leon Trotsky. Por este critério de seu

grande professor, teria que serem declarados inúteis todos os escritos de Leon Trotsky, o que seria tolice, é claro.

Ao descreditar os motivos que condicionaram a revolta de Kronstadt, Leon Trotsky se lembra do seguinte: “A partir de diferentes frentes eu enviei dezenas de telegramas sobre a mobilização dos novos destacamentos 'confiáveis' dentre os trabalhadores de Petersburgo e os marinheiros da frota do Báltico, mas já em 1918, e, em qualquer caso, não depois de 1919, as frentes começaram a reclamar que o novo contingente de Kronstadt era insatisfatório, exigente, indisciplinado, inconfiável em batalha e fazia mais mal que bem”. Mais adiante, na mesma página, Trotsky alega que “quando as condições da fome se tornaram bastante críticas, Petrogrado, o Gabinete Político, mais de uma vez discutiu a possibilidade de assegurar um 'empréstimo interno' de Kronstadt, onde uma quantidade de antigas provisões ainda permanecia, mas os delegados dos trabalhadores de Petrogrado responderam 'Vocês nunca vão conseguir nada deles pela bondade; eles especulam em tecido, carvão e pão. Atualmente, em Kronstadt há todo tipo de ralé”. Que coisa mais bolchevique, não somente assassinar seus oponentes, mas também manchar seus caracteres. De Marx e Engels, Lenin, Trotsky a Stalin, estes métodos sempre foram os mesmos.

Agora, eu não me atrevo a discutir o que os marinheiros de Kronstadt eram em 1918 ou 1919. Eu não cheguei à Rússia até janeiro de 1920. Daquele momento em diante, até que Kronstadt fosse “liquidada”, os marinheiros da Frota do Báltico eram vistos como o exemplo glorioso de valor e de coragem resoluta. Daí até o final me era dito não apenas por anarquistas, mencheviques e socialistas revolucionários, mas por muitos comunistas, que os marinheiros eram a própria espinha dorsal da Revolução. Em 1º de maio de 1920, durante a celebração e as outras festividades organizadas para o primeira Missão Operária Britânica, os marinheiros de Kronstadt apresentaram um amplo contingente definido, e foram apontados entre os grandes heróis que salvaram a Revolução de Kerensky, e Petrogrado de Yudenich. Durante o aniversário de Outubro, os marinheiros estavam de novo nas fileiras da frente, e sua re-encenação da tomada do Palácio de Inverno foi aclamada descontroladamente por uma multidão abarrotada.

É possível que os membros líderes do partido, salvo Leon Trotsky, estavam desavisados sobre a corrupção e a desmoralização de Kronstadt, alegada por ele? Eu acho que não. Além disso, eu duvido que o próprio Trotsky manteve essa visão dos marinheiros de Kronstadt até março de 1921. Sua história deve, portanto, ser um pensamento posterior, ou é uma racionalização para justificar a “liquidação” sem sentido de Kronstadt?

Mesmo que a equipe tivesse passado por uma mudança, é ainda um fato de que os marinheiros de Kronstadt em 1921 estavam, não obstante, longe do quadro que Leon Trotsky e seu eco pintaram. Na verdade, os marinheiros encontraram seu destino somente por causa de sua profunda amizade e solidariedade com os trabalhadores de Petrogrado, cuja capacidade de resistência ao frio e à fome havia atingindo o ponto máximo em uma série de greves em fevereiro de 1921. Por que Leon Trotsky e seus seguidores falharam em mencionar isto? Leon Trotsky sabe perfeitamente bem, se Wright não sabe, que a primeira cena do drama de Kronstadt foi encenada em Petrogrado em 24 de fevereiro, e ela foi encenada não pelos marinheiros, mas pelos grevistas. Pois foi nesta data que os grevistas haviam dado vazão à sua raiva

acumulada sobre a indiferença insensível dos homens que haviam tagarelado sobre a ditadura do proletariado que há tempos atrás se deteriorou na ditadura sem misericórdia do Partido Comunista.

A anotação de Alexander Berkman em seu diário deste dia histórico diz:

Os operários de Trubotchny entraram em greve. Na distribuição das roupas de inverno, eles reclamam, os comunistas receberam vantagem indevida sobre os independentes. O governo se recusa a considerar as queixas até que os homens retornem ao trabalho.

Multidões de grevistas se reuniram na rua próxima às fábricas, e soldados foram enviados para dispersá-los. Havia kursanti, juventudes comunistas da academia militar. Não houve violência.

Agora aos grevistas se juntaram homens dos estaleiros do Almirantado e das docas de Galernaya. Há muito ressentimento contra a atitude arrogante do governo. Tentou-se uma manifestação de rua, mas tropas montadas a suprimiram.

Foi depois do relato de seu Comitê sobre o estado real das coisas entre os trabalhadores de Petrogrado que os marinheiros de Kronstadt fizeram em 1921 o que eles haviam feito em 1917. Eles imediatamente ficaram ao lado dos operários. O papel dos trabalhadores em 1917 foi louvado como o orgulho e a glória vermelhos da Revolução. Seu papel idêntico em 1921 foi denunciado a todo o mundo como traição contrarrevolucionária. Naturalmente, em 1917, Kronstadt ajudou os bolcheviques na sela. Em 1921, eles exigiram um ajuste de contas pelas falsas esperanças levantadas nas massas, e pela grande promessa quebrada quase que imediatamente assim que os bolcheviques se sentiram entrincheirados em seu poder. Um crime hediondo, de fato. A fase importante deste crime, contudo, é que Kronstadt não entrou em “motim” a partir do nada. A causa para isso tinha profundas raízes no sofrimento dos operários russos; o proletariado urbano, assim como o campesinato.

Para ter certeza, o ex-comissário nos assegura de que “os camponeses se conformaram com a requisição como um mal necessário”, e que “os camponeses aprovaram os bolcheviques, mas se tornaram crescentemente hostis aos ‘comunistas’”. Mas estas controvérsias são mera ficção, como pode ser demonstrado por numerosas provas – não menos importante, a liquidação do Soviete camponês, liderado por Maria Spiridonova, e o fogo e o ferro usados para forçar os camponeses a entregarem toda a sua produção, incluindo os grãos para sua semeadura de inverno.

Em questão de verdade histórica, os camponeses odiavam o regime quase desde o início, certamente a partir do momento que o lema de Lenin, “Roubem os ladrões”, se transformou em “Roubem os camponeses para a glória da Ditadura Comunista”. É por isso que eles estavam em constante agitação contra a Ditadura Bolchevique. Um caso em questão foi a sublevação dos camponeses carelianos afogados em sangue pelo general czarista Slastchev-Krimsky. Se os camponeses estavam tão enamorados com o

regime soviético, como Leon Trotsky gostaria que acreditássemos, por que foi tão necessário apressar este homem terrível para a Carélia?

Ele havia lutado contra a Revolução desde o começo e conduziu algumas das forças de Wrangel à Crimeia. Ele era culpado de barbaridades cruéis a prisioneiros de guerra e era infame como fazedor de pogroms. Agora, Slastchev-Krimsky retratou-se e retornou à “sua pátria”. Este arquicontrarrevolucionário e antissemita, junto com vários generais czaristas e Guardas Brancos, foi recebido pelos bolcheviques com honras militares. Sem dúvida foi uma retribuição justa que o antissemita teve que saudar o judeu, Trotsky, seu superior militar. Mas à Revolução e ao povo russo, o retorno triunfante do imperialista foi um ultraje.

Como recompensa por seu recém-desenvolvido amor pela Pátria Socialista, Slastchev-Krimsky foi autorizado a subjugar os camponeses carelianos que exigiam autodeterminação e melhores condições.

Leon Trotsky nos diz que os marinheiros de Kronstadt em 1919 não teriam desistido das provisões por “bondade” – não que a bondade foi tentada em qualquer momento. De fato, essa palavra não existe no dicionário bolchevique. No entanto aqui estão estes marinheiros desmoralizados, a ralé especuladora etc., se aliando ao proletariado urbano em 1921, e sua primeira exigência era pela igualdade das rações. Mas que vilões esses marinheiros de Kronstadt eram!

Muito está sendo dito por ambos os escritores contra Kronstadt sobre o fato de que os marinheiros que, como insistimos, não premeditaram a rebelião, mas se reuniram no dia 1º de março para discutir maneiras e meios de ajudar seus camaradas de Petrogrado, rapidamente se formaram em um Comitê Revolucionário Provisório. A resposta a isso é na verdade dada pelo próprio John G. Wright. Ele escreve: “Não se exclui de maneira alguma que as autoridades locais em Kronstadt erraram em como lidaram com a situação... Não é segredo que nem Kalinin nem o Comissário Kuzmin eram muito estimados por Lenin e seus colegas... Na medida em que as autoridades locais estavam cegas à extensão total do perigo ou falharam em tomar medidas apropriadas e efetivas para lidar com a crise, suas trapalhadas desempenharam um papel nos eventos subsequentes...”.

A afirmação de que Lenin não estimava altamente Kalinin ou Kuzmin é infelizmente um velho truque do bolchevismo para colocar toda a culpa em algum trapalhão para que os cabeças permaneçam puros.

De fato, as autoridades locais em Kronstadt realmente cometeram “uma trapalhada”. Kuzmin atacou perversamente os marinheiros e os ameaçou com resultados terríveis. Os marinheiros evidentemente sabiam o que esperar de tais ameaças. Eles não podiam fazer nada além de supor que se fosse permitido que Kuzmin e Vassiliev permanecessem soltos, seu primeiro passo seria remover as armas e as provisões de Kronstadt.

Esta foi a razão pela qual os marinheiros formaram seu Comitê Revolucionário Provisório. Um fator adicional foram as notícias de que a um comitê de 30 marinheiros enviados a Petrogrado para conferenciar com os operários foi negado o direito de voltar para Kronstadt, que eles foram presos e alocados na Tcheka.

Ambos os escritores fizeram uma tempestade em copo d'água dos rumores anunciados na reunião de 1º de março de que um caminhão lotado de soldados

fortemente armados estavam a caminho de Kronstadt. Wright evidentemente nunca viveu sob uma ditadura hermética. Eu vivi. Quando todo canal de contato humano é fechado, quando todo pensamento é refletido e a expressão é reprimida, então rumores crescem como cogumelos do solo e crescem a dimensões assustadoras. Além disso, caminhões de soldados e tchekistas armados até os dentes pelas ruas durante o dia, atirando suas redes à noite e arrastando sua pesca humana à Tcheka, eram uma visão frequente em Petrogrado e Moscou durante o tempo em que eu estive lá. Na tensão da reunião depois do discurso ameaçador de Kuzmin, era perfeitamente natural que fosse dado crédito a rumores.

As notícias na imprensa francesa sobre a revolta de Kronstadt duas semanas antes de ter acontecido tinha sido enfatizada na campanha contra os marinheiros como prova positiva de que eles tinham sido ferramentas da gangue imperialista e de que a rebelião na verdade tinha eclodido em Paris. Era óbvio demais que esta lorota foi usada apenas para descreditar os rebeldes de Kronstadt aos olhos dos trabalhadores.

Na realidade, esta notícia avançada era como qualquer outra notícia de Paris, Riga ou Helsingfors, e que raramente coincidia, se coincidia, com qualquer coisa que tinha sido reivindicada pelos agentes contrarrevolucionários no estrangeiro. Por outro lado, muitos eventos aconteciam na Rússia soviética que teriam alegrado o coração da Entente e que eles nunca chegaram a conhecer – eventos bem mais nocivos à Revolução Russa causados pela própria ditadura do Partido Comunista. Por exemplo, a Tcheka, que minou várias conquistas de Outubro e que já em 1921 havia se tornado um tumor maligno no corpo da Revolução, e muitos outros eventos similares que me levariam longe demais para tratar aqui.

Não, a notícia avançada na imprensa parisiense não teve qualquer importância na rebelião de Kronstadt. Na verdade, ninguém em Petrogrado em 1921 acreditou nesta conexão, nem mesmo um bom número de comunistas. Como eu já afirmei, John G. Wright é meramente um apto pupilo de Leon Trotsky e, portanto, é bem inocente do que a maioria das pessoas dentro e fora do partido pensavam sobre esta chamada “ligação”.

Historiadores futuros sem dúvida irão avaliar o “motim” de Kronstadt em seu real valor. Se e quando eles fizerem isso, eles sem dúvida chegarão à conclusão de que a revolta não poderia ter vindo mais oportunamente se ela tivesse sido deliberadamente planejada.

O fator mais dominante que decidiu o destino de Kronstadt foi o NEP (a Nova Política Econômica). Lenin, ciente da oposição bastante considerável do partido que este moderno esquema “revolucionário” encontraria, precisava de alguma ameaça iminente para assegurar a aceitação suave e breve do NEP. Kronstadt apareceu bastante convenientemente. Toda a máquina de propaganda esmagadora foi imediatamente colocada em ação para provar que os marinheiros estavam coligados com todos os poderes imperialistas e todos os elementos contrarrevolucionários para destruir o Estado Comunista. Isso funcionou como mágica. O NEP passou sem um senão.

Só o tempo irá provar o custo assustador que esta manobra acarretou. Os trezentos delegados, a jovem flor comunista, correu do Congresso do Partido para esmagar Kronstadt, eram um mero punhado dos milhares injustificadamente

sacrificados. Eles ficaram agitados, acreditando na campanha de vilificação. Aqueles que permaneceram vivos tiveram um rude despertar.

Eu gravei uma reunião com um comunista ferido em um hospital em *Minha Desilusão*. Ela não perdeu nada de sua comotividade com os anos desde então:

Muitos daqueles feridos no ataque a Kronstadt foram trazidos ao mesmo hospital, a maioria kursanti. Eu tive a oportunidade de falar com um deles. Seu sofrimento físico, ele disse, não era nada comparado com sua agonia mental. Ele percebeu tarde demais que foi enganado pelo grito de “contrarrevolução”. Nenhum general czarista, nenhum Guarda Branco em Kronstadt havia liderado os marinheiros – ele encontrou somente seus camaradas, marinheiros, soldados e operários, que tinham lutado heroicamente pela Revolução.

Ninguém em sã consciência irá ver qualquer similaridade entre o NEP e a exigência dos marinheiros de Kronstadt pelo direito de livre troca de produtos. O NEP veio para reintroduzir os graves males que a Revolução Russa tinha tentado erradicar. A livre troca de produtos entre os operários e os camponeses, entre a cidade e o campo, incorporava a própria razão de ser da Revolução. Naturalmente, “os anarquistas eram contra o NEP”. Mas a troca livre, como Zinoviev me disse em 1920, “está fora do nosso plano de centralização”. O pobre Zinoviev não poderia imaginar que monstro terrível a centralização do poder se tornaria.

Foi a ideia fixa da centralização da ditadura que cedo começou a dividir a cidade e a vila, os operários e os camponeses, não, como Leon Trotsky afirmará, porque “um é proletário... e o outro, pequeno burguês”, mas porque a ditadura havia paralisado a iniciativa tanto do proletariado da cidade quanto do campesinato.

Leon Trotsky faz parecer com que os operários de Petrogrado rapidamente sentiram “a natureza pequeno burguesa da revolta de Kronstadt e portanto se recusaram a ter qualquer coisa a ver com ela”. Ele omite a razão mais importante para a aparente indiferença dos operários de Petrogrado. É importante, então, apontar que a campanha de difamação, mentira e calúnia contra os marinheiros começou em 2 de março de 1921. A imprensa soviética regularmente destilou veneno contra os marinheiros. As acusações mais desprezíveis foram proferidas contra eles, e isto foi mantido até que Kronstadt foi liquidada em 17 de março. Além disso, Petrogrado foi colocada sob lei marcial. Várias fábricas foram fechadas e os operários dessa forma roubados começaram a consultarem uns aos outros. No diário de Alexander Berkman, eu encontro o seguinte:

Muitas prisões estão sendo efetuadas. Grupos de grevistas sob a guarda de tchekistas a caminho da prisão são uma visão comum. Há grande tensão nervosa na cidade. Precauções elaboradas foram tomadas para proteger a instituição governamental. Metralhadoras estão alocadas em Astoria, na

residência de Zinoviev e de outros bolcheviques proeminentes. Proclamações oficiais comandando o retorno imediato dos grevistas às fábricas... e avisando a população contra congregações nas ruas. O Comitê de Defesa iniciou uma 'limpeza da cidade'. Muitos operários suspeitos de simpatizarem com Kronstadt foram colocados sob prisão. Todos os marinheiros de Petrogrado e parte da guarnição tidos como 'inconfiáveis' foram ordenados a pontos distantes, enquanto as famílias dos marinheiros de Kronstadt que vivem em Petrogrado foram mantidas como reféns. O Comitê de Defesa notificou Kronstadt de que 'os prisioneiros são mantidos como precaução' pela segurança do Comissário da Frota do Báltico, N. N. Kuzmin, pelo Presidente do Soviete de Kronstadt, T. Vassiliev, e outros comunistas. Se o menor dano for sofrido por nossos camaradas, os reféns pagarão com suas vidas.

Sob estas regras rígidas, era fisicamente impossível para os operários de Petrogrado se aliarem com Kronstadt, especialmente quando nenhuma palavra dos manifestos publicados pelos marinheiros em seu jornal era permitida penetrar para os trabalhadores de Petrogrado. Em outras palavras, Leon Trotsky deliberadamente falsifica os fatos. Os operários certamente teriam se aliado aos marinheiros porque eles sabiam que eles não eram amotinados ou contrarrevolucionários, e sim que tinham se solidarizado com os operários como seus camaradas haviam feito em 1905, e em março e outubro de 1917. É portanto uma difamação grosseiramente criminosa e consciente sobre a memória dos marinheiros de Kronstadt.

No *Nova Internacional*, na página 106, segunda coluna, Trotsky assegura a seus leitores que ninguém, “podemos dizer de passagem, se preocupava naqueles dias com os anarquistas”. Isso infelizmente não corresponde com a perseguição incessante de anarquistas que começou em 1918, quando Leon Trotsky liquidou a sede anarquista em Moscou com metralhadoras. Naquele momento, o processo de eliminação dos anarquistas começou. Mesmo agora, tantos anos depois, os campos de concentração do governo soviético estão cheios dos anarquistas que permaneceram vivos. Na verdade, antes da revolta de Kronstadt, de fato em outubro de 1920, quando Leon Trotsky mais uma vez havia mudado de ideia sobre Makhno porque ele precisava de sua ajuda e de seu exército para liquidar Wrangel, e quando ele consentiu com a Conferência Anarquista em Kharkhov, várias centenas de anarquistas fora atraídos para uma rede e despachados à prisão de Bourtika, onde foram mantidos sem qualquer acusação até abril de 1921, quando eles, junto com outros políticos esquerdistas, foram forçadamente removidos na calada da noite e foram secretamente enviados para várias prisões e campos de concentração na Rússia e na Sibéria. Mas essa é uma página da história soviética por si só. O que interessa nesta questão é que deve se ter pensado muito nos anarquistas, ou não haveria razão para prendê-los e enviá-los à velha maneira czarista a partes distantes da Rússia e da Sibéria.

Leon Trotsky ridiculariza as exigências dos marinheiros por Sovietes Livres. Foi de fato ingênuo da parte deles pensar que Sovietes Livres podem viver lado a lado com

uma ditadura. Na verdade, os Sovietes Livres deixaram de existir em um estágio prematuro no jogo comunista, como os sindicatos e as cooperativas. Todos eles ficaram presos na roda da biga da máquina estatal bolchevique. Eu me lembro bem de Lenin me dizendo com grande satisfação, “O seu grande velho amigo, Errico Malatesta, é a favor de nossos soviets”. Eu me apressei em dizer, “Você quer dizer soviets livres, Camarada Lenin. Eu também sou a favor deles”. Lenin desviou nossa conversa para outra coisa. Mas eu logo descobri por que Sovietes Livres deixaram de existir na Rússia.

John G. Wright irá dizer que não houve problema em Petrogrado até 22 de fevereiro. Isso está no mesmo nível que sua outra rediscussão do material “histórico” do Partido. A desordem e a insatisfação dos operários já estava bastante marcada quando nós chegamos. Em cada indústria que eu visitei, eu encontrei insatisfação e ressentimento extremos porque a ditadura do proletariado se transformou em uma devastadora ditadura do Partido Comunista, com suas diferentes razões e discriminações. Se o descontentamento dos operários não explodiu antes de 1921 foi somente porque eles ainda se agarravam tenazmente à esperança de que quando as frentes fossem liquidadas a promessa da Revolução fosse cumprida. Foi Kronstadt que espetou a última bolha.

Os marinheiros tinham ousado ficar ao lado dos operários descontentes. Eles tinham ousado exigir que a promessa da Revolução – todo Poder nos Sovietes – fosse preenchida. A ditadura política tinha assassinado a ditadura do proletariado. Essa e apenas essa era sua ofensa imperdoável ao espírito santo do bolchevismo.

Em seu artigo, Wright tem uma nota de rodapé para a página 49, segunda coluna, onde ele afirma que Victor Serge em um comentário recente sobre Kronstadt “admite que os bolcheviques, uma vez confrontados com o motim, não tinham outro recurso além de esmagá-lo”. Victor Serge está agora fora das costas hospitaleiras da “pátria” dos trabalhadores. Eu portanto não considero uma violação de confiança quando eu digo que se Victor Serge fez esta afirmação acusada contra ele por John G. Wright, ele meramente não está dizendo a verdade. Victor Serge era da Seção Comunista Francesa e estava tão angustiado e horrorizado com a carnificina prestes a acontecer por decisão de Leon Trotsky de “abater os marinheiros como perdizes” quando Alexander Berkman, eu e muitos outros revolucionários. Ele costumava gastar cada hora livre em nosso quarto correndo para cima e para baixo, arrancando seu cabelo, cerrando seus punhos em indignação e repetindo que “algo deve ser feito, algo deve ser feito, para parar o terrível massacre”. Quando lhe perguntaram por que ele, um membro do partido, não levantou sua voz em protesto na sessão do partido, sua resposta foi que isso não ajudaria os marinheiros e o marcaria para a Tcheka e mesmo para um desaparecimento silencioso. A única desculpa para Victor Serge na época era uma jovem esposa e um bebê pequeno. Mas para ele afirmar agora, após dezessete anos, que “os bolcheviques, uma vez confrontados com o motim, não tinham outro recurso além de esmagá-lo”, é, para dizer o mínimo, imperdoável. Victor Serge sabe muito bem quanto eu que *não houve motim* em Kronstadt, que os marinheiros na verdade não usaram suas armas de qualquer forma até que o bombardeamento de Kronstadt começou. Eu portanto convoco Victor Serge a assumir a verdade. Se ele foi capaz de continuar na Rússia sob o regime camarada de Lenin, Trotsky e de todos os

outros desafortunados que foram recentemente assassinados, consciente de todos os horrores que estão acontecendo, é seu problema, mas eu não posso ficar calada perante a acusação contra ele dizendo que os bolcheviques tinham justificativa para esmagar os marinheiros.

Leon Trotsky é sarcástico quanto à acusação de que ele matou 1.500 marinheiros. Não, ele não fez o trabalho sangrento ele mesmo. Ele confiou em Tuchachevsky, seu tenente, para matar os marinheiros “como perdizes”, como ele havia ameaçado. Tuchachevsky atendeu à ordem até o último grau. Os números chocaram-se com legiões, e aqueles que permaneceram após o ataque incessante da artilharia bolchevique foram colocados sob o cuidado de Dibenko, famoso por sua humanidade e sua justiça. Tuchachevsky e Dibenko, os heróis e salvadores da ditadura! A história parece ter sua própria maneira de fazer justiça.

Leon trotsky tenta um trunfo quando pergunta “Onde e quando seus grandes princípios foram confirmados, na prática ao menos parcialmente, pelo menos em tendência?”. Esta carta, como todas as outras que ele jogou em sua vida, não vai ganhar o jogo para ele. Na verdade, princípios anarquistas na prática e em tendência foram confirmadas na Espanha. Eu concordo, apenas parcialmente. Como poderia ser de outra maneira com todas as forças conspirando contra a Revolução Espanhola? O trabalho construtivo empreendido pela Confederação Nacional do Trabalho (a CNT) e a Federação Anarquista Ibérica (a FAI) é algo nunca pensado pelo regime bolchevique em todos os anos de seu poder, e no entanto a coletivização das indústrias e da terra destacou-se como a maior conquista de qualquer período revolucionário. Ademais, se Franco vencer e os anarquistas espanhóis forem exterminados, o trabalho que eles começaram irá continuar a viver. Princípios e tendências anarquistas estão tão profundamente enraizados no solo espanhol que eles não podem ser erradicados.

Leon Trotsky, John G. Wright e os anarquistas espanhóis

Durante os quatro anos de guerra civil na Rússia, quase todos os anarquistas ficaram ao lado dos bolcheviques, apesar deles ficarem cada dia mais conscientes do colapso eminente da Revolução. Eles se sentiram no dever de manterem silêncio e evitarem tudo que traria ajuda e conforto aos inimigos da Revolução.

Certamente, a Revolução Russa lutou contra muitas frentes e muitos inimigos, mas em nenhum momento as chances estavam tão assustadoras quanto aquelas confrontando o povo espanhol, os anarquistas e a Revolução. A ameaça de Franco, ajudada pelo poder do exército e pelo equipamento militar alemães e italianos, a benção de Stalin transferida à Espanha, a conspiração dos poderes imperialistas, a traição pelas chamadas democracias e não menos importante, a apatia do proletariado internacional, de longe superam os perigos que cercaram a Revolução Russa. O que Trotsky faz frente a uma tragédia tão terrível? Ele se junta à multidão enraivecida e crava sua própria adaga envenenada na vitalidade dos anarquistas espanhóis na hora mais crucial. Sem dúvida, os anarquistas espanhóis cometeram um grave erro. Eles não convidaram Leon Trotsky para tomar conta da Revolução Espanhola e para mostrar a eles quão bem sucedido ele foi na Rússia para que possa ser repetido tudo de novo em solo espanhol. Esta parece ser sua decepção.

LIÇÕES E SIGNIFICÂNCIA DE KRONSTADT

Alexander Berkman

O movimento de Kronstadt foi espontâneo, sem preparativos preliminares e pacífico. A sua transformação em um conflito armado de fim trágico e sangrento foi devido unicamente ao despotismo da ditadura comunista.

A despeito de se dar conta do caráter geral dos bolcheviques, Kronstadt, não obstante, ainda tinha fé na possibilidade de uma solução amistosa. Credo que o governo comunista viria à razão, lhe creditava um certo espírito de justiça e de liberdade.

A experiência de Kronstadt prova uma vez mais que o governo, o Estado – qualquer que seja seu nome e sua forma – é sempre o inimigo mortal da liberdade e da autodeterminação. O Estado não tem nem alma nem princípios. Ele tem um único objetivo: assegurar o poder e conservá-lo, a qualquer preço. Esta é a lição política de Kronstadt.

Outra lição, uma lição estratégica, nos é ensinada por qualquer rebelião.

O êxito da revolta depende de sua determinação, de sua energia, e de sua agressividade. Os insurretos têm do seu lado a simpatia das massas. Esta simpatia se acelera com a onda crescente da insurreição. Não deve ser permitido que ela seja apaziguada, que se debilite por um retorno à monotonia cotidiana.

Por outro lado, toda revolução tem contra ela o aparato poderoso do Estado. O governo pode concentrar em suas mãos as fontes de provisões e os meios de comunicação. Não deve-se dar tempo ao governo para que faça uso de seus poderes. A rebelião deve ser vigorosa, atacando inesperadamente e determinadamente. Ela deve se alastrar e se desenvolver. Uma rebelião que fica localizada, usando a política da espera, ou que se coloca na defensiva, está inevitavelmente condenada à derrota.

Especialmente neste ponto, Kronstadt repetiu os erros estratégicos fatais dos comunardos de Paris. Estes últimos não quiseram seguir a opinião dos que propuseram um ataque imediato a Versalhes, quando o governo de Thiers estava desorganizado. Não estenderam a revolução para todo o país. Nem os operários parisienses de 1871 nem os marinheiros de Kronstadt tinham por objetivo a abolição do Governo. Os comunardos não queriam, em suma, mais que certas liberdades republicanas, e quando o governo tentou desarmá-los, expulsaram os Ministros de Thiers de Paris, estabeleceram suas liberdades e se prepararam para defendê-las – nada mais. Assim como Kronstadt também exigiu apenas eleições livres para os Sovietes. Tendo prendido alguns Comissários, os marinheiros se dispuseram a se defenderem contra o ataque. Kronstadt recusou-se a seguir a opinião dos especialistas militares de apoderar-se imediatamente de Oranienbaum. Este forte era da maior

importância militar e tinha também 50.000 puds⁶ de trigo pertencentes a Kronstadt. A tomada de Oranienbaum era fácil, dado que os bolcheviques, surpreendidos, não teriam tempo de enviar reforços. Porém, os marinheiros se recusaram tomar a ofensiva, e logo se perdeu o momento psicológico. Alguns dias depois, quando as declarações e os atos do Governo bolchevique convenceram Kronstadt de que ela era arrastada a uma luta de vida ou morte, era muito tarde para corrigir o erro.⁷

O mesmo aconteceu com a Comuna de Paris. Quando a lógica da luta a que foram levados demonstrou aos comunardos a necessidade de abolir o regime de Thiers não só em Paris mas em toda a extensão do país, já era muito tarde. Na Comuna de Paris assim na revolta de Kronstadt, a *tendência à tática passiva e defensiva se provou fatal*.

Kronstadt caiu. O movimento de Kronstadt pelos Sovietes livres foi afogado em sangue, no mesmo momento em que o governo bolchevique fazia concessões para os capitalistas europeus, assinando a paz de Riga, graças à qual uma população de doze milhões foi descartada à mercê da Polônia, ajudando o imperialismo turco a estrangular a república do Cáucaso.

Porém o “triunfo” dos bolcheviques sobre Kronstadt carregava em suas entranhas a derrota do bolchevismo. Ele expõe o caráter verdadeiro da ditadura comunista. Os comunistas mostraram que estavam dispostos a sacrificar o comunismo, para selar quase qualquer compromisso com o capitalismo internacional, no entanto recusaram as justas exigências de seu próprio povo – exigências que repetiam os lemas de Outubro dos próprios bolcheviques: Sovietes eleitos pelo voto direto e secreto, segundo a constituição da R.S.F.S.R.; e liberdade de expressão e de imprensa para os partidos revolucionários.

O Décimo Congresso de Todas as Rússias do Partido Comunista se reunia em Moscou no momento da rebelião de Kronstadt. Nesse congresso, toda a política econômica bolchevique mudou devido aos acontecimentos de Kronstadt e à atitude similarmente ameaçadora do povo em várias outras partes da Rússia e da Sibéria. Os bolcheviques preferiram reverter sua política fundamental, abolir a *razverstka* (requisição forçada), introduzir a liberdade de comércio, fazer concessões aos capitalistas e desfazer-se do próprio comunismo – o comunismo pelo qual foi proclamada a Revolução de Outubro, pelo qual se derramaram mares de sangue e pelo qual a Rússia foi levada para a ruína e para o desespero – mas não para permitir Sovietes livremente eleitos.

Há alguém, no atual momento, que possa duvidar das intenções reais dos bolcheviques? Eles perseguiram Ideais Comunistas ou o Poder Governamental?

Kronstadt é de uma grande importância histórica. Tocou o sino fúnebre do bolchevismo com sua ditadura de partido, sua centralização insensata, seu terrorismo tchekista e suas castas burocráticas. Ele atacou sobre o próprio coração da autocracia russa. Chocou ao mesmo tempo as mentes inteligentes e honradas da Europa e da América, e as obrigou a um exame crítico das teorias e dos fatos bolcheviques. Explodiu o mito bolchevique do Estado Comunista como sendo o “Governo dos Operários e Camponeses”. Demonstrou que a ditadura do Partido Comunista e a Revolução Russa eram fenômenos opostos, contraditórios, que se excluíam reciprocamente. Demonstrou que o regime bolchevique é uma tirania e uma reação

implacáveis, e que o Estado Comunista é ele mesmo a contrarrevolução mais poderosa e perigosa.

Kronstadt caiu. Porém caiu vitoriosa em seu idealismo e sua força moral, em sua generosidade e sua humanidade superiores. Kronstadt foi esplêndida. Com razão, estava orgulhosa de não ter derramado o sangue de seus inimigos, os comunistas que se encontravam em seu seio. Os marinheiros mal educados e incultos, toscos em suas maneiras e em sua linguagem, eram nobres demais para seguir o exemplo bolchevique da vingança: não fuzilaram nem aos odiosos Comissários. Kronstadt encarna o espírito generoso e clemente da alma eslava e do movimento emancipador secular da Rússia.

Kronstadt foi a *primeira* tentativa popular e inteiramente independente de libertar-se do jugo do Socialismo de Estado – uma tentativa feita diretamente pelo povo, pelos próprios operários, soldados e marinheiros. Era o primeiro passo em direção à Terceira Revolução, a qual é inevitável e que, assim esperamos, levará para a infeliz Rússia a liberdade permanente e a paz.

A N E X O

A VERDADE SOBRE KRONSTADT

Stepan Petritchenko

Ao levar a cabo a Revolução de Outubro de 1917, os trabalhadores da Rússia e da Ucrânia esperavam obter sua emancipação completa. Depositaram todas as suas esperanças no partido bolchevique, porque parecia responder aos seus interesses.

O que é que este partido, dirigido por Lenin, Trotsky, Zinoviev e outros, lhes retribuiu nos três anos e meio que detém o poder?

O caminho bolchevique não conduziu à emancipação dos trabalhadores, mas a uma escravidão ainda maior do proletariado. Em lugar da monarquia policial, os trabalhadores conhecem agora o temor permanente de cair nas mãos da Tcheka, que supera bastante a crueldade da polícia do regime czarista. Agora são conscientes dos fuzilamentos e das humilhantes vexações dos carcereiros tchekistas. Se o trabalhador se atreve a expressar a dolorosa e pesada verdade, é então associado aos contrarrevolucionários, aos agentes da Entente etc., recebendo como recompensa uma descarga de fuzil ou a prisão, ou seja, a morte por inanição.

Os bolcheviques aprisionaram os operários às oficinas, com a ajuda dos sindicatos corruptos, fazendo com que o trabalho deixasse de ser criativo e estimulante para converter-se, como antes, em uma nova e insuportável escravidão.

Os bolcheviques responderam aos protestos dos camponeses, que se manifestavam com revoltas espontâneas, e dos operários, obrigados a recorrerem à greve para melhorar suas condições de vida, com fuzilamentos em massa, incontáveis encarceramentos e internações em campos de concentração.

Como vivem os camponeses e o que obtiveram do novo regime?

Conseguiram a escravidão dos trabalhos forçados, sem distinção de idade, sexo ou situação familiar, a pilhagem completa das colheitas, do gado e das aves de curral, levadas a cabo por inumeráveis requisições e confiscos e pelo controle de todos os deslocamentos, mediante incalculáveis destacamentos de inspeção.

Foi generalizado o reinado da arbitrariedade. Se um camponês tem três de seus filhos no Exército Vermelho e um deles volta ao seu povoado por contra própria para conhecer a situação; então, sem ter em conta que os outros dois filhos permanecem no serviço, o sítio familiar fica liberado, por efeito da deserção de um de seus membros, à pilhagem total.

Não obstante, o exército e as forças armadas de nada sabiam sobre a verdadeira situação do país. As informações que chegavam eram muito confusas e imprecisas; era difícil fazer uma ideia exata baseando-se nos rumores ou no correio familiar “censurado”.

Durante todo este tempo, os bolcheviques enganaram sua gente, esboçando

quadros idílicos em seus periódicos.

Se eram lançadas queixas contra os abusos, as autoridades centrais respondiam dizendo que seriam tomadas as medidas oportunas, mas tudo ficava no papel. Pelo contrário, quando o comissário local se inteirava que tinha sido tramitada uma queixa contra ele, se ocupava de perseguir os querelantes por todos os meios ao seu alcance, tornando as suas vidas impossíveis.

Ninguém estava em condições de conhecer a situação e os meios de vida de sua família: não concediam nenhuma permissão por causa da tensão militar e a censura impedia que passassem as cartas que expunham a amarga verdade. Somente os periódicos e a literatura bolchevique tinham curso livre, e, segundo eles, tudo ia bem por todas as partes.

Por tudo isso, as tripulações se encontravam na incerteza: alguns confiavam na propaganda oficial, mas outros não. Teve lugar uma desmoralização parcial do exército e foram concedidas breves permissões, limitadas a dez por cento dos efetivos. Aqueles que tiveram a sorte de aceder a elas estavam perfeitamente a par da situação real do país ao regressarem, ao ter tido ocasião de tomar consciência da imbecilidade, da arbitrariedade e da violência repressiva da comissariocracia. Estes explicaram aos seus camaradas a repressão e as injustiças que reinavam no país. Deste modo, a amarga verdade começou a ser conhecida nas unidades de Petrogrado e Kronstadt.

Os ucranianos, por sua vez, se negavam a regressar ao terminar sua permissão. Alguns deles contaram que os pais maldiziam os seus filhos por terem defendido essa cambada de bandidos e canalhas que tinha levado a Rússia à ruína geral, a uma situação de violência espantosa e a uma opressão e uma arbitrariedade desconhecidas até então. Assim chegamos ao conhecimento da verdade e nos pusemos a discuti-la coletivamente, apesar da proibição a reuniões ou concentrações, ditada pelos comissários e comunistas. As assembleias passaram a ter cada vez maior participação, chegando sempre à desaprovação unânime e indignada do regime bolchevique.

Petrogrado e Kronstadt sofreram nesse período, como anteriormente, uma grave crise de abastecimento. Todos se indignaram contra a “ordem bolchevique”, graças à qual os operários se encontravam esfomeados, com frio e aprisionados às suas fábricas, nas quais deviam esgotar as suas últimas forças.

A paciência chegou ao limite: nos dias 25 a 28 de fevereiro, greves irromperam em Petrogrado. O poder respondeu com prisões em massa e disparos de fuzil contra os operários.

As fábricas foram colocadas sob a vigilância dos tchekistas e dos *kursanti*¹; disseram aos operários que voltassem ao trabalho, mas eles se negaram. Nossa tripulação soube com indignação o que acontecia em Petrogrado no curso das reuniões espontâneas, as quais estavam, não obstante, formalmente proibidas pelos comissários; então exigimos a estes o envio de uma comissão, composta por gente sem partido, a Petrogrado, com o objetivo de se informar a respeito do que acontecia na realidade, porque os bolcheviques tratavam de nos fazer crer que agentes e espiões da Entente tinham tentado organizar greves em Petrogrado, mas que tudo havia voltado à normalidade e as fábricas funcionavam de novo sem problemas.

Em Petrogrado, os operários eram ameaçados com a intervenção de *Kronstadt, a Vermelha*, a qual os obrigaria a voltar ao talho se persistissem em sua atitude

grevista. Por isso soubemos que, de modo geral, os bolcheviques tinham transformado Kronstadt em um espantalho em toda a Rússia para apoiar sua política; a indignação das tripulações ao ter notícia destes fatos foi enorme, porque este papel não podia de modo algum ser de Kronstadt.

No dia 27 de fevereiro, foram celebradas duas reuniões espontâneas, primeiro entre as tripulações dos encouraçados *Petropavlovsk* e *Sevastopol* e, mais tarde, entre os componentes da 1ª e da 2ª brigada de destruidores, durante as quais todo mundo exigiu aos comissários de modo imperativo a eleição de uma comissão de delegados sem partido para visitar as fábricas e os acantonamentos da guarnição de Petrogrado. Não podendo fazer de outro modo, Kuzmin, o comissário do Poubalt, que acabava de chegar em Petrogrado em companhia de outros notáveis bolcheviques, se viu forçado a autorizá-la. Foi eleita uma delegação de 32 membros.

O comissário da frota do Báltico ordenou que estes delegados se apresentassem perante todos os Sovietes da região e perante os comitês de fábrica. Assim fizeram ao chegarem a Petrogrado, onde lhes foi declarado que a cidade estava em estado de sítio e que, por consequência, as reuniões e os encontros estavam formalmente proibidos. Os delegados insistiram em querer se reunir com os operários nas fábricas. Então os bolcheviques utilizaram um subterfúgio: organizaram por conta própria reuniões nas quais apresentaram falsos delegados de Kronstadt, apesar deles serem membros do partido, pretendendo dessa forma semear a confusão; não obstante, os delegados de Kronstadt puderam facilmente fazer esta manobra grosseira fracassar.

Nas assembleias de fábrica nas quais os bolcheviques apresentaram delegados falsos, declararam que Kronstadt não permitiria que os distúrbios em Petrogrado continuassem; mas os delegados autênticos conseguiram desmascará-los em boa parte dos casos. Por fim, as assembleias foram autorizadas, frente à insistência dos delegados, mas com a presença dos membros da Tcheka, dos Sovietes locais, dos comitês de fábrica e de funcionários dos sindicatos estatais para intimidar os operários. Estes temiam falar com os delegados, fazendo-lhes compreender que não lhes era possível fazê-lo em presença de todos esses esbirros; de fato, aquele que ousava protestar ou denunciar a situação se encontrava na noite seguinte na prisão de *Gorokhovaya 2*, onde cerca de mil camaradas seus já se encontravam há alguns dias.

Nestas condições, os delegados exigiram que os membros da Tcheka e outros sicários abandonassem as reuniões. Estes últimos recusaram, declarando que as conversas só podiam ser realizadas em sua presença.

Em uma reunião, os delegados pediram aos operários que expressassem o que tinham a dizer, prometendo-lhes defendê-los para afugentar seus temores, mas somente alguns puderam responder por meio de suas lágrimas, o que demonstrava fidedignamente até que ponto se sentiam abatidos e impotentes.

Os delegados de Kronstadt propuseram aos operários e soldados que enviassem delegados a Kronstadt. Em 28 de fevereiro, os delegados voltaram a Kronstadt, acompanhados por outros de Petrogrado, expondo seu informe nos cascos; como consequência, o *Petropavlovsk* e o *Sevastopol* adotaram uma resolução que exigia, principalmente, a eleição de novos Sovietes locais mediante voto secreto.

A resolução foi aprovada por unanimidade, sem ter em conta as manobras de diversão e obstrução de Kuzmin e outros notáveis bolcheviques de Petrogrado que

assistiam às assembleias. Kuzmin e seus colegas chegaram a tal extremo de cinismo em suas intervenções e manobras que os marinheiros, indignados, tiveram que lhes interromper em mais de uma ocasião. Nesta reunião, foi decidido convocar uma Assembleia Geral de toda a população de Kronstadt para o dia seguinte, 1º de março, na Praça da Âncora.

Kalinin, o *Hierarca* de Todas as Rússias², compareceu a esta assembleia geral da guarnição e da população de Kronstadt. Pronunciou um discurso, esforçando-se em fazer a reunião fracassar. Quando se deu conta de que isso não era possível, se recusou a falar na Praça e exigiu que a reunião fosse transferida para o posto de manobras da marinha, mas os participantes se negaram e insistiram em que a reunião continuasse na Praça da Âncora.

Diversos oradores intervieram nessa assembleia. A resolução proposta pelos encorajados foi adotada por unanimidade, com os únicos votos contra de Kalinin, Kuzmin e Vassiliev, este último Presidente do Soviete de Kronstadt. Ao constatar semelhante unanimidade da assembleia, Kalinin e Kuzmin declararam que “se Kronstadt diz branco, nós dizemos preto” e que “Kronstadt não representa por si só toda a Rússia e portanto não será levada em consideração”.

Essas palavras agitaram ainda mais os participantes; então, alguém lhes perguntou por que os bolcheviques tinham afirmado até esse momento que Kronstadt era o centro da revolução e o seu mais fiel bastião e por que tinha sempre apoiado Kronstadt. Não houve resposta.

A reunião decidiu proceder à eleição de um novo Soviete no dia seguinte, através dos representantes de cada uma das companhias, dos grupos profissionais e de fábrica, à razão de dez delegados por unidade.

Os membros do partido comunista estiveram reunidos toda a noite de 1º a 2 de março, decidindo morrer antes de entregar o poder; durante o resto da noite se dedicaram a armar quem acreditavam ser mais confiáveis: os clubes dos Sovietes e outras instituições. Kalinin saiu de Kronstadt nessa mesma noite sem que ninguém o impedisse.

Em 2 de março, às onze da manhã, os delegados designados foram ao encouraçado *Petropavlovsk*. Todos eram independentes. Havia cerca de 250 pessoas, sendo insuficiente o espaço do casco, por isso foi proposto aos delegados transferir a reunião para a casa de cultura e às duas da tarde foi aberta a sessão.

Foi designada a presidência e quando se chegou à discussão da situação atual, Kuzmin e Vassiliev pediram a palavra para intervir a respeito. A assembleia assim concordou e ambos se puseram a repetir as mesmas ameaças que haviam lançado na Praça da Âncora, tendo o maior cuidado de evitar responder as perguntas diretas que lhes eram dirigidas. A assembleia pediu então sua prisão imediata e seu desarme, o que foi executado pela presidência.

Pouco depois, começaram a chegar mensagens e telegramas de caráter provocador. A intenção manifesta dos bolcheviques era sabotar a reunião. Assim, por exemplo, chegaram informações nas quais se afirmava que a escola do partido e os comissários estavam se armando fortemente e se aprontavam para cercar o edifício onde ocorria a assembleia de delegados; ou ainda, que dois mil cavaleiros de Boudienny se acercavam às portas da cidadela. A assembleia se indignou ao ter

conhecimento destes rumores e alguns começaram a ficar nervosos, mas o presidente da sessão conseguiu restabelecer a calma e os debates continuaram.

Todo mundo sabia que os bolcheviques tinham se armado durante a noite e que um ataque era possível. Os debates se estendiam, mas finalmente se propôs não perder tempo, visto que os bolcheviques atuavam, e nomear rapidamente um Comitê Revolucionário. Cinco membros foram eleitos para este Comitê: Petritchenco, presidente, Yakovenko, Tukin, Arkhipov e o professor Oreshin.

Ao final da reunião, às cinco da tarde, o Comitê Revolucionário (CR) se instalou no encouraçado *Petropavlovsk*, onde foi formado um estado-maior militar.

Os destacamentos militares vieram para se colocarem à disposição do Comitê Revolucionário. Em uma hora foram reunidos oitocentos homens, recebendo a ordem de ocupar todos os pontos estratégicos da fortaleza: a central telefônica, os locais da Tcheka, o arsenal, os depósitos de abastecimento, as padarias, as estações elétricas, as cisternas de água, os estados-maiores, a defesa antiaérea, a artilharia etc.

Às nove da noite, a cidade estava totalmente controlada, sem disparar um tiro nem derramar uma gota de sangue. Nenhum dos edifícios armados pelos bolcheviques opôs resistência, porque os militantes de base do partido se negaram a disparar contra seus camaradas. A partir desse momento, não sobraram mais que cinquenta dirigentes e duzentos estudantes da escola do partido, tentando por todos os meios ao seu alcance recuperar o poder que lhes escapava.

O Comitê Revolucionário (o Revkom) decidiu que fossem ocupados os fortes, depois de terem ocupado a cidade, sendo igualmente tomados sem fazer um único disparo, já que o grupo de bolcheviques não tinha tido maior êxito que o que tiveram com os marinheiros. Quando a guarnição dos fortes quis proceder à prisão dos bolcheviques, estes se refugiaram na costa do golfo e conseguiram se apoderar do forte Krasnaya Gorka (a colina vermelha), por ser um grupo suficientemente numeroso para surpreender a guarnição de um único forte, ainda vacilante nesses momentos. Uma vez com o posto em seu poder, procederam à prisão e à execução daqueles que achavam suspeitos.

Assim foi como a cidade e os fortes de Kronstadt passaram para as mãos do Comitê Revolucionário.

Nesse mesmo dia, até a meia noite, o Comitê Revolucionário pediu que um destacamento de cinquenta marinheiros e seis delegados fosse até Oranienbaum, na outra ribeira do golfo. O destacamento percorreu cinco verstas³, até que foi recebido com um nutrido fogo de metralhadoras, ao chegar a uma versta e meia da costa. Os seis delegados seguiram sozinhos, mas os *kursanti* nem sequer se deram ao trabalho de discutir com eles, pegando três, enquanto os outros escaparam e alcançaram o destacamento.

Os marinheiros tentaram pôr os pés na ribeira de Oranienbaum em outro lugar, mas tampouco tiveram êxito e ao amanhecer se viram obrigados a voltar a Kronstadt.

Nesse exato momento chegaram três delegados da divisão aérea de Oranienbaum, que comunicaram a intenção da divisão de unir-se a Kronstadt. Quando voltaram, foram imediatamente aprisionados e fuzilados. Em seguida, quarenta e quatro camaradas seus foram igualmente executados.

Em Kronstadt tudo estava tranquilo. Só foram presos os bolcheviques que

tinham abusado da confiança do Comitê Revolucionário.

No entardecer de 2 de março, o Comitê Revolucionário convocou os responsáveis do estado-maior da fortaleza, assim como os especialistas militares, explicando-lhes a situação e propondo-lhes que participassem da preparação e do reforço da defesa de Kronstadt, o que aceitaram. É necessário afirmar, a esse respeito, que Kozlovsky não veio à reunião do Comitê Revolucionário nesta ocasião, mas à que uma parte deste celebrou no dia seguinte às três da tarde e que tão só foi responsável pela artilharia e não por toda a defesa da fortaleza, como os bolcheviques fizeram crer.

Em 3 de março, circularam por toda a cidade rumores que afirmavam que os bolcheviques aprisionados tinham sido torturados e fuzilados, sofrendo todo tipo de violência. Membros do grupo dirigente do Partido Comunista se apresentaram ao Comitê Revolucionário para que lhes fosse permitido visitar o edifício onde haviam sido encerrados os comunistas aprisionados. Dois membros do Revkom se uniram a eles para dirigirem-se em direção ao local. Tendo sido convencidos das boas condições em que os comunistas aprisionados se encontravam e informados de sua situação, os membros do coletivo comunista redigiram um chamado à população da ilha em que eram desmentidos os rumores provocadores e afirmavam que os comunistas aprisionados se encontravam em boas condições, todos são e salvos, e que nenhuma violência tinha sido exercida contra eles. Este chamado foi assinado por membros muito conhecidos do Partido: os operários Ylyin, Kabanov e Pervushin.

O Comitê Revolucionário emitiu um primeiro chamado dirigido à guarnição da cidade. Nele, pedia-se que os operários não abandonassem o trabalho e se apresentassem nas oficinas; aos marinheiros e soldados vermelhos, pedia-se que permanecessem em seus postos nos cascos e nos fortes; e a todos os estabelecimentos públicos pedia-se que continuassem com sua atividade habitual.

Em seguida, o Comitê Revolucionário fez um chamado a todas as organizações de trabalhadores da Rússia, insistindo que procedessem à convocação de novas eleições, mais representativas, nas fábricas, nos sindicatos e nos sovietes. O Comitê Revolucionário fez também um chamado à ordem, à tranquilidade, à firmeza e um novo e honesto trabalho socialista, em prol de todos os trabalhadores.

Sob a presidência do Revkom, foi celebrada uma primeira reunião para tratar os problemas militares, no curso da qual foi elaborado um plano de autodefesa. Ao anoitecer, todos os destacamentos foram armados e ocuparam os seus postos na cidade e nos fortes. Se soube que às quatro da tarde um grupo inimigo havia se aproximado de Totleben; alguns marinheiros saíram do forte e regressaram sem que houvesse enfrentamento armado. Além disso, nos chegou a informação de que o trem blindado *Tchernomoretz* acabara de chegar com uma companhia de *kursanti*.

Durante toda a jornada, foram chegando reforços bolcheviques a Oranienbaum, Sestroretsk e Lissy Noss, constituídos principalmente de *kursanti* de Orloff, Nijnegorod e Moscou. E também destacamentos de elite bolcheviques, da Tcheka e dos funcionários dos Sovietes locais, assim como dois trens blindados. Durante a noite, grupos de exploradores se aproximaram do forte nº 1, para retroceder em seguida, depois de encontrarem-se com nossos destacamentos.

Assim teve começo a insurreição de Kronstadt.

Como esta foi apresentada pelos bolcheviques? A partir de 3 de março, na rádio

de Moscou havia sido anunciado que um complô de Guardas Brancos e um amotinamento do casco *Petropavlovsk*, sob a direção do ex-general Kozlovsky, acabava de se instalar em Kronstadt; este complô havia sido tramado por agentes e espiões da Entente. A rádio difundia a confiança em que esta rebelião dos Socialistas Revolucionários e de um general fosse muito em breve liquidada.

A seguir, podia ser lido na “Gazeta Vermelha” e em *Pravda* que os principais atores da insurreição haviam distribuído a hierarquia entre si, que eram burgueses e filhos de papas, possuidores de numerosas propriedades. Os periódicos insistiam em seu passado criminoso e assim sucessivamente. Deste modo os bolcheviques apresentaram a revolta de Kronstadt.

4 de março

Neste dia, o Comitê Revolucionário se deslocou do encouraçado *Petropavlovsk* à Casa do Povo, onde permaneceu até o último momento. Foi recebido um telegrama do Soviete de Petrogrado, propondo o envio de uma delegação a Kronstadt.

O Comitê Revolucionário enviou uma mensagem por rádio dizendo que a delegação seria muito bem recebida, mas que seria desejável que a mesma fosse eleita por representantes do povo, ou seja, por trabalhadores, marinheiros e soldados vermelhos e que fosse incluído nesta delegação um total de 15 % de comunistas. O Soviete de Petrogrado não respondeu à proposta.

O Revkom tinha muito cuidado em tentar evitar todo derramamento de sangue inútil.

Em Kronstadt tudo estava tranquilo. Todos os serviços funcionavam e o trabalho não era detido em absoluto.

Durante os três primeiros dias não foi disparado nem um único tiro. As ruas estavam animadas e as crianças brincavam agradavelmente.

Às quatro da tarde, os delegados de todos os estabelecimentos, empresas, sindicatos e unidades militares se reuniram no clube da guarnição.

Ao abrir a sessão, o presidente informou a assembleia sobre a situação militar e o abastecimento. Também foi tratado o problema do combustível. Foi proposto aos operários que se armassem e ocupassem os postos de guarda da cidade, a fim de liberar a guarnição, que podia então ocupar posições nos postos mais avançados.

Os operários aprovaram a proposta por unanimidade.

A reunião se desenvolveu em meio a um grande entusiasmo e todos se separaram com a consigna de “vencer ou morrer”.

No curso da mesma, o Revkom foi completado, por proposta do Presidente, com a inclusão de dez novos membros.

Durante a noite, um grupo inimigo de exploradores tentou se aproximar dos fortes.

5 de março

Pela manhã, um avião sobrevoou Kronstadt lançando panfletos: “eles

conseguiram”, onde os bolcheviques tentavam demonstrar que tínhamos sido enganados por generais czaristas, acrescentando que Kronstadt tinha sido completamente cercada e que portanto seríamos reduzidos por fome, já que na cidade não havia reservas suficientes de comida, e convocavam a rendição e o desarme e prisão dos dirigentes criminosos. Aqueles que se rendessem seriam perdoados por seu erro. O Revkom ordenou que não metralhassem o avião. Os panfletos foram amplamente difundidos entre a guarnição e a população. Uma emissão de rádio do mesmo estilo foi captada pelo *Petropavlovsk*, sendo igualmente difundida. Indignada pela ignomínia dos bolcheviques, a guarnição quis responder por meio de um fogo de artilharia sobre Oranienbaum. O Revkom teve necessidade de pedir constantemente que se acalmasse e recuperasse o domínio dos nervos, até que foram tomadas algumas disposições.

O Revkom enviou uma mensagem por rádio: “A todos! A todos! A todos!”, na qual assinalava que estava certo da justiça de sua causa, que Kronstadt celebrava o poder dos Sovietes livremente eleitos em detrimento dos partidos e que somente tais Sovietes seriam capazes de expressar a vontade dos trabalhadores e não dos bolcheviques. Fazia um chamado para que entrassem imediatamente em contato com Kronstadt e que enviassem delegados, os quais lançariam luz sobre o movimento de Kronstadt etc.

Assim transcorreu a jornada do dia cinco.

6 de março

Pela manhã, nos chegou a notícia: em Petrogrado, eram feitas prisões em massa das famílias dos habitantes de Kronstadt. O CR enviou através do rádio um protesto contra o encarceramento dos familiares e exigiu sua liberação, acrescentando que, entre nós, os comunistas dispunham de completa liberdade, que seus parentes tinham sido deixados completamente à margem de tudo e que este procedimento era, sob qualquer ponto de vista, covarde e vergonhoso.

Ao meio dia, o *Petropavlovsk* recebeu a mensagem de rádio que transmitia o ultimato de Trotsky, ordenando a rendição imediata de Kronstadt e dos cascos amotinados à República Soviética, que entregassem as armas e obrigassem os obstinados a fazê-lo, pondo-os nas mãos das autoridades soviéticas: Trotsky acrescentava ainda que tinha ordenado a preparação do esmagamento militar dos amotinados. O prazo para a recepção da delegação de Petrogrado em Kronstadt tinha sido fixado às seis da tarde deste dia.

Às três, um avião sobrevoou de novo Kronstadt e lançou a ordem de Trotsky já impressa. Uma emissão da rádio de Moscou foi também captada: ela dizia que agentes franceses tinham se infiltrado em Kronstadt e que corrompiam com ouro os seus habitantes, junto com outras mensagens do mesmo gênero.

Tudo isto foi amplamente difundido entre a população e a guarnição de Kronstadt, provocando uma indignação crescente contra a infâmia dos bolcheviques. Nos foi informado que as forças inimigas chegavam cada vez em maior número ao redor de Kronstadt. Trotsky e Dibenko, assim como outros conhecidos dirigentes chegaram a Oranienbaum. Foi interceptada a ordem de começar uma ofensiva contra

Kronstadt.

O Revkom se reuniu com o estado-maior da defesa e comunicou a todos os insurgentes a ordem de se manterem em alerta para repelir o inimigo. Na cidade, todos estavam certos de que o primeiro disparo não tardaria em ser produzido.

Pela noite, foram descobertos grupos inimigos de reconhecimento.

7 de março

Um belo e ensolarado dia. Em Kronstadt, reinava uma grande animação devido ao bom tempo. As crianças estiveram brincando na rua o dia inteiro. Ninguém teria podido imaginar que Kronstadt estava assediada e que em qualquer momento podia cair um obus que não perdoaria a ninguém. Os serviços públicos e as oficinas continuaram sua atividade com toda normalidade. Um dos fortes nos informou que uma reduzida unidade de *kursanti* tinha se aproximado de nossos postos avançados, trocando propaganda e retirando-se.

Ao longo da jornada, até o entardecer, duzentos delegados foram enviados de Kronstadt em todas as direções, com documentos e periódicos. Deles, só retornaram dez.

Às 18h45min, o inimigo abriu um fogo nutrido sobre a cidade e os fortes a partir de Sestroresk e Lissy Noss. Os fortes responderam ao convite, silenciando o inimigo. Ao ver isto, o forte de Krasnaya Gorka abriu fogo, recebendo uma adequada resposta do *Sevastopol*, e logo houve troca de artilharia de todas as partes, de forma intermitente, prolongando-se até o cair da noite.

Os obuses caíram sobre o porto da cidade e nas proximidades dos fortes sem causar nenhum dano; dois soldados vermelhos foram feridos nos fortes e transportados ao hospital. A população e a guarnição aceitaram o tiroteio com tranquilidade e reagiram assim: “por fim, a sorte foi lançada, começou o grande combate”, “toda a responsabilidade recairá, perante o mundo inteiro, sobre aqueles que começaram primeiro”, “nós não queríamos derramar sangue, mas se Trotsky nos obriga a fazê-lo, então defenderemos nossa justa causa”.

O som dos canhões continuou a ser escutado durante toda a tarde, mas a população manifestou mais curiosidade que espanto. Apesar da proibição do Revkom, as pessoas foram à costa e ao posto para ver o fogo inimigo. Muitos proferiram maldições contra os bolcheviques, verdugos da Revolução.

Os comunistas que se encontravam em Kronstadt dispunham de completa liberdade e igualmente se indignaram contra um ato de tal natureza, unindo-se à luta contra seu próprio partido.

É preciso assinalar que muitos deles demonstraram grande heroísmo e abnegação no combate.

Deste modo, foi disparado o primeiro tiro de canhão... Afundado até a cintura no sangue dos trabalhadores, o sanguinário marechal Trotsky foi o primeiro a abrir fogo contra Kronstadt, sublevada contra o domínio bolchevique, para restaurar o autêntico poder dos Sovietes.

Sem um único disparo, sem um único derramamento de sangue, nós, soldados

vermelhos, marinheiros e operários de Kronstadt, tínhamos abatido o domínio dos comunistas, respeitando inclusive suas vidas. Sob a ameaça das armas, queriam de novo nos aprisionar ao seu poder. Tentando evitar qualquer derramamento de sangue, tínhamos pedido que fossem enviados a Kronstadt delegados do Proletariado de Petrogrado que não pertencessem a nenhum partido, com o fim de que constatassem que Kronstadt lutava pelo poder dos Sovietes livremente eleitos. Mas os bolcheviques ocultaram tudo isso dos operários de Petrogrado e tinham aberto fogo; a resposta habitual de um governo, supostamente operário e camponês, às exigências das massas trabalhadoras.

Nossa posição era a seguinte: que todo o mundo trabalhador saiba que nós, defensores do poder dos Sovietes dos trabalhadores, nos unimos para salvaguardar as conquistas da revolução. Venceremos ou pereceremos sob as ruínas de Kronstadt, combatendo pela justa causa do povo trabalhador. Os trabalhadores do mundo inteiro nos julgarão, mas o sangue dos inocentes recairá sobre a cabeça dos bolcheviques-verdugos embriagados de poder. Viva o Poder dos Sovietes!

Com fogo de artilharia terminou, portanto, a jornada de 7 de março. O tiroteio da cidade e dos fortes mostrava claramente que seria produzido um ataque na manhã do dia seguinte; nos preparamos para isso.

8 de março

Às 4h30min da manhã, o inimigo desencadeou uma ofensiva contra o forte Totleben, e a parte leste de Kotlin, em direção às portas de Kronstadt. Uma grande parte dos assaltantes foi aniquilada, o resto fugiu. Foram feitos prisioneiros cerca de 200 homens.

Alguns *kursanti* se esconderam nos diques – e em breve foram desalojados. Os prisioneiros foram levados em grupo ao picadeiro.

Ao mesmo tempo foi lançado um assalto contra os fortes do sul; o inimigo foi repellido e foi feito um grande número de prisioneiros. Do mesmo modo se levou a cabo várias tentativas de ofensiva em outros pontos, mas sem êxito. As ofensivas custaram ao inimigo grandes perdas em mortes, feridos e afogados – houve oitocentos prisioneiros.

Depois de tal desastre, o inimigo enviou uma grande cadeia de Oranienbaum⁴. Quando estiveram sob o fogo da artilharia de Kronstadt, levantaram uma bandeira branca, e começaram a se mover em direção a Kronstadt.

Dois membros do Comitê Revolucionário saíram ao seu encontro, Vershinin e Kupolov; tão logo quanto estiveram à vista da cadeia, soltaram suas armas e se dirigiram temerariamente ao seu encontro. Mas sem ter tempo de dizer alguma palavra, os cercaram e prenderam Vershinin; Kupolov conseguiu escapar.

Utilizando este meio covarde e vil foi como os bolcheviques capturaram um dos melhores membros do Comitê Revolucionário: combatente exemplar, orador veemente e entregue inteiramente à causa da revolução e da humanidade.

Pudemos constatar que se as cadeias inimigas, subindo ao assalto, não suportavam nosso fogo, e tentavam retroceder, disparos de artilharia e de

metralhadora vindos da orla vedavam sua retirada para obrigar-lhes a atacar de novo. Tampouco podiam voltar já que por trás deles marchava uma cadeia de comunistas selecionados que disparavam por suas costas.

Os prisioneiros nos explicaram que se nos regimentos surgiam dúvidas ou hesitações e rejeitavam a subida ao assalto, então fuzilavam um de cada cinco. Foi o que aconteceu nos regimentos de Orchanski, Nevelski e Minsk. Os assaltantes eram sobretudo *kursanti*, tropas de elite de comunistas seguros, tchekistas, permanentes da burocracia dos Sovietes, destacamentos de pedágio e outras tropas selecionadas cuja fidelidade estava a toda prova.

O 561º regimento de Kronstadt figurava no número dos atacantes; quinhentos homens foram feitos prisioneiros.

Até o meio dia, cessaram todas as tentativas de assalto do inimigo. Durante todo o dia, aviões sobrevoaram, mas suas bombas não causaram nenhum dano na cidade, caindo em sua maior parte fora de Kronstadt, já que as baterias antiaéreas não permitiam que voassem por cima da cidade.

Uma única bomba caiu sobre a cidade às 6 da tarde, e como resultado destróçou a cornija de uma casa, danificou uma fachada, rompeu os cristais de várias casas, e por sorte não feriu mais que muito levemente uma criança de treze anos.

Durante todo o dia houve fogo de artilharia. Nossa artilharia provocou um incêndio e a destruição da via férrea sobre a ribeira de Oranienbaum. Kronstadt e os fortes não sofreram danos sérios.

Alguns fugitivos nos indicaram que naquele dia o inimigo tinha concentrado 15.000 homens sobre a ribeira sul e 8.000 ao norte, com 20 baterias e 4 trens blindados, um dos quais foi posto fora de combate por nossa artilharia.

O inimigo recebia reforços incessantemente.

Em todos os serviços públicos, sindicatos e unidades militares de Kronstadt, foram designada *troikas* revolucionárias, entre as quais não havia nenhum comunista. Estas *troikas* eram encarregadas de aplicar sobre o lugar as disposições tomadas pelo Revkom.

O trabalho não cessou nos serviços públicos, só fecharam as escolas e os cursos para adultos. Os alunos das classes terminais eram voluntários, assim como os adultos, nas milícias da cidade.

No Comitê Revolucionário, se trabalhava dia e noite.

Visto a falta de botas de couro entre os defensores de Kronstadt, o Revkom ordenou recolher as dos bolcheviques detidos, dando-lhes em troca *laptis*⁵; isto proporcionou 280 pares de botas que foram distribuídos entre a guarnição.

Pela mesma razão, o Revkom se dirigiu à população a fim de que aqueles que possuíssem vários pares lhes dessem aos defensores; isto proporcionou cerca de outros 400 pares de botas.

Estas botas eram trocadas por sapatos de feltro dos marinheiros, dos quais não podiam servir-se na cidade.

Procedeu-se também à divisão do abastecimento para o período de 8 a 14 de março, segundo as normas seguintes: a guarnição terrestre e marítima recebeu, em lugar da ração de pão anterior, pão e café, meia libra de maçãs desidratadas, meio pote

de conserva de carne e um quarto de libra de carne por dia. A população civil de categoria A recebeu meia libra de pão, meio pote de conserva, meia libra de carne; a de categoria B: uma libra de centeio, meio pote de conserva de carne, um quarto de libra de carne, e, durante algum tempo, meia libra de açúcar e meia de manteiga salgada. Às crianças de série A: a cada dia farinha, cevada, ou meia libra de biscoitos, meio pote de conserva de carne, e, durante algum tempo, como complemento, um pote de leite em conserva, meia libra de açúcar e um quarto de libra de manteiga. Para as de série B e C, diariamente, a mesma ração, salvo meia libra de carne no lugar do pote de leite. Eis aqui então em que condições Kronstadt tinha que viver; e tudo isto sem um murmúrio nem da população nem da guarnição. Cada um declarava firmemente: “Sabemos em nome de quê suportamos estas privações”. Assim terminou o dia 8 de março.

9 e 10 de março

O inimigo abriu fogo de artilharia, ora intermitente, ora contínuo e intenso, sobre a cidade e os fortes.

As tentativas de assalto, levadas a cabo no sul e no norte, foram repelidas com grandes perdas do inimigo. Nossa artilharia respondia sem cessar. Tivemos, nesses dois dias, 14 mortos e 46 feridos.

O Revkom enviou uma mensagem por rádio a todos os proletários de todos os países, na qual eram destruídas as mentirosas calúnias dos bolcheviques, se declarava a todo o mundo que nenhum General Branco nos dirigia, e que estávamos organizados por nós mesmos; que não tínhamos nos vendido à Finlândia, e que não mantínhamos nenhum contato com ninguém para uma eventual ajuda militar, que Kronstadt tinha derrubado o jugo dos bolcheviques e tinha decidido lutar até o fim.

Com certeza, se a luta se prolongasse por muito tempo, nos veríamos obrigados a pedir ajuda exterior para o abastecimento, ao menos para nossos feridos.

Na cidade reinava a calma. Quanto mais a luta se prolongava, mais estreitamente se uniam a população e a guarnição.

Cada um pretendia ajudar a causa comum com todos os seus meios. Constantemente, os aviões sobrevoavam, mas sem causar danos sérios.

11, 12 e 13 de março

O inimigo submeteu a cidade e os fortes, durante estes três dias, a um fogo de artilharia às vezes intenso, às vezes intermitente. Algumas tentativas inimigas de continuar o assalto tiveram lugar no norte e no sul da ilha. Os aviões sobrevoaram Kronstadt sem parar e lançaram bombas. A todos estes ataques terrestres e aéreos e ao fogo da artilharia inimiga, a guarnição de Kronstadt respondeu com a artilharia da fortaleza e a dos cascos, com as baterias aéreas, as metralhadoras e os fuzis.

Com exceção da destruição de várias casas, não houve danos materiais consideráveis. As bombas mataram e feriram várias pessoas. O Revkom enviou uma mensagem por rádio, em 12 de março, a todo o mundo, convocando a protestar contra os assassinos da população pacífica da cidade, contra a destruição de casas e pedindo

que fosse manifestado apoio moral aos insurretos.

14 de março

Cedo, na manhã de 14 de março, o inimigo tentou, por duas vezes, realizar o assalto, mas foi repellido por nosso fogo.

Às 13 horas, começou um dilúvio de artilharia, ao qual nossos canhões responderam. Isto durou até as 7 da tarde, depois houve calma. Os aviões não apareceram. Na cidade, tudo estava tranquilo. A população havia se habituado de tal modo aos tiros de canhão que todo mundo se movia livremente pela cidade como se fosse um dia de festa. As crianças brincavam de guerra de bola de neve na rua do Soviete e na avenida Lenin. As pessoas limpavam a neve e o gelo das calçadas.

O Revkom se dirigiu por rádio aos periodistas de todos os países lhes propondo que viessem a Kronstadt para se convencerem de por que lutavam.

Procedeu-se a uma segunda divisão do abastecimento, já que o primeiro tinha terminado em 14 de março.

Esta divisão foi feita assim: um pão grande aos militares marinheiros e operários, de 15 a 21 de março inclusos, meia libra de pão ou um quarto de biscoito, uma quarta parte de um pote de conserva e três oitavos de libra de carne por dia. Às crianças de série A: uma libra de leite em conserva, duas libras de farinha, uma de carne de frango, e três ovos. Tudo isto até 1º de abril. Às crianças de série B: meia libra de cevada por dia, um quarto de frango, um quarto de libra de carne por dia, e um quarto de libra de queijo; tudo isto até 1º de abril. Às crianças da série C: meia libra de cevada, meia de carne por dia e uma vez uma libra e meia de ovas de peixe. Além disso, um quarto de libra de manteiga, como suplemento, para todas as crianças, assim como meia libra de açúcar. Assim foram repartidas as últimas reservas de abastecimento.

15 de março

Exploradores inimigos tentaram se aproximar, em certos lugares, de nossos postos de guarda, mas foram dispensados por nosso fogo e fizemos prisioneiros. Das 14 às 17 horas houve um débil fogo de artilharia. Depois das 18h30min, os aviões sobrevoaram três vezes despejando bombas; foram repellidos por nossas baterias antiaéreas. A cidade estava em calma, o estado de ânimo era excelente. Às 20h teve lugar o transporte dos mortos do hospital à catedral marítima, assim como os preparativos dos funerais do dia seguinte, na Praça da Âncora. Na rua Pesotchnaia, durante o transporte dos mortos, um avião inimigo lançou uma bomba, que por sorte não explodiu.

16 de março

O inimigo tentou levar o assalto a pontos distintos mas foi repellido por nosso fogo de artilharia. Os aviões começaram seus ataques de manhã, sem causar grandes

danos à cidade. Às 9 da manhã, a partir de Lissy Noss, de Sestroretsk, de Oranienbaum, e de Krasnaya Gorka, começaram os tiros de canhão da cidade e dos fortes. Nossa artilharia respondeu e em certos lugares fez a artilharia inimiga se calar.

Ao meio dia, a hora marcada para os funerais das vítimas da Terceira Revolução, sem prestar atenção nos bombardeios da cidade, a população e as unidades militares que não estavam em serviço chegaram à Praça da Âncora pelo lado da catedral marítima. Depois da cerimônia, os vinte e um féretros, envoltos em tecidos vermelhos, foram transportados à fossa comum fraternal preparada na Praça. Os marinheiros faziam filas de honra até a tumba. Toda a população de Kronstadt e o CR assistiram aos funerais. Os féretros foram introduzidos na tumba fraternal e cobertos de terra. As unidades armadas os saudaram. Em seguida, foram pronunciados discursos na tribuna, nos quais os oradores punham em destaque os acontecimentos em curso e sublinhavam a ferocidade sanguinária dos dirigentes bolcheviques.

No intervalo dos discursos, uma orquestra tocou melodias revolucionárias. Durante todo o tempo que os funerais e os discursos duraram, o inimigo submeteu a cidade a um bombardeio intenso; os obuses caíam muito proximamente. Um marinheiro foi ferido por um estouro. De todas as formas, a multidão conservou um sangue frio notável até o final e não se separou mais que uma vez depois de acabarem os discursos dos oradores.

Até a tarde, o bombardeio da cidade foi intensificado.

Do Krasnaya Gorka, um obus de 12 polegadas caiu sobre a ponte do encouraçado *Sevastopol*; 14 marinheiros morreram e 36 foram feridos.

Ao cair da noite, o bombardeio de todas as partes da cidade e dos fortes foi ainda mais intenso. Nossa artilharia respondeu e esta troca durou até as 3 da manhã, depois cessou.

Na cidade, houve casas destruídas e incêndios que foram rapidamente controlados; um obus caiu sobre o edifício do Revkom, ferindo dois marinheiros e deixando um soldado vermelho com concussão. Também houve feridos nas casas destruídas. A população ajudou ativamente a retirar os escombros, a evacuar os feridos para o hospital e a retirar os corpos, assim como a apagar os incêndios; tudo isto sob o fogo mortífero dos canhões inimigos. Esta ajuda aliviou em uma grande maneira a guarnição da fortaleza e da cidade, que não podia se ocupar de tudo de uma vez.

17 de março

Às 4h30min da manhã, o inimigo lançou uma ofensiva geral enviando numerosas levas de assaltantes em mortalhas brancas sobre um grande espaço para apoderarem-se de Kronstadt pelos lados sul, oeste e leste. As levas de atacantes foram recebidas pelo fogo de nossas baterias e de nossas metralhadoras.

Os assaltantes caíam como feixes de searas ceifadas, mas os que escapavam continuavam avançando, dispersando-se em todos os sentidos. O inimigo conseguiu refugiar-se próximo ao quartel de instrução, graças a uma grande evasiva e às mortalhas brancas que os soldados carregavam, sem que fosse percebido. Encontrando-se, assim, no flanco da sexta bateria disposta próxima às portas de

Petrogrado, sobre o depósito de carvão, o inimigo apoderou-se com um rápido ataque, passando pela fábrica de gás. Os assaltantes forçaram as portas de Petrogrado sofrendo grandes perdas; todavia, conseguiram apossar-se do quartel de instrução.

O quartel do norte foi deixado para trás; 60 marinheiros tinham se refugiado ali, somente 4 puderam sair.

Tendo ocupado o hospital, o quartel de instrução e a central telefônica, os bolcheviques exigiram que os empregados, sob ameaça de morte, transmitissem tudo o que lhes era comunicado.

Esta ação introduziu uma certa confusão na defesa Kronstadt. O inimigo liberou os 174 bolcheviques, detidos na prisão, e apossou-se da sala de armas, do depósito de alimentos, da escola de máquinas e de todo o bairro até o polígono de tiro. Grupos de inimigos isolados puderam chegar inclusive até o estado-maior militar e a catedral marítima. Instalaram duas metralhadoras na casa do antigo Moltchanoff, mediante as quais controlavam toda a rua.

Simultaneamente, uma grande ofensiva teve lugar sobre o porto militar sobre o reservatório italiano, sobre a Bolsa, e sobre as portas da cidadela, do lado do forte Piotr. Igualmente, os fortes do sul e as baterias 4, 6 e 7 foram intensamente atacadas. A cidade estava um inferno. Os canhões trovejavam por todas as partes. As metralhadoras crepitavam e os fuzis disparavam. As balas silvavam por todas as partes. Tinha sido criada uma terrível confusão. Por todas as partes, tinham lugar lutas enfurecidas. Era difícil o reconhecimento já que os comunistas tinham deixado suas mortalhas brancas ao se dispersarem pela cidade. Além disso, evidentemente, deve-se dizer também que os bolcheviques que não foram detidos antes desempenharam um papel nada menosprezável, disparando nos insurretos pelas costas, o que propagou o pânico e a confusão entre a guarnição. Em um momento, o inimigo pôde apossar-se das portas da cidadela, e avançou rapidamente em direção à via férrea a fim de tomar as portas de Kronstadt, mas o impedimos. As perdas inimigas ali foram enormes. O combate era particularmente sangrento pelos dois lados. Fora da guarnição, operários, mulheres e até adolescentes combatiam. Às 14h, conseguimos desalojar o inimigo deste bairro.

Fizemos mais de 1.200 prisioneiros. O resto do inimigo recuou até os fortes do sul. Então começamos a limpar a parte sul da cidade: o depósito de alimentos, a sala de armas, e uma parte da rua Pesotchnaia foram liberados; ainda fizemos 2.200 prisioneiros na praça próxima à catedral.

Pela manhã, a sexta bateria norte foi tomada pelo inimigo, depois a quinta, que tinha apenas uma metralhadora. A quarta tinha sido abandonada sob a pressão inimiga.

Os comunistas lançaram um assalto sobre a parte oriental de Kotlin, mas foram repelidos e se refugiaram nas baterias 4, 5 e 6.

Próximo às portas de Petrogrado, o combate continuava com nossa vantagem, mesmo que chegassem reforços ao inimigo sem cessar. Às 5 da tarde, tendo recebido reforços, o inimigo lançou um novo assalto contra as portas da cidadela, apossando-se dela, e se dispôs próximo do laboratório, mas nossas reservas sobreviveram e os repelimos de novo. Os comunistas conseguiram apoderarem-se dos fortes do sul 1 e 2. Neste momento, foram apercebidos reforços inimigos pelo lado de Oranienbaum; as

reservas foram enviadas ao seu encontro até a parte oeste de Kotlin. Sem cessar, chegavam reforços sobre a ribeira norte dos fortes 6 e 7; notou-se um importante movimento de tropas na região de Oranienbaum e de colunas de cavalaria pelo lado de Petrogrado. A cidade, os fortes e o povo eram bombardeados pela artilharia sul e norte, assim como pelos trens blindados. Krasnaya Gorka atirava unicamente sobre o porto.

Nossa artilharia – do *Petropavlovsk*, do *Sevastopol* e dos fortes – disparava exclusivamente sobre a ofensiva inimiga, fazendo com que o gelo rachasse, e afogava os assaltantes. Apesar disso, as cadeias inimigas se disseminavam cada vez mais e acediam como formigas sobre o gelo.

Às 6 da tarde, restavam em nossa posse os seguintes fortes: Constantine, Riev, Totleben, Maritimen e Krasnoarmeetz; porém, alguns destes fortes estavam dispostos de maneira que não podiam se defender além do lado do mar, e não todo de todo o seu redor.

Havia também os fortes Chanets e Milyutin, sem importância militar; além dos encouraçados *Petropavlovsk* e *Sevastopol*. Às 6 da tarde, chegaram petições do forte Topleten: “Enviem-nos 200 homens e 5 metralhadoras, já que só nos resta um canhão”; do forte Riev: “Pedimos um reforço de 100 homens com duas metralhadoras já que as peças dos canhões estão começando a funcionar mal”; do forte Constantine: “Pedimos um reforço de 150 homens com metralhadoras, de outra forma não poderemos conter a pressão inimiga e teremos que evacuar o forte”.

Pedíamos reforços por todas as partes para compensar as perdas: comandantes, artilheiros, metralhadoras; o *Sevastopol* nos disse que não restavam mais de três obuses de doze e que não tinham nada para disparar. Além disso, muitas peças de artilharia estavam defeituosas, os compressores rotos, os suportes partidos, alguns canhões apresentavam fendas, e nestas condições não podiam ser carregados.

Algo parecido nos chegava do *Petropavlovsk*. A ancoragem dos cascos constituía um grande inconveniente, já que estavam bordo contra bordo, e só podiam disparar de um único lado. Além disso, era impossível separá-los já que não restava carvão no *Sevastopol*, e ele utilizava a energia elétrica do *Petropavlovsk*; no fim, não havia um quebra-gelo para liberar a passagem dos cascos.

Os combates se prolongavam em torno das portas de Petrogrado. Os operários levavam a cabo uma luta desesperada, aliviando muito a guarnição; as mulheres participavam dos combates recolhendo os cartuchos dos mortos para os dar àqueles que combatiam, já que as munições começavam a faltar, os operários tinham os assaltantes sob o fogo das metralhadoras do alto dos tetos e dos celeiros.

Dois esquadrões de cavalaria que tinham adentrado Kronstadt foram imediatamente varridos por seus habitantes. Do alto da cidade, se via como chegavam os reforços inimigos que se agrupavam em torno dos fortes, cercando a cidade.

A guarnição da cidade era pouco numerosa, composta do 560º regimento e de grupos de marinheiros, com um total de 350 fuzis. Muitos marinheiros estavam, por assim dizer, descalços⁶, e não podiam participar do combate. Nos faltavam especialistas e enquadramento. Uma escassa ração, um serviço ininterrupto durante 15 dias, um combate de 10 dias, em particular no último dia, desde as 4h30min da manhã até a tarde, o combate de rua, tudo isto rompeu definitivamente as forças da

guarnição. A diminuição da guarnição como consequência dos ataques; a ausência de reservas e de esperança de abastecimento e ajuda militar exterior; tudo nos fazia entender que não podíamos repelir outro ataque, que seria continuado com outros assaltos.

O presidente do Revkom, tendo analisado a situação com o responsável da defesa, decidiu retirar-se, ao cair da noite, para os fortes de Krasnoarmeeetz, Riev e Totleben, de onde tentaríamos resistir. Foram convocadas urgentemente todas as *troikas* revolucionárias e se colocaram de acordo para colocarem-se em ordem de batalha, ao cair da noite, nos fortes designados; recomendou-se que não se propagasse o pânico já que neste caso todas as unidades e a guarnição podiam perecer inutilmente. Foram enviados emissários ali onde tinha sido cortada a comunicação. Foi comunicado ao comando da cidade que esta tinha que ser abandonada e com ela todos os operários que desejassem, já que estavam sob sua responsabilidade.

O estado-maior da defesa se dividiu em dois grupos, um que deveria ir ao forte Krasnoarmeeetz e tomar suas próprias disposições, e outro que deveria ficar em seu lugar para transmitir todas as disposições ao forte Krasnoarmeeetz.

Desta maneira, às 8h10min da tarde, eu abandonava Kronstadt com o responsável pela defesa e nossos colaboradores para ir ao forte anteriormente citado.

Pela estrada, os grupos marchavam em direção aos fortes, mas 2 km antes de chegar, vimos um grande movimento de grandes massas de homens nas imediações do forte.

Choviam os obuses fazendo numerosas vítimas. O forte se calou bruscamente. Ao chegar ao forte, vimos que a estação elétrica estava destruída, os fios telefônicos cortados e 6 pesados canhões inutilizados; os canhões de maior calibre não giravam e estavam orientados em direção ao mar. Eram por volta de 9h30 da tarde. A estrada que ia do forte a Kronstadt estava cortada e só restava uma saída: ir em direção à fronteira finlandesa.

Foi assim como o primeiro grupo do estado-maior, aquele em que me encontrava, abandonou Kronstadt.

O segundo grupo saiu de Kronstadt às 10h30 da tarde e chegou também à Finlândia; 4 membros do Revkom não puderam se juntar a nós. Sua sorte me é desconhecida.

Segundo disseram os últimos prisioneiros que fizemos, o inimigo dispunha, além de uma numerosa artilharia, de 4 trens blindados e de 8 canhões em cima de tratores, e que haviam sido concentrados na região de Oranienbaum cerca de 50 mil fuzis, e 30 mil em Sestroretsk e Lissy Noss, além de um número indeterminado de cavalaria. As tropas eram compostas principalmente de *kursanti*, de membros do Partido Comunista, de tchekistas, de destacamento de pedágio, de permanentes dos Sovietes locais, de mongóis, de bachkirs e de outras tropas asiáticas. Do mais profundo da Rússia tinham sido levados regimentos inteiros, mas não eram enviados todos de uma vez, cada regimento era dividido em vários grupos e misturados com outros regimentos, e quando iam a um assalto, bolcheviques comprovados iam atrás deles.

Os bolcheviques persuadiam os soldados de que eles iam combater com bandos de oficiais que tinham se valido de Kronstadt e que tinham detido todos os marinheiros, que já havia soldados finlandeses convocados por estes militares

rasteiros. Para convencer ainda mais os soldados, vestiam membros do Partido Comunista com uniformes de oficiais com dragonas e medalhas, e os passeavam perante as tropas declarando que eram prisioneiros de Kronstadt e que era contra eles que era preciso lutar.

Da mesma forma, vestiam outros comunistas com uniformes finlandeses, passeando-os da mesma forma perante as tropas e com as mesmas palavras. Diziam por exemplo que os marinheiros e os soldados vermelhos tinham deixado Kronstadt há muito tempo e tinham se refugiado na Finlândia, que só restava um bando de oficiais que seria fácil liquidar. Contavam também aos asiáticos que o golfo era um grande campo e que atrás dele havia uma grande cidade que era preciso tomar, já que um bando de espadachins a tinha tomado e fazia o terror reinar contra a população.

Por exemplo, um mongol explicou: “Estive em muitas frentes, vi muitas cidades, mas nunca uma tão grande. Eu vi muitos obuses mas nunca como esses, já que quando explodem fazem um grande buraco na água e nos fazem cair nela. Nunca tinha visto obuses aquáticos como esses. Eu prefiro disparar de um único sítio, sentado e estirado, enquanto ali a água me despediu nove vezes”⁷.

Mediante diferentes pretextos e enganos enviavam as pessoas sobre o gelo. E uma vez ali não podiam retroceder, porque então os bolcheviques abriam sobre eles um fogo de metralhadoras e artilharia. Sua situação era verdadeiramente espantosa já que, se quisessem retroceder, a cadeia bolchevique que lhes seguia abria fogo sobre eles. Os prisioneiros contaram também que se aparecessem dúvidas em um regimento ele era desarmado imediatamente e enviado para não se sabe onde, ou então era fuzilado um de cinco, enviando o resto ao assalto.

Ninguém conhecia realmente a verdadeira situação de Kronstadt. Estávamos absolutamente separados do mundo exterior. Não tendo nem um único avião, não podíamos informar ninguém.

É preciso assinalar que os bolcheviques não puderam enviar tropa alguma de Petrogrado e de sua região, nem de infantaria nem de marinheiros. Em Petrogrado, compreendeu-se em seguida que os marinheiros tinham se sublevado. Os torpedeiros ancorados em Petrogrado foram desarmados e os percutores dos canhões foram retirados.

Da mesma maneira, estava inutilizável tudo o que poderia servir nos encouraçados *Gangut* e *Poltava* que de todas as maneiras não podiam funcionar pois estavam pendentes de reparos. As equipes dos cascos foram detidas e evacuadas de Petrogrado para um local desconhecido. As unidades militares da guarnição foram aquarteladas, sem armas nem uniformes, sob uma forte vigilância.

Quando começaram as reuniões em Kronstadt, ou seja, a partir de 27 e 28 de fevereiro, a situação dos bolcheviques começou a não ter saída. Tentaram obter pequenas permissões para os marinheiros enviando-os ao país, a Petrogrado, a Oranienbaum e a outras localidades vizinhas. Conseguiram assim retirar de Kronstadt mais de mil marinheiros, o que debilitou consideravelmente a guarnição, especialmente porque entre os que conseguiram permissões havia especialistas indispensáveis como os galvanômetros, os metralhadores etc., que teriam sido de grande valor em Kronstadt. Os comissários fizeram isto então com conhecimento de causa.

Eis aqui então as condições e as circunstâncias nas quais Kronstadt se encontrou antes da formação do Comitê Revolucionário, durante sua existência e até sua saída. Só acrescentarei que a honra e a glória dos habitantes de Kronstadt, ao defenderem o autêntico poder dos Sovietes livremente eleitos e não o poder dos partidos, foi ter demonstrado a todo o mundo como sem nenhuma violência e com a consciência tranquila o povo trabalhador pode levar a luta em direção à sua emancipação total.

Foi demonstrado, em particular aos membros do Partido Comunista Russo, que, ainda que sejam os mais ferozes inimigos do povo trabalhador, este mostrou mais uma vez, ao longo de um combate desesperado, sua grandeza de alma russa, e sua força, provando que é realmente capaz de perdoar seus inimigos não em palavras e sobre o papel, mas de fato.

Kronstadt custou caro aos bolcheviques. A queda de Kronstadt é a queda dos bolcheviques.

Os bolcheviques podem fuzilar os rebeldes de Kronstadt, mas não poderão jamais fuzilar a verdade de Kronstadt.

Notas

¹Lembremos que os *kursanti* eram os cadetes militares, os novos “junkers” do Exército Vermelho, submetidos a um férreo doutrinamento.

²Presidente da República “Soviética”.

³Medida de longitude do antigo sistema russo. Uma versta = 1,06 km.

⁴Cadeia significa neste contexto várias fileiras de assaltantes, espaçados entre si por dois ou três metros, apresentando-se frontalmente ao objetivo (N.T.).

⁵Sapatos trançados com fibras de cânhamo.

⁶Os marinheiros que faziam o serviço nos cascos usavam botas de feltro que eram imprestáveis na neve ou no gelo (N.T.).

⁷Os mongóis falavam pouco ou nada de russo. Petritchenko recolhe as explicações do prisioneiro tal como as ouviu, o que explica o estilo direto e confuso desta passagem (N.T.).